

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JACKLAINE DE ALMEIDA SILVA

**INFÂNCIAS SECAS:
O FLAGELO DA FOME NO MODERNISMO DO NORDESTE**

**João Pessoa,
Março de 2014**

JACKLAINE DE ALMEIDA SILVA

**INFÂNCIAS SECAS:
O FLAGELO DA FOME NO MODERNISMO DO NORDESTE**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba – PPGL – como requisito para a obtenção do título de doutor em Literatura.

Área de Concentração: Literatura e Cultura

Linha de Pesquisa: Memória e Produção Cultural

Orientadora: Profa. Dra. Wilma Martins de Mendonça

**João Pessoa,
Março de 2014**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Wilma Martins de Mendonça – UFPB
(Orientadora)

Profa. Dra. Zélia Monteiro Bora – UFPB
(Examinadora)

Prof. Dr. Expedito Ferraz Júnior – UFPB
(Examinador)

Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza – UEPB
(Examinadora)

Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva – UEPB
(Examinador)

Profa. Dra. Vaneide Lima Silva – UEPB
(Examinadora Suplente)

Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães – UEPB
(Examinadora Suplente)

Resultado:

João Pessoa, ____/____/____

Ao meu filho, **Otávio Almeida Bernardo**, pela companhia e por me fazer enxergar que, mesmo em meio às limitações diárias, há sempre motivos para continuar.

A todas as crianças que sofreram e ainda sofrem de privação alimentar.

AGRADECIMENTOS

À querida professora **Wilma Martins de Mendonça**, pela orientação, sabedoria e cuidado com o meu trabalho, mas, também, pela paciência, confiança e compreensão;

Aos professores **Exedito Ferraz** e **Zélia Bora**, pela atenção demonstrada na leitura do meu texto;

Ao professor **Marcelo Medeiros**, amigo de longas datas, presente em todas as horas, pelo carinho;

À professora **Zuleide Duarte**, pelas palavras de incentivo, pela disponibilidade e pelo carinho;

Às professoras **Kalina Naro** e **Vaneide Lima**, pela disponibilidade, atenção e delicadeza demonstradas;

Ao querido professor **Edilson de Amorim**, pelas experiências compartilhadas na Especialização e Mestrado da UFCG;

À querida professora **Lúcia Agra**, por, desde o começo, ter acreditado no meu potencial, me incentivando a crescer academicamente;

À professora **Ana Kiffer**, pelos textos compartilhados, e à colega **Ariadne Costa**, por ter intercambiado nosso contato;

Aos amigos **Ana Alfrida** e **Alessandro Giordano**, pela elaboração das traduções do resumo desta tese;

Ao amigo **Rafael Melo**, pelas sugestões e energia positiva passada;

A **Ueliton Vagner**, pela amizade, pela torcida e pela cumplicidade;

À piauiense **Lilásia Leão**, a quem aprendi a admirar, pelas palavras de carinho, pela presença, pela sensibilidade, pela amizade;

Aos colegas doutores, **Edson Tavares**, **Virna Lúcia**, **Ana Lúcia Neves**, **Célia Ribeiro** e **Socorro Montenegro**, pela partilha dos sabores e dissabores encontrados no percurso acadêmico;

Ao **Programa de Pós-Graduação em Letras** da Universidade Federal da Paraíba, especialmente às professoras **Ana Marinho** e **Liane Schneider**, pelas aulas

ministradas, pelas observações, pela simpatia e gentileza durante o convívio acadêmico;

Ao **CNPq** (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo investimento financeiro despendido para o desenvolvimento desta pesquisa.

– Nestes cemitérios gerais
os mortos não variam nada.
– É como se morrendo
nascessem de uma raça.
– Todos estes mortos parece
que são irmãos, é o mesmo porte.
– Se não da mesma mãe,
irmãos da mesma morte.
– E mais ainda: que irmãos gêmeos,
do molde igual do mesmo ovário.
– Concebidos durante
a mesma seca-parto.
– Todos filhos da morte-mãe,
ou mãe-morte, que é mais exato.
– De qualquer forma, todos,
gêmeos, e morti-natos.

João Cabral de Melo Neto

RESUMO

Acostado à perspectiva estética e analítica de Antonio Candido, o trabalho acadêmico **Infâncias secas: o flagelo da fome no Modernismo do Nordeste** trata do estudo das representações do mundo infantil sob o flagelo da fome, decorrente das frequentes estiagens na região que, aliada à inoperância e ao descaso do Estado brasileiro, condena os sertanejos nordestinos, em especial suas crianças, à privação alimentar, ao êxodo penoso e forçado, submetendo-as à desagregação social, sequestrando-lhes a infância e, no mais das vezes, a própria vida. Nessa compreensão, elegeu-se, como objetos de análise, o discurso romanesco de Rachel de Queiroz, *O Quinze* (1930), e a narrativa de Graciliano Ramos, *Vidas secas*, publicada oito anos depois do romance da escritora cearense. As obras escolhidas se apresentam, para nós, como exemplos privilegiados da tematização da fome, em particular da fome infantil, na literatura brasileira. Ao mesmo tempo, se constituem enquanto textos paradigmáticos da vertente modernista do Nordeste, que se opõe às concepções otimistas dos românticos quanto ao país, criando a noção de subdesenvolvimento, de pobreza e de anomia nacional, redirecionando, num trajeto de subversão, o olhar literário sobre o Brasil (CANDIDO, 1989). A denúncia ficcional, nas obras escolhidas, se processa, notadamente, através das descrições, das crianças-retirantes, espoliadas do direito natural à alimentação, ou seja, do próprio viver. Tais descrições, elaboradas pelo tom da tragicidade, transformam esses romances em mostras decisivas de afirmação de um projeto outro de nacionalidade, ilustrando, de maneira irrefutável, a diversidade do Modernismo brasileiro.

Palavras-chave: Fome; Criança; Modernismo do Nordeste.

RESUMEN

Acostado a la perspectiva estética y analítica de Antonio Candido, el trabajo académico **Infâncias secas: o flagelo da fome no Modernismo do Nordeste** trata del estudio de las representaciones del mundo infantil bajo el flagelo del hambre, decurrente de los frecuentes estiajes en la región que, aliada con la inoperancia y con la desatención del estado brasileño, condena los agrestes del noreste, en particular sus niños, a la privación alimentaria, al éxodo penoso y forzoso, sometiéndolos a la disgregación social, secuestrándoles a la infancia y, la mayoría de las veces, a su propia vida. En esa comprensión han sido escogidas, como objeto de análisis, el discurso romanescos de Rachel de Queiroz, *O Quinze* (1930), y la narrativa de Graciliano Ramos, *Vidas secas*, publicada ocho años después de la novela de la escritora cearense. Las obras escogidas se presentan, para nosotros, como ejemplos privilegiados de la tematización del hambre, en particular del hambre infantil, en la literatura brasileña. Al mismo tiempo, se constituyen como textos paradigmáticos de la vertiente modernista del Noreste, que opone, a las concepciones optimistas de los románticos en relación al país, la noción de subdesarrollo, de la pobreza y de anomia nacional, redireccionando, en un recorrido de subversión, la mirada literaria sobre Brasil (CANDIDO, 1989). La denuncia ficcional, en las obras escogidas, se procesa, notadamente, a través de las descripciones, de los niños-retirantes, despojados del derecho natural de alimentación, o sea, de su próprio vivir. Tales descripciones, elaboradas por el tono de tragicidad, transforman esas novelas en muestras decisivas de afirmación de un proyecto otro de nacionalidad, ilustrando, de forma irrefutable, la diversidad del Modernismo brasileño.

Palabras-clave: Hambre; Niños; Modernismo del Noreste.

ABSTRACT

Supported by Antonio Candido's aesthetic and analytical perspective, the academic paper **Dried Childhoods: the scourge of hunger during the Modernism period in the Northeast of Brazil** presents the study of the representations of the child's world under the scourge of hunger as a result from frequent droughts in the region that, associated to the indifference of the Brazilian state, condemns the Northeast people, especially its children, to food deprivation, painful and forced exodus, subjecting them to social breakdown, kidnapping them of their childhood and, in most cases, of their own lives. In this understanding, was elected, as analysis objects, Raquel de Queiroz novelistic discourse *O Quinze* (1930), and the narrative from Graciliano Ramos *Vidas Secas* published eight years after the novel from Raquel's writer. The selected works are presented to us as privileged examples of hunger thematic, particularly, child hunger in Brazilian literature. At the same time, are constituted as paradigmatic texts of modernist strand of the Northeast, which opposes the optimistic views of romantic concerning the country, the notion of underdevelopment, poverty and domestic anomie, redirecting, a path of subversion, literary look at Brazil (Candido, 1989). The fictional complaint, the works selected, proceeds notably, through the descriptions of child migrants, robbed them of the natural right to food, or their own living. Such descriptions, prepared by the tragic tone, turn these novels into decisive statement showing another nationality's project, illustrating, irrefutably, the diversity of Brazilian Modernism.

Key-words: Hunger- Child- Modernism of the Northeast region.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
LITERATURA E SOCIEDADE: A DIALÉTICA ENTRE OBRA DE ARTE E REALIDADE SOCIAL.....	12
 CAPÍTULO I	
ENTRE O REAL E O FICCIONAL: O FLAGELO DA FOME NA LITERATURA BRASILEIRA.....	20
 CAPÍTULO II	
OS PEQUENOS FAMINTOS DE RACHEL DE QUEIROZ NA GRANDE SECA D'O QUINZE: A BUSCA DE UM LUGAR NO CENÁRIO NACIONAL.....	45
 CAPÍTULO III	
OS RAMOS DA FOME NAS <i>VIDAS SECAS</i> DOS MENINOS DE GRACILIANO: O NÃO-LUGAR DO RETIRANTE NORDESTINO.....	67
 CAPÍTULO IV	
FOME DE BRASILIDADE: A SAGA DO RETIRANTE INFANTIL COMO SÍMBOLO DO ENGAJAMENTO DO MODERNISMO NORDESTINO.....	93
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	
BRASIL: O MENINO FAMINTO DE LITERATURA NACIONAL.....	122
 FONTES BIBLIOGRÁFICAS.....	131

INTRODUÇÃO

LITERATURA E SOCIEDADE: A DIALÉTICA ENTRE OBRA DE ARTE E REALIDADE SOCIAL

Êh coisas de minha terra, passados e formas de agora,
Êh ritmos de síncopa e cheiros lentos de sertão,
Varando contracorrente o mato impenetrável do meu
ser...

Mário de Andrade

Este trabalho, intitulado **Infâncias secas: o flagelo da fome no Modernismo do Nordeste**¹, constitui-se como uma pesquisa acerca das representações do lugar do retirante infantil, sob o flagelo da fome, no mundo seco do Nordeste, e de como esse espaço é (re)configurado quando vinculado ao engajamento político-social do Movimento Modernista nordestino.

¹ A expressão Modernismo do Nordeste, utilizada neste trabalho, diz respeito aos escritos produzidos no período de 1928 a 1946, de José Américo de Almeida a Jorge Amado.

Na busca pela formação de uma literatura brasileira, os autores do Modernismo do Nordeste conseguiram, através da temática da fome do retirante, sobretudo dos retirantes mirins, construir um ideário nacional solidificado, na medida em que discutiram o (não)lugar do povo nordestino, ou seja, o lugar do qual essas gentes, espécie de *cães sem plumas*, são arrancadas pelas políticas vigentes. O mito do lugar paradisíaco onde “em se plantando tudo dá” é desconstruído pelos romancistas do Modernismo, que revelam uma das faces do espaço brasileiro: país de gente faminta de bens alimentícios, mas também de uma identidade que configure realmente a cara de nossa nação. A dialética entre o lugar e o não lugar do retirante nordestino é o eixo de sustentabilidade deste trabalho, uma vez que, inicialmente, critica o lugar que ao povo brasileiro foi negado, para, em seguida, devolver esse lugar, na medida em que evidencia que é essa história, de um Brasil faminto, que configura a história nacional.

Nos romances do Modernismo nordestino, a exemplo de *A Bagaceira* (1928), *O Quinze* (1930), *Vidas secas* (1938) e *Seara vermelha* (1946), de José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado, respectivamente, a personagem infantil, que sofre de privação alimentar, ora é apresentada como um ser frágil, ora como um ser forte, bicho instintivo que precisa se adaptar para sobreviver às rudezas do sistema socioeconômico do qual faz parte. Duro e seco, esse mundo deixa os pequenos retirantes sem expectativas de um futuro diferente dos de seus pais, tendo em vista que a seca e, conseqüentemente, a fome se mostram como movimentos cíclicos: embora passem, há sempre a certeza de que voltarão a maltratar a vida dos sertanejos, os verdadeiros representantes da seca e da fome nordestinas. Nessa perspectiva, observamos, neste trabalho, os modos pelos quais os autores elencados configuram, na década de trinta, as personagens infantis no enfrentamento da fome no mundo seco do Nordeste em seus percursos de fuga da seca nordestina sob a sombra de uma vida e de uma morte severinas.

Embora tenhamos realizado um breve mapeamento dos principais romances² que abordam a temática da fome na historiografia literária brasileira, escolhemos, como objetos de análise que delinearão este estudo, as obras *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, pelo fato de serem elas as mais representativas da temática da fome infantil dos retirantes nordestinos, viés que delimita nossa pesquisa. Além do mais, ao tematizarem, em suas obras, o mundo famélico das crianças retirantes, tanto Rachel de Queiroz quanto Graciliano Ramos expressam uma profunda preocupação com a iniciação e a formação de nossos pequenos no trato com a literatura.

A primeira escreve quatro obras para o público leitor infantil, como as narrativas *O menino mágico* (1969), *Cafute e Pena-de-Prata* (1986), *Andira* (1992) e *Cenas brasileiras* (1995), repletas de personagens crianças em suas descobertas de si e do mundo. Quanto a Graciliano Ramos, há de se observar o acentuado cuidado com a formação literária de nossas crianças, o qual levaria o escritor a elaborar, em 1951, uma carta às crianças, estabelecendo uma conversa literária com elas, algo de certa forma inusitado entre nós. No que se refere a sua produção literária, o romancista publica, em junho de 1904, aos doze anos de idade, um conto, “Pequeno pedinte”, no primeiro número do *Dilúculo* (jornal infantil da escola onde estudava, editado em Maceió). Esse primeiro texto, escrito por Graciliano, já narra a história de uma personagem infantil em situação de privação alimentar. Anos depois, o autor escreve outras narrativas em que os pequenos são personagens relevantes, como *A terra dos meninos pelados* (1937), *Vidas secas* (1938), *Infância* (1945) e “Minsk” e “Luciana”, esses últimos, contos presentes no livro *Insônia* (1946).

Em relação à compreensão do fenômeno famélico, utilizamo-nos da obra *Geografia da fome*, publicada em 1946, pelo sociólogo Josué de Castro, voltada para a reflexão sobre a fome no Brasil, de maneira mais alongada para a presença desse flagelo no Nordeste. O autor é precursor do assunto e enfatiza, em sua obra, a importância do conceito e do mapeamento da fome no Brasil. No capítulo “Área do

² Os *retirantes* (1879), *A fome* (1890), *A Bagaceira* (1928), *O Quinze* (1930), *Vidas secas* (1938) e *Seara vermelha* (1946), de José do Patrocínio, Rodolfo Teófilo, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado, respectivamente.

sertão do Nordeste", Josué de Castro apresenta e analisa o contexto da privação alimentar e suas consequências no sertão nordestino e, por conseguinte, na sociedade brasileira. A posição política do estudioso se fundamenta na reivindicação do direito fundamental dos seres humanos de se alimentarem normalmente. Direito, este, que, paradoxalmente, não é reconhecido, embora natural e evidente, segundo Alain Tobelem (1974).

Aos estudos de Josué de Castro, adicionamos também as pesquisas de Ricardo Abramovay (1986), Nelson Chaves (1982), Miranda Neto (1985; 1988), Alain Tobelem (1974), entre outros que desenvolveram trabalhos sobre a fome coletiva. Lançamos mão também dos estudos historiográficos do sociólogo Marco Villa (2001), apresentando, panoramicamente, o percurso da fome na literatura brasileira, de suas origens até o período do Modernismo, assunto, o da fome, analisado, inicialmente, por Josué de Castro (1984).

No que se refere à literatura, Ana Kiffer (2011), em seus estudos voltados para a fome, afirma que o papel do texto literário, em relação à experiência famélica, surge no momento em que a literatura se posiciona como denunciadora da realidade que a cerca. Desse modo, a estudiosa levanta a hipótese de que a fome seria um dos traços de brasilidade impedido de vir à tona por causa da vergonha, do silêncio que fez o assunto virar *tabu*. É nesse sentido que os romancistas do Nordeste, engajados com as questões sociais de sua região, se tornam denunciantes das mazelas sociais que assolam principalmente o sertão, gritando e reivindicando, através da linguagem artística, por soluções para o sofrimento do povo brasileiro.

Quanto ao nosso gesto de leitura, apoiamo-nos nas próprias demandas das obras escolhidas – *O Quinze* e *Vidas secas* –, tendo em vista ser esse o método privilegiado por Antonio Candido. Para o referido crítico, as questões estéticas e literárias são pontos essenciais das análises literárias. Candido (2000) deixa claro que, embora o crítico literário deva buscar aspectos da crítica com os quais mais se identifica, ele não deve se fechar a outras tendências, caso o texto exija.

A perspectiva da arte literária defendida por Antonio Candido advém de sua interpretação dos estudos do filósofo e crítico literário Georg Lukács³. Em estreita sintonia com os questionamentos do pensador húngaro, Candido retoma, exaustivamente, no Brasil, essa relação dialética entre a literatura e a sociedade:

É este, com efeito, o núcleo do problema, pois quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, idéias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético). (CANDIDO, 2000, p. 6)

De acordo com os ensinamentos de Antonio Candido, portanto, a crítica pode investigar como determinado fator da realidade exterior se corporifica e se textualiza na intrincada teia estrutural da obra de arte – fazendo parte de seu sentido, não como extrato imediato de seu conteúdo, mas funcional dentro de sua construção arquitetônica de objeto cultural – para que a literatura assim possa, como ente autônomo, ser estudada em si mesma. Conforme o autor, o dado externo, ou seja, o social importa não como causa ou significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.

Nessa compreensão, acerca da relação dialética entre a obra de arte e a realidade social, utilizamo-nos da perspectiva crítica de Antonio Candido, conhecida como *Crítica integral*, exposta em seu livro *Literatura e sociedade* (2000). Assim, nos apoiamos na concepção que reconhece os elementos histórico-sociais como agentes de constituição da fatura literária e, dessa forma, procuramos observar como, segundo Candido (2000), o “dado social” ganha função nos textos que constituem o nosso *corpus*.

³ Arredio ao positivismo, Lukács redige, entre os anos de 1914-1915, *A teoria do romance*, publicada de forma livresca em 1916. A partir de 1918, data de seu ingresso no Partido Comunista da Hungria, o teórico adota o materialismo dialético como visor de análise dos fenômenos estéticos e culturais. Nessa visão, relega sua obra à categoria de equívoco, fato que não a impediu de se tornar fonte de consulta dos mais variados estudiosos europeus e brasileiros.

Trabalhamos, nesse sentido, a partir da perspectiva defendida pelo viés literatura e sociedade, que pensa a literatura como um fenômeno diretamente ligado à vida social, ou seja, a literatura é criada dentro de um contexto, numa determinada língua, lugar e tempo, portanto, ela carrega consigo as marcas desse contexto. E é justamente estudando essas marcas dentro da literatura que passamos a compreender a forma como essa sociedade se estrutura e estrutura seus valores. O texto passa, assim, a refletir o todo social, a maneira como a própria sociedade está montada e organizada, através da especificidade do discurso ficcional.

No que se refere aos romances analisados aqui, trazem um tema social, visto que desmascaram uma realidade rotineira na época: a fome coletiva. Desse modo, nosso objetivo é analisar os romances em apreço, observando de que forma o dado *externo* que, tornado *interno*, faz essas obras significarem. Ou seja, conforme Antonio Candido (1999), mostrar o valor humano e universal, a partir da construção da forma literária, que vai além do próprio problema tematizado. É mostrar o quanto a linguagem é fator significativo na construção de sentido dos textos e o quanto ela sensibiliza e humaniza, em sentido profundo, porque faz o leitor sentir e viver a experiência do outro como se sua fosse e, a partir dela, se tornar um ser social melhor, que consegue viver bem em seu meio.

É nessa perspectiva que surgem os **questionamentos** norteadores desta pesquisa: Quais os modos de expressão da fome na literatura brasileira? O que significa representar a fome infantil no universo da palavra literária? De que forma os romancistas do Modernismo nordestino representaram literariamente a questão da fome infantil do sertão? Como a personagem infantil é representada nos romances *O Quinze* e *Vidas secas*, de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, respectivamente? Por que motivo os romances do Modernismo nordestino, especificamente os que versam sobre a temática da fome, podem ser considerados determinantes para a consolidação do projeto literário brasileiro?

Nossa busca é compreender a forma como os romancistas citados representam esteticamente suas personagens infantis nos espaços socioeconômicos e culturais onde ocorre o déficit alimentar em seus romances, apresentando a relação entre literatura e fome, tema pouco discutido em nosso meio acadêmico.

Nesse sentido, nosso **objetivo principal** é refletir sobre a experiência da seca e da fome no universo da palavra literária, mostrando o quanto os romances que abordam essa temática foram significativos para a construção e afirmação do ideário de brasilidade. Em decorrência desse objetivo, formulamos estes, de natureza mais específica: a) destacar a presença da seca e da fome na literatura brasileira; b) analisar o (não)lugar do retirante famélico nas obras *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; c) refletir sobre a experiência da fome das crianças-retirantes nos romances do Modernismo nordestino; d) discutir sobre o engajamento dos romancistas nordestinos na denúncia ficcional dos males que assolavam o ambiente brasileiro no período.

No que se refere à divisão deste trabalho, elaboramos quatro capítulos. No primeiro, intitulado **Entre o real e o ficcional: o flagelo da fome na literatura brasileira**, inicialmente, discutimos sobre os aspectos sociológicos da fome no Nordeste brasileiro, amparados pelos estudos do sociólogo Josué de Castro, e, em seguida, resenhamos dois romances considerados precursores da seca e da fome no Brasil – *Os retirantes* (1879) e *A fome* (1890), de José do Patrocínio e Rodolfo Teófilo, respectivamente –, mostrando a influência dessas obras na elaboração dos romances do Modernismo do Nordeste.

No segundo capítulo, **Os pequenos famintos de Rachel de Queiroz na grande seca d'O Quinze: a busca de um lugar no cenário nacional**, analisamos *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, como romance de ruptura entre o tradicional e o moderno, para enfatizar o nascimento do movimento Modernista do Nordeste e sua preocupação com o dado social. Engajada na luta pelo desenvolvimento de uma literatura de prestígio, Rachel de Queiroz vai buscar dados na vida das gentes sofridas do sertão, trazendo a criança retirante para o foco de suas análises, na intenção de evidenciar a existência de dois brasis meninos: um que engatinha a passos lentos, tentando se firmar como literatura de notoriedade, o que acontece até o Romantismo; e outro, um menino que já caminha com passos firmes e, por isso, consegue, a partir do Modernismo do Nordeste, projetar-se como literatura de destaque.

No terceiro capítulo, intitulado **Os ramos da fome nas *Vidas secas* dos meninos de Graciliano: o não-lugar do retirante nordestino**, analisamos as personagens infantis do romance *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, a fim de verificar como o romancista representa o flagelo cíclico da fome no movimento Modernista do Nordeste, assim como os ramos dessa fome que se encontra em todos os lugares mas que faz o povo brasileiro, sofrido, desamparado e cansado, lutar por um lugar que ele reconhece que nunca será seu.

No último capítulo, **Fome de brasilidade: a saga do retirante infantil como símbolo do engajamento do Modernismo nordestino**, apresentamos um panorama da fome na literatura brasileira, de suas origens até meados do século XX, traçando, com isso, uma historiografia sobre a fome do retirante infantil e o (não)lugar do nordestino como temática de consolidação do ideário de brasilidade. Para isso, enfatizamos a teoria do engajamento, defendida na obra *Formação da literatura brasileira*, publicada em 1956, por Antonio Candido, que verifica que nossa literatura, especialmente no Modernismo do Nordeste, persiste nos problemas sociais brasileiros e é marcada pelo compromisso com a vida nacional no seu conjunto.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para os estudos literários no Brasil, notadamente aqueles que representam o flagelo da fome durante o êxodo das famílias nordestinas, tendo em vista que defendemos a tese de que a temática da fome, consolidada no Modernismo do Nordeste, foi decisiva, tanto quanto o tema da seca e do cangaço, para a afirmação de uma das identidades brasileiras.

CAPÍTULO I

**ENTRE O REAL E O FICCIONAL:
O FLAGELO DA FOME NA LITERATURA BRASILEIRA**

A terra da Promissão, que eu te ia mostrar e que também ansioso buscava, não a vejo mais... Ainda não despontou à Vida.

Graça Aranha

Uma vez quebrado o silêncio que envolvia, historicamente, o fenômeno da fome, surgem, a partir dos estudos do pernambucano Josué de Castro, novos conceitos das diferentes formas de carência alimentar. Sendo assim, o assunto que, antes, era visto como *tabu*, a partir dos estudos do autor, torna-se objeto científico de análise, respaldado pela comunidade científica nacional e internacional.

Josué de Castro foi médico, geógrafo e sociólogo. Faleceu em 1973, sempre na luta contra a fome no mundo. Sua perspectiva de trabalho sempre foi discutir a

fome como força modeladora do comportamento moral do homem. Em seu livro, *Geografia da fome*, publicado em 1946, considerado um marco no processo de compreensão do fenômeno famélico, o autor deixa claro que o maior problema, causador da fome coletiva, está na má distribuição de renda de nosso país.

O livro *Geografia da fome* é desenvolvido a partir dos princípios fundamentais da ciência geográfica “cujo objetivo básico é localizar com precisão, delimitar e correlacionar os fenômenos naturais e culturais que ocorrem à superfície da terra” (CASTRO, 1984, p. 33-34). O objetivo de Josué de Castro, no livro, é analisar os hábitos alimentares dos diferentes grupos humanos ligados às diferentes regiões do Brasil. Sua postura é de procurar as causas naturais e sociais da fome no país. O autor foi o primeiro estudioso brasileiro na luta contra a fome, temática central de seus estudos, em que retrata a fome como produto de dominação política, como consequência da injustiça, como resultado da exploração econômica, como dependência. (MANÇANO e WALTER, 2000)

De acordo com Josué de Castro (1984), quando lemos ou ouvimos falar sobre fomes coletivas, sobre angustiadas massas humanas atacadas de epidemias de fome, definhando e morrendo por falta de um pouco de comida, as primeiras imagens que saltam a nossa consciência de homens civilizados são imagens típicas do Extremo Oriente. São:

Imagens evocativas das superpovoadas terras asiáticas com seus enxames humanos se agitando numa estéril e perpétua luta contra o ameaçador espectro da fome. Massas pululantes de esqueléticos *coolies* chineses. Manchas compactas de ascéticos indianos envolvidos em suas longas túnicas, lembrando uma procissão de múmias. Desesperadas multidões comprimidas nas sinuosas ruelas das cidades orientais, atoladas na lama imunda dos arrozais, asfixiadas de poeira nas estradas da China, estorricadas pelas secas periódicas. Multidões famintas que revelam em seus rostos, em seus gestos e em suas atitudes fatigadas a marca sinistra da fome. Tais são os cenários e os personagens a que nossa imaginação sempre recorreu para dar vida aos dramas da fome coletiva. (CASTRO, 1984, p. 55)

Conforme o estudioso, os leigos, os que têm conhecimento da fome apenas através do noticiário dos jornais, reduzem-na a apenas duas grandes regiões

geográficas: o Oriente exótico e a Europa devastada. Todavia, essa é uma impressão equivocada, segundo o autor, resultante da observação superficial do problema. Na realidade, como explica Josué de Castro, a fome coletiva é um fenômeno social bem mais generalizado. É um fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à sua ação nefasta:

Toda a terra dos homens tem sido também até hoje terra da fome. Mesmo nosso continente, chamado o da abundância e simbolizado até hoje nas lendas do Eldorado, sofre intensamente o flagelo da fome. E, se os estragos desse flagelo na América não são tão dramáticos como sempre foram no Extremo Oriente, nem tão espetaculares como se apresentaram nos últimos anos na Europa, nem por isso são menos trágicos, visto que, entre nós, esses estragos se fazem sentir mais sordidamente, minando a nossa riqueza humana numa persistente ação destruidora, geração após geração. (CASTRO, 1984, p. 56)

As misérias, como a fome, acabaram por transparecer com a predominância cada vez mais efetiva das ideias universalistas, da política de portas abertas. Em seu livro, Josué de Castro vai evidenciar que seria possível produzir alimentos suficientes para nutrir racionalmente a população brasileira, com a extensão territorial de que o país dispõe, e com sua infinita variedade de quadros climato-botânicos. Desse modo, deixa claro que os nossos hábitos alimentares defeituosos e nossos recursos alimentares deficitários são decorrentes da estrutura econômico-social na qual estamos inseridos.

De acordo com Josué de Castro (1984), as investigações científicas, realizadas em todas as partes do mundo, constataram o fato inconcebível de que dois terços da humanidade sofrem, de maneira epidêmica ou endêmica, os efeitos destruidores da fome. Nesse sentido, em *Geografia da fome*, ele apresenta e distingue o seu objeto de estudo, a fome coletiva, em dois tipos: a fome coletiva epidêmica (transitória) e a fome coletiva endêmica (permanente). A primeira, provocada por catástrofes ecológicas (enchentes, secas, terremotos), seria compreendida como a fome global, a mais aguda e violenta, a verdadeira inanição, de que se constitui a fome total. A segunda, conhecida como subalimentação, seria vista como a fome parcial, ou fome oculta, pela falta permanente de determinados

alimentos nutritivos nos regimes nutricionais. Josué de Castro conferiria uma atenção especial a essa fome, levando em conta a sua frequência e a sua ação sobre vastas populações, como podemos confirmar na citação abaixo:

Fenômeno muito mais frequente e mais grave, em suas consequências numéricas, da fome parcial, da chamada fome oculta, na qual, pela falta permanente de determinados elementos nutritivos, em seus regimes habituais, grupos inteiros de populações se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias. É principalmente o estudo dessas coletivas fomes parciais, dessas fomes específicas, em sua infinita variedade, que constitui o objetivo nuclear do nosso trabalho. (CASTRO, 1984, p. 37)

Para o sociólogo, portanto, existem duas maneiras de morrer de fome: não comer nada e definhar de maneira vertiginosa até o fim, ou comer inadequadamente e entrar em um regime de carências ou deficiência específicas, capaz de provocar um estado que pode também conduzir à morte.

Nesse sentido, Alceu Amoroso Lima (1984) enfatiza que retratar a fome no Brasil é evidenciar seu subdesenvolvimento econômico. Ele afirma que Josué de Castro, precursor dos estudos científicos a respeito do problema trágico da carência alimentar, mostrou claramente que as causas originais da subalimentação endêmica em nosso país estão ligadas ao início de nossa colonização. Josué de Castro (1984) realmente mostrou que a fome, no Brasil, é consequência de seu passado histórico, com os seus grupos humanos sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais. Essa luta, segundo o autor, em certos casos, foi provocada pela agressividade ao meio, uma vez que o elemento colonizador, indiferente a tudo que não significasse vantagem direta e imediata para os seus planos de aventura mercantil, desrespeitou o meio natural.

As fomes periódicas, consideradas autênticas epidemias de fome e quase sempre sob a forma de crises muito agudas, surgem com a seca que se alterna com períodos chuvosos de abundância relativa. Desse modo, quando a seca surge, a fome é total. O Nordeste passa a ser, nos tempos de estiagem, portanto, a região da fatalidade da qual precisam fugir os sertanejos. Tudo isso devido não apenas às

condições geográficas da região, mas, principalmente, a sua desorganização sócio-político-econômico:

Seria, pois, o tipo de região submetido inteiramente à natureza e em que os homens não poderiam ter outra atitude válida além do fatalismo. O clima semiárido da região é de caráter tropical seco, com chuvas raras e muito irregulares. Tudo é marcado pela seca, desde a topografia à economia e à vida social dos habitantes. O solo arenoso é impróprio para reter a água das chuvas e os períodos de insolação exagerada, seguidos de chuvas inesperadas, agravam ainda o processo de formação de areias a partir das rochas. A presença nesta paisagem desoladora de manchas férteis, correspondendo a solos argilosos e formando planuras aluviais, permite aos homens da região uma policultura alimentar muito preciosa que é destruída durante as secas. (TOBELEM, 1974, p. 105)

Nessa região, a do Nordeste, poder-se-ia, desse modo, acusar a natureza e resignar-se a suas condições por não ser possível modificá-las. Contudo, conforme Alain Tobelem (1974), nada disso é correto, haja vista estar comprovado que, se a economia da região fosse suficientemente firme para garantir à população um poder de compra razoável, ela podia subsistir, esperando o fim da seca, e a economia praticamente não seria desorganizada.

Desse modo, Josué de Castro enfatiza que as causas originais da subalimentação endêmica em nosso país advêm da influência dos fatores socioeconômicos sobre os biológicos, comprovando que a deficiência alimentar é causada por fatores político-sociais. De acordo com o autor:

Realmente, enquanto até a última guerra a nossa civilização ocidental, em seu exagero de economismo, quase esquecera o homem e seus problemas, preocupando-se morbidamente em conquistar pela técnica todas as forças naturais, pondo todo o seu interesse nos problemas de exploração econômica e de produção de riqueza, vislumbra-se hoje o estabelecimento de formas políticas dispostas a sacrificar os interesses do lucro pelos interesses reais das coletividades. É a tentativa cada vez mais promissora de pôr o dinheiro a serviço do homem e não o homem escravo do dinheiro. De dirigir a produção de forma a satisfazer as necessidades dos grupos humanos e não deixar o homem mantendo-se estupidamente para satisfazer os insaciáveis lucros da produção. (CASTRO, 1984, p. 38-39)

Sob esse viés, em consonância com Josué de Castro, Nelson Chaves (1982) afirma que as causas da fome coletiva são: ecológicas, econômicas e políticas. Entre as causas de ordem ecológica, estão a pobreza natural do solo e seu empobrecimento devido à ação predatória do homem. Entre as causas político-econômico-sociais, que são as mais importantes, embora as mais difíceis de combater, está a imensa distância entre o nível econômico e cultural da minoria opulenta e a maioria pobre.

É nessa perspectiva que Alain Tobelem (1974) enfoca que Josué de Castro, além da perspectiva biológica, analisa o fenômeno da fome sob um olhar sociológico, econômico e político. Como sociólogo, analisa as raízes sociais para demonstrar os preconceitos da Civilização Ocidental que levam ao *tabu* da fome. Como economista, analisa as teorias malthusianas⁴ e como a fome destrói, até a aniquilação, a capacidade humana. Como homem político, analisa os fundamentos históricos de uma situação em que o homem é praticamente o único responsável. A partir dessas bases, Josué de Castro elucida como a colonização e as forças políticas e retrógradas se têm muito simplesmente “esquecido” de alimentar as massas humanas.

Nesse sentido, no que diz respeito à análise da fome coletiva, de acordo com Alain Tobelem (1974, p. 67), “a obra de Josué de Castro é mais do que uma esperança: é uma resposta rigorosa a todas as formas de explicação malthusiana que se têm dado ao fenômeno da fome”. Sendo assim, Nelson Chaves afirma que:

É preciso ir às raízes da fome, às causas da pobreza, procurando removê-las ou atenuá-las; do contrário, os planos e os programas fracassarão [...] e teremos [sempre] o mundo dos ricos, o dos pobres e o submundo dos miseráveis, onde predominam os elevados coeficientes de mortalidade infantil, de menores de 5 anos, e os que sobrevivem portadores de deficiência física e mental, não podem competir na luta pela vida. (CHAVES, 1982, p. 55)

⁴ Teoria que pretende demonstrar que a fome é uma calamidade natural, um flagelo inevitável, contra a qual o homem não tem outro meio de luta senão o controle dos nascimentos.

De acordo com o estudioso, a fome decorre de um desequilíbrio econômico crescente, criando, de um lado, o grupo dos ricos e opulentos e, do outro, uma grande maioria de pobres e miseráveis. Nesse sentido, a fome faz o homem descer de sua posição excepcional na “escala zoológica”, dirigindo-se à condição de bruto, de fera. E é justamente esse homem tornado coisa, reificado, que é objeto de trabalho do escritor do Modernismo do Nordeste, preocupado com os dramas sociais que assolam nosso país.

Souza Barros (1974, p. 15) afirma que o mais triste é que “a fome não se alastra como as doenças transmissíveis; é uma doença de classes, o estigma de um estado de luta social.” Consequentemente, segundo o estudioso, a alimentação, que era um direito básico do ser humano, transforma-se em instrumento de dominação econômica, política e cultural.

De acordo com Miranda Neto (1988), o pior é que o “fantasma da fome” e a luta para vencê-lo acompanha o homem desde o início de sua história. São vários os mitos que se criaram ao longo dos séculos, desviando esforços e recursos, quase sempre escassos, tentando explicar, erroneamente, as causas da fome, combatida sem muita eficácia. A coexistência entre fartura e escassez relativas apresenta, portanto, grave contraste, visto que o aumento desigual da renda forçou uma distribuição injusta. Sendo assim, os grupos humanos com nível de renda mais alto contribuem para a elevação dos preços dos alimentos, enquanto os mais pobres possuem enormes dificuldades para obtê-los em quantidade suficiente.

Todavia, apesar de todas as crises de produção agrícola, o volume total da produção tem acompanhado o crescimento do consumo. Ainda assim, grande parte da população continua a sofrer as consequências da fome, mesmo havendo recursos e tecnologia compatíveis para a solução do problema, que, logicamente, é muito mais de ordem política que de ordem técnica. A persistência dessa situação de fome beneficia com altíssimos lucros os grupos econômicos que usufruem da condição de oligopólio/oligopsônio na comercialização e distribuição de gêneros alimentícios. Esses grupos tudo fazem a fim de evitar que termine o seu privilégio, pois detêm razoável parcela de poder econômico e político. Desse modo, percebe-se que quem controla os alimentos submete o povo à inanição e à miséria.

O que se pode esperar de uma população mal alimentada? A criança subnutrida, por exemplo, será fatalmente o adulto débil. É verdade que toda a população sofre com as consequências da fome, todavia, são as crianças, cujas necessidades nutricionais são evidentes, as maiores vítimas, visto que suas mentes e físicos estão ainda em formação, tornando-as mais vulneráveis aos males causados pela fome, como será evidenciado nas análises dos capítulos seguintes.

Em sua produção científica, segundo Bernardo Mançano e Carlos Walter (2000), Josué de Castro registrou as causas da fome, observando que a concentração de renda e as desigualdades sociais estão no princípio da questão. Todavia, o sociólogo chegou à conclusão de que a fome é questão presente tanto no campo quanto na cidade, deixando claro o crescimento da exclusão social como fator preponderante da miséria. Nesse sentido, o estudioso afirma que a luta contra a fome é a luta pela vida.

Assim como Antonio Candido, que privilegia a dialética entre literatura e sociedade, Josué de Castro, em sua obra, *Geografia da fome*, chega a utilizar os próprios romances regionalistas brasileiros para exemplificar suas teorias sociológicas, estabelecendo a relação entre ficção e realidade. O autor, ao estudar o Brasil sob a perspectiva famélica, conceituando e tipificando os vários tipos da fome, dedicou sua obra a José Américo de Almeida e a Rachel de Queiroz, considerados, por ele, romancistas da fome. Rachel de Queiroz, em contrapartida, elogiou o trabalho de Josué de Castro, afirmando que:

Diante de certos livros é que a gente vê como é fácil e sem importância o ofício de literato. Porque afinal de contas fazer literatura não é mais do que coisa gratuita e à toa, anotar impressões, traduzir um estado de alma, ou relatar algum sucesso havido, sempre deformado. Em suma: tudo improvisação, falsificação, fingimento. Mas escrever um livro que informe, ensine, descubra verdades encobertas ou controvertidas, isso, sim, representa, na realidade, um mundo de honestidade, esforço, labuta, rigor – além do talento natural que exige em grandes doses. (QUEIROZ, *apud* ITERRA, 2004, p. 78-79)

A romancista argumenta, mais adiante, em seu texto, o motivo para tantos elogios à obra de Josué de Castro:

Não se pense entretanto que num livro como “*Geografia da fome*” vamos encontrar apenas magras enfiadas de números, seguidas de uma tonelada de palavrões técnicos. O autor segue a escola criada no Brasil pelo nosso grande Gilberto Freyre: o de completar o artista o trabalho do estudioso, e dizer em linguagem bela, compreensível e inteligente, as suas descobertas, conclusões ou hipóteses científicas [...] Que nos sobra, afinal? Que nos vale fazer como eles dizem um “romance de fome” se esses nossos rivais nos levam toda vantagem, contando autênticas histórias de fome, coisas acontecidas, medidas e pesadas, e com um interesse de narrativa que a gente jamais consegue igualar? (QUEIROZ, *apud* ITERRA, 2004, p. 80-81)

Rachel de Queiroz reconhece o valor sócio-histórico-cultural da obra de Josué de Castro. A escritora enfatiza o quanto o olhar crítico e humano do pesquisador foi eficaz no desenvolvimento de sua pesquisa sobre a fome coletiva. Colocando-a num patamar superior, a romancista, além de elogiar a obra do autor, revela sua admiração por pesquisas relevantes como as de Josué de Castro. Além disso, coloca a obra dele em um nível superior a muitas pesquisas científicas em circulação, enaltecendo o nível de sua linguagem.

Os estudos de Josué de Castro mostraram que a fome age também sobre a conduta e a moral do homem, haja vista ser a calamidade que mais desagrega profundamente a personalidade humana, quando atinge os limites da verdadeira inanição. Nesse sentido, a necessidade imperiosa de se alimentar faz com que os instintos primários sejam despertados e o homem, como qualquer outro animal faminto, passe a apresentar uma conduta mental e emocional nunca antes esperada. Seu comportamento se modifica como o de outros seres vivos atingidos nesta mesma zona de flagelo da fome: o gado, os morcegos e as serpentes.

Em sua obra, Josué de Castro (1984) nos explica, com riqueza de detalhes, a sensação do homem em estado de ebulição famélica. Primeiro, a fome provoca no ser humano uma excitação nervosa anormal, uma extrema irritabilidade e, principalmente, uma exaltação dos sentidos, animados pela busca por obter alimentos e, portanto, satisfazer o instinto modificado da fome. Por esse motivo, Rachel de Queiroz elogia e compara o trabalho do geógrafo ao de um romancista, haja vista a sensibilidade do escritor e a construção linguística na apresentação da conduta humana no desenvolvimento de sua obra. Alain Tobelem também, como

Josué de Castro, vai afirmar que é no tempo da seca e, conseqüentemente, da fome, que os valores e conduta humanos começam a tomar novo formado, visto que:

Enfraquecidos, descarnados, verdadeiros resíduos humanos, os sertanejos chegam às zonas de concentrações do litoral, especialmente à volta do porto do Recife, constituindo grupos de populações marginais compostos pelo pavor da fome, quando não pela própria fome, e caracterizados por uma apatia concretamente verificável. Os desejos e os apetites desaparecem e o pensamento resume-se à preocupação de encontrar alimento. É a desagregação da personalidade que vai até à perda total do controle mental e à incapacidade de inibir os instintos habitualmente contidos pela moral. A fome age então como elemento destruidor da vida social e conduz, por exemplo, certos indivíduos francamente honestos em tempos normais a roubarem e a conduzirem-se como bandidos. (TOBELEM, 1974, p. 106)

Nessa perspectiva, fica visível o quanto a fome é capaz de projetar desvios físicos, psíquicos e sociais naqueles por ela atingidos. Ainda em conformidade com Alain Tobelem (1974), a fome no Nordeste, assim como nas demais regiões, se deve muito mais a razões sociais que a suas condições naturais. Sendo assim, as secas do sertão não podem ser consideradas responsáveis pelas misérias de seus habitantes. Elas são apenas um agravante da miséria desses grupos humanos, porque as verdadeiras causas dessa e de outras misérias estão relacionadas diretamente a questões sociais, haja vista ser a defeituosa organização econômica a condutora da fome e da miséria na região. Josué de Castro (1984, p. 17), entretanto, afirma que:

Um dos grandes obstáculos ao planejamento de soluções adequadas ao problema da alimentação dos povos reside exatamente no pouco conhecimento que se tem do problema em conjunto, como um complexo de manifestações simultaneamente biológicas, econômicas e sociais. A maior parte dos estudos científicos sobre o assunto se limita a um dos seus aspectos parciais, projetando uma visão unilateral do problema. São quase sempre trabalhos de fisiólogos, de químicos, de economistas, especialistas em geral limitados por contingência profissional ao quadro de suas especializações.

Podemos observar, através do exposto pelo estudioso, a complexidade do tema *fome* e suas especificidades. Por esse motivo, este trabalho pretende analisar o

assunto por um viés ainda pouco estudado: o viés literário, uma vez que este procura buscar, como fonte para suas análises, o suporte sociológico, portanto, evidenciando aspectos de linguagem mas, também, sócio-políticos e culturais.

Como evidenciado por Josué de Castro (1984), a fome coletiva é um fenômeno social. Nesse aspecto, diferentemente das outras áreas de conhecimento, a literatura, para apresentar esse fenômeno social e coletivo, se utiliza da representação da fome individual. A dura vida do sertanejo nordestino é literariamente representada pelos escritores do Modernismo nordestino, que procuram denunciar, discursivamente, a situação do homem dizimado pelo espaço no qual está inserido. Não apenas o espaço físico, mas também o socialmente construído em sua existência.

Os ensinamentos de Josué de Castro (1984) evidenciam que as secas periódicas do Nordeste desorganizam por completo “a vida econômica e social da região, extinguindo as fontes naturais de vida, crestando as pastagens, dizimando o gado e arrasando as lavouras”, reduzindo, dessa forma, o sertão a uma “paisagem desértica, com seus habitantes morrendo à míngua de água e alimentos” (CASTRO, 1984, p. 135), como veremos representados nos romances objetos de análise desta tese. De acordo com o estudioso, os sertanejos vão “morrendo de fome aguda ou escapando esfomeados, aos magotes, para outras zonas, fugindo atemorizados à morte que os dizimaria de vez na terra devastada” (CASTRO, 1984, p. 133). Quando a seca se instala, o sertanejo é expulso, pela ausência, de água e de comida, de seu espaço original, migrando para o desconhecido.

Quando as forças, as reservas alimentares e a esperança esgotam, segundo Josué de Castro (1984), os sertanejos iniciam a retirada, visto que, sem água e alimentos, o êxodo precisa começar. Nesse quadro desolador, “São as crianças as que exibem em características mais vivas as doenças de carência. Atingidas pela fome negra em pleno crescimento, elas param por completo seu desenvolvimento e chegam, em certos casos, como que a involuir a um período anterior.” (CASTRO, 1984, p. 184-185)

De acordo com Anna Maria de Castro (1986), a fome existe há milhares de anos. O que é novo, o que Josué de Castro descobriu e denunciou foi esta “sua

realidade como força social, o conhecimento de suas causas e de seus efeitos na marcha da história. Novo não é o fenômeno e sim a perspectiva pela qual se percebe sua trágica realidade”. (CASTRO, 1986, p. 6-7)

Segundo Ricardo Abramovay (1986, p. 26), “as mais sérias vítimas de má alimentação situam-se entre aquilo que os especialistas chamam de *população biologicamente vulnerável*: crianças até quatro anos, mães em amamentação e gestantes.” Essa é a faixa da população que mais precisa ser protegida pela boa alimentação. Para o autor, a fome é uma doença social, tendo em vista que “ao atingir grandes massas humanas [...] não prejudica apenas o indivíduo, mas torna doente a própria sociedade por onde se propaga” (ABRAMOVAY, 1986, p. 26). Para ele, a responsabilidade da fome está na pobreza da população, devido à má distribuição de rendas e terras em nosso país. Portanto, a fome é uma questão política, sócio-histórica e cultural.

No sistema regido pelo capitalismo, o que interessa é o giro do capital e não a fome do brasileiro. Segundo Ricardo Abramovay (1986), no Brasil há alimentos para todos, todavia, a má distribuição impera. “Do ponto de vista do capitalismo, o importante não é produzir alimentos, mas sim lucros através da produção de alimentos” (ABRAMOVAY, 1986, p. 94). Para o autor, “A razão é simples: uma vez que a concentração da renda dificulta a ampliação do mercado consumidor de produtos básicos, a ‘saída’ para a agroindústria é fabricar gêneros que concentrem em si um valor econômico cada vez maior” (ABRAMOVAY, 1986, p. 97). Sendo assim, exportar traz lucros vantajosos para o país, mesmo que sua população pereça por falta do produto exportado.

E é nessa perspectiva que nosso trabalho entra no eixo literatura e sociedade, aliando os conhecimentos dos sociólogos Antonio Candido e Josué de Castro, na busca pela formação de uma das identidades do brasileiro, refletida e exposta por nossa literatura. O grande paradoxo que se estabelece em torno da temática da fome, como poderemos comprovar nos romances analisados a seguir, é que a fome é a miséria na abundância.

Dois grandes escritores, preocupados com a miséria e o descaso com que o povo nordestino vinha sendo tratado, publicam, no final do século XIX, no Brasil,

romances que seriam considerados, anos depois, parâmetros para nossa literatura que, por sua legitimidade em trabalhar o problema do povo, viria a ser considerada decisiva para a construção de nossa historiografia. Esses dois romancistas são José do Patrocínio e Rodolfo Teófilo. O primeiro, José do Patrocínio (1853-1905), nascido em Campos, Rio de Janeiro, considerado precursor do Regionalismo brasileiro, inaugura, com o romance *Os retirantes* (1879), a literatura da seca e da fome no Nordeste, lançando, à frente do seu tempo, uma obra de cunho realista.

O romance de Patrocínio, dividido em três partes (“A paróquia abandonada”, “A retirada” e “A capital”) tematiza, dentro do universo cearense, o processo de retirada, do sertão ao litoral, das famílias sertanejas ao verem esgotadas todas as fontes de recursos, próprios ou distribuídos pela caridade ou pelo governo. É a fuga do sertanejo, em busca de sua sobrevivência, numa época em que o Estado passa a assumir muitas funções, antes concentradas nas mãos dos coronéis e dos senhores de terras. Segundo Neves (2007), esse período de transição exigia dos camponeses pobres um aprendizado novo sobre as relações de poder em tempos de escassez.

No romance, as famílias sertanejas, esgotados todos os seus recursos, na seca de 1877, deixam suas terras à procura de apoio ou ajuda do governo na capital da província, Fortaleza. Frederico de Castro Neves (2007) evidencia que “O romance centra-se na vida de famílias abastadas e seus dramas, no interior de um processo que se procura apresentar como universal: a seca afeta a todos!” (NEVES, 2007, p. 93).

José do Patrocínio descreve a fome como uma doença contagiosa que mata muitos em pouco tempo, portanto, um problema coletivo. O escritor recria, no espaço do romance, cenas fortes sobre a interferência da fome na conduta humana. O enredo traz como protagonista a personagem Eulália, cuja sina, de acordo com Neves (2007), parece resumir toda a tragédia da seca. Filha mais velha do professor Francisco de Queiroz, Eulália é educada na mais rígida formação moral sertaneja. Religiosa e casta, vê seu mundo, estável e seguro, desabar após a morte do pai. Sem recursos de espécie alguma, em tempos de seca e fome, a protagonista deixa-se seduzir pelo vigário Paula, mudando-se com as irmãs menores e a tia velha para Fortaleza, onde, para garantir a integridade moral da família, passa a prostituir-se. A

seca e a fome aparecem para a personagem, desprotegida, como algo, embora exterior a sua formação, inevitável e doloroso.

Paralela à história de Eulália, se desenvolve a sina de sua amiga Irena, representantes, ambas, das famílias prestigiadas da localidade. Embora essas duas personagens protagonizem a trama do romance, os camponeses pobres são os grandes “protagonistas da miséria” e da fome que assolam a narrativa. “Desprovidos de defesas culturais e expostos à fome biológica, os camponeses distanciam-se da sociedade civilizada e animalizam-se, desqualificando-se como sujeitos sociais e perdendo a própria identidade política” (NEVES, 2007, p. 93).

No percurso da emigração, o grupo de retirantes se depara com uma cena que parece representar todo o drama da fome no sertão do Ceará em tempos de seca. Uma mãe, morta, deixa órfãos dois filhos menores. O retrato que Patrocínio apresenta choca e sensibiliza o leitor porque trabalha não apenas a fome endêmica, mas a fome epidêmica, aquela da qual se morre por ausência absoluta de alimentação e porque traz à tona a orfandade e a criança como preocupação no processo de privação alimentar:

Deram mais alguns passos e foram parar junto do grupo formado por uma mulher ainda moça e pelas duas crianças. A mulher, deitada de lado, muito espichada, com os braços estendidos de modo a formar um ângulo obtuso com o resto do corpo, tinha os dedos enterrados no chão arenoso e deixava a descoberto, sobre os frangalhos de uma camisa enegrecida, os seios muxibentos. Sentada muito conchegada a ela, a mais velha das crianças, que devia ter cerca de cinco anos, muito magra e coberta apenas pelos farrapos de uma camisola, tentava ajeitar a que chorava, que não teria mais de seis meses, aos seios maternos. (PATROCÍNIO, 1973, vol. II, p. 47)

O ser infante é visto pelo escritor como aquele que mais sofre com a seca e a fome no seio do sertão do Nordeste. Apesar de não ser elemento principal no enredo do romance, José do Patrocínio confere ao retirante mirim um espaço de dor e de perda, tanto quanto o do adulto, embora em situação mais chocante, devido toda a dependência que gira em torno da infância. O dramático no enredo é a tentativa da criança, de cinco anos, de acordar a mãe aparentemente adormecida:

- Que sono - observou ainda uma vez Maria [a retirante]; e, levantando a voz, timbrou vigorosamente um pedido de licença. - Ela não quer ouvir - respondeu a criança; - eu estou chamando-a desde de tarde para dar a maminha ao maninho e ela não se importa. - É que está doente, filhinha; espere que eu a acordo já. Maria inclinou-se por sobre a desconhecida e pôs-se a sacudi-la pelos quadris, chamando-a com acentuação cada vez mais forte. O trabalho foi inútil, a mulher não se moveu, imobilidade que surpreendeu desde logo as recém-chegadas. - Eu não disse que ela não se importa? - ponderou a criança. - O maninho já está rouco e mamãe não quer ouvir, pensando que é manha dele. Maria tomou nos braços a criancinha e pôs-se a aleitá-la, ao passo que as suas irmãs davam à outra as bolachas, que para este fim haviam trazido, segredando-se: - Está bem mal esta infeliz mulher e talvez seja fome. - Você já está aqui há muito tempo, filhinha? - perguntou Maria à menina que devorava as bolachas com a sofreguidão própria dos famintos. - Desde ontem, depois que deixamos lá atrás morto o papai. - Então o seu papai morreu? E onde morreu ele? - No meio do campo, aí mesmo na estrada e lá ficou. A lembrança do cadáver, que servia de pasto aos corvos, avivou-se, toda esbatida no horror do quadro visto pelas moças, que limitaram-se a trocar olhares compadecidos. - Mamãe - continuou a criancinha - esteve junto de papai dois dias, mas ontem de tarde nos trouxe para aqui. Hoje de manhãzinha deu-me o resto de croatá, e, depois de dar de mamar ao maninho, andou a comer folhas e a chupar umas raízes. Depois ela me disse que estava ficando tonta e que havia de ser sono, queria dormir e me deitou junto de si. Quando eu acordei, porque o maninho chorava, ela já estava assim. Uma das moças abaixou-se e tentou afastar os braços da mulher, mas a frialdade, que sentiu ao seu contato, fê-la levantar-se de um salto, como se a tivesse impelido uma força oculta. - Não está dormindo, não, Maria, ela está morta - gritou toda trêmula. (PATROCÍNIO, 1973, vol. II, p. 47-48)

Eis a representação da fome e suas sequelas no sertão nordestino. Em tempos de seca e, portanto, de retirada, os quadros são os acima descritos. José do Patrocínio traz à tona não apenas a desestruturação familiar, causada pela grande catástrofe periódica, mas como esta carrega consigo imagens avassaladoras da dura experiência infantil, da impotência da criança, e do adulto, perante a fome.

Embora a orfandade dessas duas crianças seja, à primeira vista, motivo de comoção, o desfecho desse episódio, como veremos abaixo, choca a alma humana, tendo em vista que a conduta das personagens demonstra a violência das relações sociais e o significado da fome em tempos de secas:

A mulher do bandido [Maria] não se mostrou perturbada como suas irmãs, que logo se afastaram; tomou pela mão a orfãzinha, que rompera em soluços ouvindo o grito fatal, e voltou a reunir-se à sua família. O egoísmo do instinto de conservação, brutal, feroz, mas sem imputabilidade, recebeu-a aí com o mais pronunciado desagrado. - Nós já somos tantos, Maria -

resmungou a velhinha -, e você bem vê que é impossível tratar agora de filhos alheios. - Eu tenho dois peitos - respondeu a boa mulher - e o meu leite chegará para ambos. Quanto a estazinha ela não come tanto que eu não lhe possa dar um bocado do que tocar aos meus filhos. - É verdade - disse uma das irmãs -, mas você não poderia carregar as três, e nós já não podemos com as nossas, quanto mais com as cargas alheias. - Bem, eu ficarei - respondeu resolutamente a esposa do bandido; - há de passar alguém que se condoa desses infelizes. (PATROCÍNIO, 1973, vol. II p. 48-49)

Embora acolhida pela família de retirantes que as encontraram, uma outra retirante do grupo (tia da personagem Eulália), assassina as duas crianças recém-chegadas por entender, racionalmente, que elas seriam responsáveis pela morte de seus netos (outras duas crianças do grupo), tendo em vista a escassez dos alimentos. É a demonstração de que a fome é responsável pelo processo de desumanização do homem. No ato instintivo de defesa dos entes familiares, a avó foi capaz de, friamente, tirar a vida de outras crianças. Mesmo assim, a partir de então, a retirante (avó) começa a passar por um processo introspectivo de reflexão de sua conduta. Todavia, esse ato reflexivo é logo abandonado, uma vez que a caminhada precisa continuar. Nessa perspectiva, a seca e, conseqüentemente, a fome passam a ser os grandes inimigos da vida, cujos vilões são representados pela figura do poder público.

Cena ainda mais forte acontece quando a caçula do grupo, parenta da personagem Eulália, perde suas forças devido à falta de comida. A degradação a que chegam as personagens evidencia o processo de brutalização mediante o qual consegue chegar o ser humano em estado de inanição profunda:

A caçula acordou estremunhada, e, com um choro doloroso, repetiu com uma acentuação comovente: - Não posso mais, eu morro de fome. Os esforços de d. Ana e Chiquinha para acalentá-la foram vão, e dentro em pouco despertavam também, com o semblante lastimoso do faminto, as duas meninas. O Amigo [cachorro], como se quisesse repreender as senhoras que o poupavam prolongando assim a angústia das crianças, latiu alto, parando hostilmente em face de Chiquinha. A moça hesitou ainda, mas afinal, como se fosse tomada de um acesso de loucura, levantou-se, e, tomando um dos tições, chamou com uma castanhola o nobre cão, que a seguiu sem relutar. Estavam abrigadas numa das muitas casas abandonadas que marginavam a estrada, e Chiquinha, entrando para o compartimento destinado à cozinha, amarrou com as cordas da rede o pescoço do Amigo. O animal, levantando-se nas patas traseiras, estendeu

para ela as dianteiras e pousou-lhas sobre o ombro, como se a buscasse abraçar. O choro da caçula, a sua triste queixa de que ia morrer soaram com mais força. A moça, revestindo-se de uma heroicidade semelhante à alucinação, passou em um dos caibros a corda e puxou-a até que o fiel companheiro dos seus infortúnios começasse a sentir os primeiros efeitos do estrangulamento. D. Ana, ouvindo o latir engasgado do Amigo, correu até o lugar da execução, mas Chiquinha longe de desanimar comunicou à tia a sua resolução e dentro em pouco o corpo do nobre animal caía em terra, inerte e sem vida. - Vamos, minha tia, é preciso ter coragem, ou senão veremos todas aquelas crianças mortas. Horas depois, as duras carnes do Amigo faziam calar a caçula, e, satisfazendo as duas meninas mais velhas, diminuía a dor das duas senhoras. (PATROCÍNIO, 1973, vol. II, p. 108-109)

Eis o processo de animalização pelo qual é capaz de passar o ser humano quando se encontra em estado de miséria absoluta. O ser humano desce, na cadeia alimentar, e passa a não possuir critérios de escolha. Os papéis se invertem: o homem passa a ter atitude animalesca e o bicho passa a ter atitude humana. Essa e outras cenas envolvendo a criança em situação famélica figuram no romance de Patrocínio. Desse modo, podemos perceber o quanto o fenômeno da fome consegue tornar o homem um ser instintivo como qualquer outro animal irracional. É, esse, um tempo de barbárie, como reflete Josué de Castro:

Não é, contudo, somente agindo no corpo dos flagelados, roendo-lhe as vísceras e abrindo chagas e buracos na pele que a fome aniquila a vida do sertanejo, mas também atuando sobre seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta social. Nenhuma calamidade é capaz de desagregar tão profundamente e num sentido tão nocivo a personalidade humana quanto a fome quando alcança os limites da verdadeira inanição. Fustigados pela imperiosa necessidade de alimentos, os instintos primários se exaltam e o homem, como qualquer animal esfomeado, apresenta uma conduta mental que pode parecer a mais desconcertante. (CASTRO, 1984, p. 193-4)

José do Patrocínio, em seu romance, descreve a fome como um fenômeno que atinge a todos, pobres e ricos, homens e mulheres, adultos e crianças. Os socorros, esmolas fornecidas pelo Governo, eram, portanto, imprescindíveis. Sem eles toda a população retirante estaria condenada à morte pela fome. Todavia, a ineficiência do Estado, nesse contexto de decomposição do mundo rural de abundância material e cultural, arrasta as personagens, na maioria das vezes, para

um fim trágico “que não podem evitar nem sequer compreender.” (NEVES, 2007, p. 97-98)

Ao dirigirem-se para os centros urbanos, em busca de auxílio e sem assistência por parte do Estado, a mendicância passa a fazer parte da história do povo brasileiro. Abandonada a terra natal, por causa da seca, a emigração para outros climas, outros costumes, outra educação faz com que o nordestino, deslocado de seu lugar de origem, perca sua identidade de sertanejo. No final da narrativa, ao chegarem à Capital do Ceará, a desolação é total. Diferentemente do que imaginavam os retirantes, a fome, vivida em êxodo, também se apresentava em abundância no destino final. Muitos morriam doentes e de fome, antes que chegassem ao seu destino, mas muitos outros continuavam a morrer no final da jornada. Dentre esses, a maioria mulheres e crianças.

José do Patrocínio denuncia, em sua obra, o abandono ao povo nordestino, mostrando a seca, e a fome coletiva, consequentemente, como um problema ecológico, mas principalmente, como um problema de ordem sócio-política, econômica e cultural. Entre as causas de ordem ecológica, estão a pobreza natural do solo do sertão nordestino, como enfatiza o estudioso Josué de Castro. Entre as outras causas, as mais difíceis de combater, estão uma imensa distância entre o nível econômico e cultural da minoria opulenta e a maioria pobre.

O segundo romancista a enfatizar a fome, o baiano Rodolfo Teófilo (1853-1932), considerado por muitos como precursor de uma literatura da fome no Brasil, lança, em 1890, onze anos depois da publicação de *Os retirantes*, de Patrocínio, o romance *A fome*. Coincidentemente, no mesmo ano (1890), o norueguês Knut Hamsun (1859-1952), publica *Fome*, romance traduzido por Carlos Drummond de Andrade e publicado no Brasil em 1963, que deu ao norueguês o Nobel da Literatura.

Hamsun prende a atenção do leitor não somente pelo fundo histórico da narrativa, mas pelos tormentos físicos e morais pelos quais passa o protagonista: um escritor famélico anônimo que vaga pelas ruas, atormentado, em busca de trabalho. O romancista cria, em seu universo ficcional, um narrador-personagem que relata seus dissabores em um espaço de fome endêmica, social, moral e intelectual, visto que se trata de um escritor que vive à margem da sociedade. O irônico do texto é

que a escrita, material de trabalho da personagem, não é o meio para sua ascensão social. A escrita crítica do escritor-personagem, elaborada para jornais, é sobre o outro. Entretanto, narrando sua própria história em romance, termina por criticar o meio social em que está inserido. É verdade que a escrita de suas crônicas alimenta, mesmo que precariamente, seu corpo por algum tempo, mas a escrita de seu romance, além de alimentar a alma do leitor, fazendo-o refletir, a partir da fome individual, a fome coletiva do marginalizado, alimenta a fome por uma literatura engajada nos problemas sociais de uma nação.

Alain Tobelem (1974) afirma que Hamsun, em sua obra *Fome*, rejeita as discussões morais do Naturalismo, fazendo uma análise profunda do sentimento natural do homem subalimentado. O autor deixa claro, entretanto, que, se o governo não deu ao problema da fome a importância devida, o *tabu*, pelo menos, a partir dos escritos de Hamsun, desapareceu.

Diferentemente do que acontece no texto do escritor norueguês, em que o frio da região, e da sociedade como um todo, se faz presente na construção de toda a narrativa, no romance *A fome*, de Rodolfo Teófilo, o sol, o calor e a falta de água são os elementos propiciadores à fome das personagens. No texto, a fome, personagem principal, onipresente e onipotente, é representada pelas gentes nordestinas, destituídas de seus lugares por ausências: de água, de comida, mas, principalmente, de políticas públicas de auxílio em tempos de crise.

Embora José do Patrocínio publique seu romance, *Os retirantes*, em 1879, Waldemar Pereira Filho (2010) defende que o romance de Rodolfo Teófilo, publicado em 1890, possui o mérito incontestável de ser o primeiro livro a trabalhar o tema da fome na literatura do Brasil, porque, segundo sua opinião, o fez de forma intensa, dramática e brutal. Para Pereira Filho (2010), entretanto, provavelmente Teófilo não conseguiu ganhar muitos admiradores porque sua narrativa se aproximava em demasia do real, possuindo um caráter científico, historiográfico e político que não era aceito na época, embora a crítica, com o passar do tempo, tenha reavaliado sua produção, colocando-a em uma certa posição de destaque, pelo ineditismo, pela coragem e, ironicamente, pelos mesmos motivos que, outrora, ela foi taxada de grosseira, insensível ou de mau gosto:

[...] houve certo repúdio, certa “má-vontade”, para com a forma com que o autor cearense se expressava. Seu estilo, considerado “pesado” e de “mau gosto”, bem como sua fidelidade aos princípios cientificistas, acabaram por condená-lo a uma espécie de isolamento, já bastante importante, devido a sua origem e ao seu local de residência. O Ceará era, então, um lugar distante, uma província longínqua e inexpressiva, principalmente no que dizia respeito às letras nacionais. (PEREIRA FILHO, 2010, p. 1170)

Segundo o autor, uma das primeiras autoras a se ater à obra de Teófilo, de forma mais detida, foi Lúcia Miguel Pereira, em seu *Prosa de ficção – 1870 a 1920*, de 1957. Até então, salvo ocorrências eventuais em compêndios de literatura dedicados a autores ditos regionais ou, especificamente, cearenses, praticamente não há menção à obra de Rodolfo Teófilo. Hoje, o romancista é considerado o fundador do que pode se chamar de “literatura da fome” no Brasil, subdivisão temática do Regionalismo.

O romance *A fome* se divide em quatro partes: “Êxodo” (saída do sertão à capital do Ceará); “A casa Negreira” (venda dos escravos de Freitas – personagem protagonista –, pelo primo Inácio da Paixão); “Misérias” (história da fome da família de Freitas e morte de alguns membros, devido à fome e à peste, o que constitui a maior parte do romance); e “Epílogo” (fim da seca e regresso dos retirantes aos seus lugares de origem).

Em *A fome*, Rodolfo Teófilo usa de boa parte das informações presentes em sua *História da seca do Ceará* (1883), narrando, no romance, detalhes climáticos e topográficos da província cearense na época, bem como hábitos e crenças da população. Embora a história pareça girar em torno de Manuel de Freitas e sua família, a obra, ambientada na famosa seca de 1877-1879, narra as tragédias cotidianas dos retirantes que emigravam para a capital cearense em busca de auxílio governamental. O protagonista, descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão, de fazendeiro pródigo passa a ser mais um retirante, fugitivo da seca nordestina. À deriva pelo sertão, Manuel de Freitas, pai de cinco filhos, dos quais quatro crianças menores, uma delas, ainda bebê, atravessa, com toda a sua família, o sertão do Nordeste na busca pela sobrevivência de sua linhagem.

Ironicamente, ao final do trajeto, reconhece que todo seu esforço foi em vão, tendo em vista encontrarem a fome como guia da caminhada e a morte dos filhos como resultado final, assunto retomado mais de sessenta anos depois, pelo escritor João Cabral de Melo Neto, no texto *Morte e vida Severina*, publicado em 1955, embora a partir de uma perspectiva oposta.

A paisagem apresentada no romance é a do Nordeste abandonado. O narrador, onisciente, descreve, em tom seco, a passagem do ambiente rural ao urbano, apresentando detalhes da saga da família de Freitas e sua relação com o espaço da narrativa, um deserto cheio de mazelas que só a fome consegue produzir. Embora ocorra esse fato, Riccardo Greco (2007) reconhece, assim como Josué de Castro (1984), que apesar da fome no Nordeste ter suas origens em causas naturais, ela é agravada por uma má gestão dos seus recursos.

No processo de retirada, há a presença de várias cenas com crianças a sofrerem a tortura da privação alimentar. Logo no início da caminhada, o casal (Freitas e sua esposa) ouve uma criança recém-nascida a chorar no interior de uma casa. Ao encontrarem-na, percebem-na fruto de um parto recente, haja vista ainda estar ligada à mãe pelo cordão umbilical, nesse caso, a “amarra da morte”. A cena é forte, chocante e comovente, fazendo refletir sobre a subcondição humana à qual é assujeitado o sertanejo em tempos de estiagens prolongadas no Nordeste:

Deitado sobre uma cama de talos de carnaubeira estava o cadáver de uma mulher branca reduzido à múmia. O corpo era de uma infeliz, que sucumbira no ato da maternidade, não havia muitas horas. O ar tresandava a parto. O cadáver tinha ao regaço e na postura em que as mães aleitam os filhos uma criança, cuja pele estava colada ao esqueleto. A boca esfomeada do recém-nascido instintivamente procurava o bico do peito, mas embalde; as mamas estavam reduzidas a murchas pelancas, que se colavam às costelas. A frieza do cadáver se transmitia à criança, que também recebia a frialdade da placenta, a um canto da cama em uma poça de sangue e ainda presa à extremidade do cordão umbilical. A vida estava ali em perigo iminente. As fontes de calor eram fracas para se oporem à invasão do frio. Estômago vazio naquele organismo era o mesmo que um fogão apagado em uma cozinha. (TEÓFILO, 1979, p. 14)

Rodolfo Teófilo consegue traduzir em linguagem artística a expressão da fome na seca brasileira. Ele deixa claro que é a fome a vilã causadora daquela morte. A

cena é triste, forte, brutal e comovente, na medida em que apresenta o paradoxo entre vida e morte. A esposa do protagonista ainda tenta, em vão, amamentar a criança, que morre em seus braços, sem que possa ser alimentada uma única vez. A criança nasce apenas para morrer, o que mostra a perspectiva de vida da criança que nasce no período de seca do sertão nordestino. Há, na cena, um desencantamento em torno do nascimento e do mundo seco.

A fome é, simbolicamente, tão devastadora que o narrador chega a afirmar que “as próprias aranhas, recolhidas às tocas, morriam de fome, não saíam mais a caçar os insetos, que tinham morrido ou emigrado” (TEÓFILO, 1979, p. 45). Essa metáfora, utilizada para representar a fome do sertanejo, evidencia a preocupação do romancista em relação à denúncia das mazelas sociais do Ceará, mas também mostra sua preocupação em converter a história da fome em linguagem artística, diferentemente do que aponta a crítica literária em relação ao trabalho do romancista e de outros escritores realistas-naturalistas.

O contato com a capital não traz cenas tão diferentes das presenciadas por Freitas e sua família no trajeto. Ao fugir da fome e da morte no sertão, à procura de alimentação, encontra a capital em estado de miséria absoluta. O trecho abaixo resume o estado em que a personagem presencia a miséria na capital do Ceará:

- Venho horrorizado, Josefa. Vi tanta miséria, que me espantei. Imagina o que de horrível vi, que pôde me eriçar os cabelos, a mim, testemunha ocular das mais pungentes e medonhas cenas! Cedo desiludi-me. A Fortaleza, que acreditava a nossa salvação, onde supus o conforto das populações famintas, tem o lúgubre aspecto das povoações do interior, regurgita de infelizes, que mendigam cambaleando de fome. Nos passeios das casas, nos adros das igrejas, nas praças públicas, dormem ao relento, e raro é o dia que destes dormitórios não conduzam, ao amanhecer, cadáveres para o cemitério. Vi mortos, no meio da rua, um velho e uma mulher, expostos no calçamento como cães ou gatos, apodrecendo no monturo. Tive dó deles! Como estavam magros! Em suas fisionomias, pode-se dizer, se percebiam ainda os fundos traços de uma prolongada angústia. A peste e a fome matam mais de quatrocentos por dia! O que te afirmo é que, durante o tempo em que estive parado em uma esquina, vi passar vinte cadáveres: e como seguem para a vala! Faz horror! Os que têm rede, vão nela, suja, rota, como se acha; os que não a têm, são amarrados de pés e mãos em um comprido pau e assim são levados para a sepultura. Os enterramentos desfilam pelas ruas mais públicas da cidade. (TEÓFILO, 1979, p. 100)

A capital, símbolo da “terra prometida”, se configura como o não-lugar do retirante nordestino. A fome, encontrada no interior, era também retrato do ambiente citadino. Observa-se, portanto, que a crise das secas não é um problema exclusivamente oriundo “da situação climática, mas também da inadimplência dos governantes, que, ao longo dos ciclos climáticos, executam insuficientes projetos para solucionar essa problemática” (BRITO, 2013, p. 117). Rodolfo Teófilo critica o tratamento dado às gentes brasileiras, denunciando o processo desumano ao qual são submetidos. Além disso, o escritor denuncia a situação das crianças no enfrentamento do mundo seco do Nordeste, através das impressões de Freitas:

E as crianças que morrem nos abarracamentos, como são conduzidas! Pela manhã os encarregados de sepultá-las vão recolhendo-as em um grande saco; e, ensacados os cadáveres, é atado aquele sudário de grossa estopa a um pau e conduzido para a sepultura! Informei-me de tudo, e nada do que vi e ouvi alentou-me! Disseram-me que a prostituição lavra desenfreada. São muitos os sedutores. Até meninas de dez anos estão perdidas por esta raça maldita de perversos! O espírito se abate, agoniza mesmo, perante um tão vivo quadro de misérias humanas. Ao mesmo tempo, o corpo definha, mal alimentado, à falta de ordem na distribuição dos víveres do governo. Os socorros são mal distribuídos. Trocam a ração pelo trabalho, mas por um trabalho penoso, superior às forças dos famintos. Um pobre homem cansado de uma longa viagem, enfraquecido de fome, pode caminhar todos os dias doze quilômetros com uma pedra às costas, para receber uma ração de um litro de farinha e quinhentas gramas de carne do sul?! Se é só, poderá escapar à fome, mas se tem, como na maioria deles, oito e mais pessoas de família, qual o seu fim? A morte, Josefa. (TEÓFILO, 1979, p. 100-101)

O impacto da coisificação do retirante, adulto e infantil, e do descaso, por parte dos poderes públicos, arrasa o coração do protagonista que, como pai, se compadece com a situação das crianças. A cidade, símbolo do capitalismo, traz, para o retirante nordestino, a surpresa da desilusão, tendo em vista não ser configurada como local da fartura, como previam, mas como o deslugar, o espaço que não acolhe o migrante nordestino.

Outras crianças são apresentadas na narrativa, todas silenciadas, sem importância aparentemente significativa no enredo, seres frágeis diante da rudeza da fome. Embora destituídos de nomes próprios, símbolo do anonimato do retirante

mirim, os filhos de Freitas são a preocupação e prioridade da família. No percurso, a batalha diária de Freitas e sua esposa é alimentar sua gente, principalmente as crianças, quase sempre as maiores vítimas do fenômeno famélico. Elas são a certeza de que a linhagem dos Freitas se perpetuará no sertão do Nordeste. Entretanto, no final da narrativa, a morte delas é relatada de forma breve: “os meninos morreram todos!”, como sentencia o narrador. A fome e a peste arrasam a família de Freitas. Só os mais fortes sobrevivem à caminhada.

Apenas em 1880, três anos após o início da jornada, Freitas e os que restaram de sua família têm condição de voltar para o sertão: “Freitas chegara à Fortaleza com mulher e cinco filhos e voltava apenas com Josefa, Inácio da Paixão, Filipa e Bernardina” (TEÓFILO, 1979, p. 233). Bernardina é a única criança que regressa, aliás, a única criança que sobrevive à fome, à seca, à caminhada e aos maus-tratos da vida sertaneja no romance. A criança, todavia, não é membro da família de Freitas.

Ao retratar a trajetória de ida e volta, dos retirantes sertanejos, a Fortaleza, o romance de Rodolfo Teófilo denuncia o descaso dos poderes públicos diante do sofrimento do povo brasileiro, reificado e abandonado em terras desconhecidas. As “cenas da seca do Ceará”, como indica o subtítulo do romance, são o retrato fiel da dor e da solidão das gentes do interior que se percebem abandonadas e destituídas de “seus” lugares num país considerado rico como o Brasil. O espaço, portanto, que, no Romantismo, é considerado o ideário de nação brasileira, no Realismo de Teófilo é o que expulsa, maltrata e mata aquele que nele habita. Nesse sentido, o romancista desfaz a ideia de pátria-mãe, defendida no Romantismo brasileiro, e cria, no Realismo-Naturalismo, outra imagem do povo brasileiro, expatriado de sua própria terra: o marginalizado, o excluído.

Nos romances de Patrocínio e Teófilo não encontramos apenas o homem que busca saciar sua fome, mas seres que procuram saciar a fome do mundo, sedentos por justiça e modos de vida dignos. Desse modo, os romances representam, cada um a seu modo, as fomes do Brasil. Cada um representa, a partir de um contexto interno, um modo de percebermos um problema externo, sócio-histórico e cultural.

Nesse sentido, os romances em apreço, ao abordarem a temática da fome do retirante nordestino, mostrando as mazelas sociais presentes no interior e na capital, deixaram marcas textuais de grande valia que puderam ser seguidas por romancistas de fases posteriores. Além disso, ao figurarem a criança como aquele que mais sofre com o descaso das organizações públicas em tempos de estiagens prolongadas no sertão, os romancistas atingiram seus objetivos: denunciar o processo de penúria alimentar e, ao mesmo tempo, sensibilizar a sociedade de sua época em relação à situação das gentes brasileiras.

CAPÍTULO II

OS PEQUENOS FAMINTOS DE RACHEL DE QUEIROZ NA GRANDE SECA D'O QUINZE: A BUSCA DE UM LUGAR NO CENÁRIO NACIONAL

Já na primeira infância
me roubaram o seio,
alvo, redondo, cheio,
em que eu bebia o leite
da ignorância.

Cassiano Ricardo

Rachel de Queiroz (1910-2003), nascida em Fortaleza, capital do Ceará, publica seu primeiro romance, *O Quinze*, em 1930, com apenas vinte anos de idade, projetando-se na vida literária do país. Decidida a escrever um livro que falasse da seca, Rachel buscou descrever não aquela seca vista como paisagem, mas uma seca vista como personagem, ou seja, sua intenção era colocar a seca, e suas consequências, como a fome, como foco do seu trabalho literário.

O romance *O Quinze*, como o próprio título retrata, remete à longa seca de 1915 e a alguns aspectos da vida do interior do Ceará durante um dos períodos mais dramáticos que o povo brasileiro atravessou. Mais uma vez, assim como nos romances de José do Patrocínio e de Rodolfo Teófilo, temos personagens retirantes, saindo do sertão nordestino em busca de sobrevivência na capital, na esperança de encontrar meios até a chegada do inverno. Paralelamente à saga dos retirantes, desenvolve-se, na narrativa, o romance entre Conceição e Vicente, que, devido a desencontros da vida, não ficam juntos ao final da história. É justamente o duplo espaço na narração o viés de distanciamento do casal. O final infeliz, a não união dos dois, vem representar a secura do homem, diante da secura do espaço narrativo.

O romance, composto por vinte e seis capítulos, dividido em dois planos estruturais, narra, paralelamente, a história de Conceição e Vicente e a história de Conceição e os retirantes (representados por Chico Bento e sua família), mostrando a quase incomunicabilidade entre os dois mundos: o dos ricos e os dos miseráveis; o dos que possuem um lugar próprio e o dos que buscam um lugar que, embora não seja próprio, possa ser utilizado como espaço de permanência e sobrevivência, mesmo que dele possam retirar apenas seu sustento, deixando para outros a vantagem da posse.

Enquanto Vicente e sua família, representantes da burguesia, mesmo em tempos de seca no sertão do Ceará, continuam vivendo uma vida tranquila, inclusive gozando de futilidades, a família de Chico Bento se retira das terras onde trabalha, na luta contra a fome, e encontra, no meio do caminho, apenas mais fome, fome em processo, em andamento. O processo de retirada se dá pelo instinto de sobrevivência, uma vez que não podem se entregar à morte certa do lugar. Entre esses dois mundos está Conceição, moça burguesa preocupada com a dor do povo.

No primeiro plano do romance temos a história da vida de Conceição, moça de vinte e dois anos que não se deixa colonizar pelo espaço opressor masculino, e Vicente, latifundiário que mora no interior do Ceará. Ambos, durante toda a narrativa, refletem sobre a incomunicabilidade de seus mundos e os motivos pelos quais o amor não pode se desenvolver entre eles. No segundo plano vemos a história de Chico Bento e sua família, moradores do sertão do Ceará que são obrigados a

abandonar suas vidas, por causa da seca, em busca de sobrevivência, primeiro, na capital e, posteriormente, em São Paulo. Expatriados da terra natal, são socorridos por Conceição na capital do Ceará.

Embora a narrativa figure em torno de dois planos, Conceição é a personagem principal, visto que é a ela que se liga a vida de Vicente e a seca, mas, principalmente, a vida de Chico Bento, seus familiares e as privações alimentares pelas quais são obrigados a passar. Esses dois planos do romance vão configurar dois planos estruturais, que são criados, por Rachel, para representar a estrutura vigente na literatura da época: a ruptura entre o tradicional e o moderno, mostrando que o movimento Modernista estava chegando para oferecer um novo olhar sobre o meio social. Era preciso que o amor de Conceição e Vicente morresse para que nascesse o amor ao próximo. Assim, era preciso que o Romantismo desse lugar ao Realismo, para que nascesse uma literatura preocupada com a verdadeira história do povo, uma literatura com maiores aspectos de brasilidade

Essa estrutura romanesca, criada por Rachel de Queiroz, sugere a própria estrutura do país na época de 1915: a divisão de classes. A seca chega para todos, mas a forma de enxergá-la e vivê-la é peculiar, dependendo da classe social em que está inserido cada indivíduo. Temos, portanto, o lugar de Vicente (sua fazenda no sertão); o lugar de Conceição (a sala de aula na capital) e o não-lugar ou lugar-nenhum do povo retirante, representado por Chico Bento e sua família.

Há, durante toda a narrativa, uma alternância entre o estilo idealista do Romantismo e o estilo seco do Realismo, como se o romance quisesse evidenciar o processo de transição pelo qual estava passando o nosso país e a necessidade de afirmação de uma literatura voltada para a história sofrida do povo brasileiro. Representando o primeiro estilo, vamos ter a relação amorosa entre Vicente e Conceição. Em contrapartida, vamos observar a relação de Conceição com a família de Chico Bento, com a fome e, portanto, com a causa social dos pobres marginalizados, como exemplo do segundo estilo. O romance vai abordar, de forma madura, a passagem do romance romântico para o romance neorealista, aquele engajado com as causas sociais de seu país.

Como enfatiza Leila Maria da Silva [201?], há, no romance, uma densa sombra que cobre toda a narrativa. O homem deixa de conviver com a natureza de forma idealizada, como acontecia no Romantismo, e passa a travar uma luta diária pela sobrevivência. Na verdade, o romance busca denunciar a realidade do atraso nordestino. *O Quinze* se configura, portanto, como romance de transição. A obra vai justamente apresentar essa passagem e a força do Modernismo nordestino, mostrando que, entre o amor à terra e à representação de uma vida burguesa, e o amor à causa social dos marginalizados, vai prevalecer o amor à causa social, projeto que vai afirmar o ideário da literatura de nosso país.

Nos capítulos referentes à Conceição e Vicente, temos uma nuance de romance, com certa coloração dos preceitos românticos. Nos capítulos dedicados à Conceição e à família de Chico Bento, encontramos um tom mais grave, que conota a dor da fome, estilo do Realismo. De início, notamos o contraste entre Conceição, menina que nasce no sertão, mas vai morar na capital como mulher independente, e Vicente, homem latifundiário do sertão:

Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. [Conceição] Sempre o conhecera querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele. (QUEIROZ, 1992, p. 20)

Vicente, como denomina o próprio significado do nome, é aquele que vence, que conquista. Conquista a terra, mas não conquista o amor de Conceição. É o homem da terra (o dono) que não estudou. Conceição, que em latim significa “concepção”, é aquela que não consegue guardar suas ideias só para si. Nesse sentido, é a moça emancipada que, instruída, entende que o problema do outro é também seu. Vicente é apresentado como um bom homem. Todavia, como latifundiário que é, dedica a vida a cuidar do gado e de suas terras. Ama mais a posse que o ser humano. O narrador do romance relata que, numa festa na casa da família, a mãe o vê como alguém que destoa dos demais:

Mas a mãe dele [de Vicente], que sentada ao sofá apreciava a dança, vendo-o, enxergou apenas o contraste deprimente da rudeza do filho com o

pracianismo dos outros, de cabelo empomadado, calças de vinco elegante e camisa fina por baixo da blusa caseira. Já Vicente, encalçava a prima que, rindo, saiu dançando, orgulhosa do cavalheiro, enquanto, na sua ponta de sofá, a pobre senhora sentiu os olhos cheios de lágrimas, e ficou chorando pelo filho tão bonito, tão forte, que não se envergonhava da diferença que fazia do irmão doutor e teimava em não querer “ser gente” [...] (QUEIROZ, 1992, p. 21)

Vicente, embora fosse desgosto por ser inculto, era o filho do meio e mimo da família. O caçula, o Paulo, havia casado e ido morar no Cariri. O irmão mais velho, também casado, era promotor no Cariri, porque ambos achavam a vida no sertão “menor”, por esse motivo, foram constituir família em outra região. E Vicente é o filho que permanece na terra. Em contrapartida, Conceição, moça culta, criada sem mimos, inaugura uma galeria de mulheres determinadas e fortes. Possivelmente, por essa razão, Vicente não conseguia enxergar nela a namoradinha de outrora:

Em vão procurou, naquela moça grave e entendida do mundo, a doce namorada que dantes pasmava com a sua força, que risonhamente escutava os seus galanteios, debruçada à janela da casa-grande, cheirando o botão de rosa que ele lhe trouxera. Quando saiu, ia debaixo dum sentimento de desgosto, vago, mas opressivo. Por que estava Conceição tão longínqua e distraída?... E ao fim da visita, quando ela falava sobre o efeito da seca na vida da cidade, pareceu-lhe até pedante... Tinha na voz e nos modos uma espécie de aspereza espevitada, característica de todas as normalistas que conhecia... (QUEIROZ, 1992, p. 80)

Notemos, na passagem textual descrita, o quanto pode ser percebida a mudança da protagonista, de menina ingênua à mulher madura. Era notória a distância que os separava. Conceição percebe que, embora nascidos no mesmo lugar e criados com os mesmos costumes, viviam em mundos diferentes:

Ele dizia sempre que, de livros, só o da nota do gado... Num relevo mais forte, tão forte quanto nunca o sentira, foi-lhe aparecendo a diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida. O seu pensamento, que até há pouco se dirigia ao primo como a um fim natural e feliz, esbarrou nessa encruzilhada difícil e não soube ir adiante. Ele lhe aparecia agora como um desses recantos da mata, próximo a um riacho, num sombrio misterioso e confortante. Passando num meio-dia quente, ao trote penoso do cavalo, a gente para ali, olha a sombra e o verde como se fosse para um cantinho de céu... Mas voltando depois, numa manhã chuvosa, encontra-se o doce recanto enlameado, escavacado de minhocas, os lindos troncos escorregadios e lodosos, os galhos de redor pingando tristemente. Da

primeira vez, pensa-se em passar a vida inteira naquela frescura e naquela paz; mas à última, sai-se com o coração pesado, curado de bucolismo por muito tempo, vendo-se na realidade como é agressiva e inconstante a natureza... Ele era bom de ouvir e de olhar, como uma bela paisagem, de quem só se exigisse beleza e cor. Mas nas horas de tempestade, de abandono, ou solidão, onde iria buscar o seguro companheiro que entende e ensina, e completa o pensamento incompleto, e discute as idéias que vem vindo, e compreende e retruca às invenções que a mente vagabunda vai criando? (QUEIROZ, 1992, p. 81)

Ela tinha plena consciência do hiato entre eles. Conceição era uma moça ousada para sua época. Lia e escrevia. Fazia leituras socialistas, por isso, estava à frente das mulheres do seu tempo, sempre envolvida com as lutas pelas causas sociais. O texto é uma crítica aos valores da época. A protagonista opta por não casar, por não ser mãe de forma tradicional, como as moças de sua época. Ela revoluciona, assim como faz o Modernismo. Conceição é a tentativa de representação de uma possível identidade brasileira. Entre o Romantismo e o Modernismo, entre o amor pelo sexo oposto e o amor à causa social, opta pelo novo, pelo social, pelo humano.

Há dois planos de luta no enredo: a luta de Vicente pela terra e sua permanência no lugar de origem e a luta de Conceição pela vida dos que precisam migrar. Primeiro, um plano individual, egoísta e tradicional, resquícios do Romantismo, da ideia de amor à pátria e do egocentrismo. Segundo, a luta pelo coletivo, verdadeira representação do povo brasileiro, esquecido, sofrido e marginalizado, expatriado de seu meio, representação do Modernismo nordestino. Vicente, como latifundiário, consegue permanecer no seu lugar. Os retirantes, donos de lugar-nenhum, são obrigados a buscar o sonho de uma terra que possam chamar de sua.

Vicente se dedica à fazenda e à lida com o gado, embora se torne um trabalho vão, tendo em vista que o gado morre, porque a seca e a fome destroem tudo no sertão nordestino. Sua luta, individual, se dá pela vida animal, para não perder seus bens. Conceição, todavia, luta pelo coletivo, pela vida humana e sua dignidade. É uma personagem emancipadora, uma vez que concebe um novo modo de olhar o mundo. Essa concepção sugere o nascimento do Movimento Modernista do

Nordeste, preocupado com o ser social, seus problemas e seus limites. O romance vai mostrar o cuidado de Vicente quando “cai” o gado. E o cuidado de Conceição quando “cai” o ser humano.

Para Conceição, não basta que Vicente seja um homem bom. Ela enxerga mais longe. Então, percebe que Vicente não é homem para ela. Aliás, esse homem não existe, tendo em vista seus projetos sociais. A personagem protagonista preocupa-se com os efeitos da estiagem permanente: “A seca, com aquele sol eterno, Conceição com sua indiferença tão fria e longínqua, e o gado moribundo, os roçados calcinados, tudo crescia a seus olhos, na sombra espessa do quarto, em desmedidas proporções de pesadelo” (QUEIROZ, 1992, p. 120). Havia, portanto, como comprova o olhar de Conceição, um contraste entre dois lugares em tempos de seca: um à sombra e outro ao sol, delimitados pela divisão de classes sociais. Nesse sentido, a personagem reflete sobre a injustiça dessa divisão, onde ao povo é negado esse lugar à sombra, como enfatiza Josué de Castro (1984).

Rachel de Queiroz, na intenção de produzir uma nova literatura, não dá ao latifundiário, Vicente, lugar de destaque, como nos romances da fome do século XIX, em que o fenômeno é protagonizado pela burguesia. Embora, no final da narrativa, Vicente continue no seu lugar de proprietário da fazenda, não consegue conquistar o amor de Conceição, terminando sozinho, o que sugere sua derrota. A presença de Vicente na história é para mostrar justamente que seu lugar não é o mais importante na narrativa. Apesar de ter, na situação narrada, um “lugar” seu (é o dono da terra), no enredo o espaço é dedicado a Chico Bento e sua família e a Conceição, aquela que se importa com a miséria humana. Na verdade, a maior parte da história gira em torno de Conceição e da família de Chico Bento, ou seja, em torno da fome. O espaço, portanto, que Rachel de Queiroz dá a Vicente é menor e sem importância, em contrapartida ao espaço privilegiado que a sociedade de classes dá ao personagem. O espaço que a sociedade dá a Chico Bento e aos retirantes é lugar-nenhum. Entretanto, o espaço que Rachel dedica a eles é o mais privilegiado do romance, o que nos leva a refletir sobre a dialética que gira em torno da formação da cultura brasileira: qual o lugar social dedicado ao povo brasileiro na construção de sua identidade?

No segundo plano da narrativa, temos o narrador onisciente, mostrando a retirada de Chico Bento e sua família do sertão do Ceará à capital do Estado. A família se constituía de oito membros: Chico Bento e sua esposa Cordulina; Mocinha, irmã mais nova de Cordulina; cinco filhos: Josias e Pedro (os mais velhos), dois meninos (cujos nomes não são mencionados na narrativa, assim como os dois filhos de Fabiano e sinhá Vitória, em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos) e Manuel (o caçula, que atende pela alcunha de Duquinha). Em tempos de seca, a dura realidade do homem do sertão nordestino é a fuga da fome e da miséria. Por isso, Chico Bento observa sua situação e se despede de sua vida, lastimoso pelo futuro que o espera, tendo a morte como presságio:

E ao dar as costas, rumo à casa, de cabeça curvada como sob o peso do chapéu de couro, sentindo nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada e um penoso arquejar no peito largo, murmurou desoladamente: Ô sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome! (QUEIROZ, 1992, p. 24)

A “frescura desacostumada” à qual se refere o narrador são lágrimas de tristeza do sertanejo ao olhar a dura realidade do mundo seco do Nordeste. De cabeça baixa, liquidado, o homem sertanejo, costumeiramente forte, se vê enfraquecido diante da realidade em que se encontra. A tristeza de Chico se dá pelo recebimento de uma carta do administrador da fazenda, determinando que soltasse o gado e partisse, ou seja, uma carta de demissão, o que faz com que tenha de se despedir de sua vida de vaqueiro. Ao entrar em casa, Chico Bento relê a carta:

Foi direto a um caritó, ao canto da sala da frente, e tirou de sob uma lamparina, cuja luz enegrecera a parede com uma projeção comprida de fumaça, uma carta dobrada. E como quem vai reler uma sentença que executou, para se livrar da responsabilidade e do remorso, ele penosamente mais uma vez decifrou a letra do administrador, sobrinho de dona Maroca [patroa]: *Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, para não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço na fazenda. Sem mais, do compadre amigo...* (QUEIROZ, 1992, p. 24-25)

Estava escrito. O destino de Chico Bento e sua família estava traçado. A desgraça da fome, além de vista a olhos nus, estava prenunciada nos escritos do administrador da fazenda. E é assim que Chico Bento, juntamente com sua família, é expulso do sertão do Ceará. De vaqueiro, passa a retirante, cujo único destino é a procura da sobrevivência em terras longínquas, numa tentativa de adiar a morte dos seus:

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha... (QUEIROZ, 1992, p. 30)

Inicialmente, como se percebe, Chico tenciona ir para o norte. Todavia, no fim da narrativa, Conceição o convence a partir, juntamente com sua família, para terras do sul. Sendo assim, pretendem sair do sertão do Ceará de trem, rumo à capital, utilizando passagem gratuita fornecida pelo governo. Contudo, não sendo beneficiados com as cortesias, são obrigados a seguir a pé. Há, nesse sentido, uma crítica ao descaso do governo, que não auxilia os mais pobres, quando Chico responde à esposa: “- Que passagens! Tem de ir tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu pros ricos!” (QUEIROZ, 1992, p. 34). Além disso, há a revolta do homem trabalhador, honesto, a quem não é destinado nenhum tipo de assistência social para minimizar o sofrimento. Como o governo recusa-se a enviar socorros para o interior, o povo precisa migrar para o litoral, lugar, entretanto, onde a calamidade se apresenta de forma pública.

Sem quaisquer tipos de recursos e com crianças pequenas fazendo parte do grupo de emigrantes, a partida precisava acontecer com urgência: “Sonolenta, ainda, a meninada se levantava, esfregando os olhos, espreguiçando-se em bocejos rasgados, em longas distensões que lhes salientavam o relevo das costelas” (QUEIROZ, 1992, p. 30-31). As crianças, sem conhecimento do destino que as espera, parecem destituídas de passado e de futuro. Não há escolhas, senão ir à procura da vida, da sobrevivência em terras distantes e desconhecidas. São levadas

pelos adultos, que, embora reconheçam seu lugar de destino imediato, a capital, desconhecem, assim como as crianças, os destinos de suas vidas:

O sol ia esquentando. De cima da cangalha, o menino chorou com mais força, debatendo-se, até que Cordulina o retirou, com medo de uma queda. Pô-lo no quarto; logo uma briga se armou entre os outros, num assalto aceso ao lugar na cangalha; na balbúrdia da disputa, eles se confundiam e só se podia distinguir, de momento a momento, um murro, um rasgão, e nuvens de poeira. (QUEIROZ, 1992, p. 39)

A procura por um lugar “à sombra”, ou seja, um lugar de certo conforto, como a cangalha, trava uma disputa entre os irmãos, que já imaginam os excessos da longa jornada. É a seca e, conseqüentemente, a fome que constroem esse estado migratório do homem destituído de chão, de casa, de referência. Nesse sentido, Chico prefere morrer durante a caminhada a permanecer na fazenda e ter o mesmo fim. Nas palavras de Zé da Luz, poeta popular, “O sertanejo é antes de tudo um forte. Mas é também um teimoso.” O retirante teima em não morrer, mesmo quando a morte se anuncia. Na primeira noite de viagem a fome já se instala. Não a fome absoluta, causada pela ausência total de alimentos, mas a fome parcial, ocasionada pela ausência de alguns gêneros alimentícios no organismo:

O vaqueiro foi aos alforjes e veio com uma manta de carne de bode, seca, e um saco cheio de farinha, com quartos de rapadura dentro. Já as mulheres tinham improvisado uma trempe e acendiam o fogo. E a carne foi assada sobre as brasas, chiando e estalando o sal. Pondo na boca o primeiro pedaço, Chico Bento cuspiu: Ih! sal puro! Mesmo que pia! Mocinha [irmã de Cordulina] explicou: - Não tinha água mode lavar... Sem se importarem com o sal, os meninos metiam as mãos na farinha, rasgavam lascas de carne, que engoliam, lambendo os dedos. (QUEIROZ, 1992, p. 40)

Notamos que, no início da caminhada, há uma certa “fartura”: carne seca e farinha. Ainda que salgada em demasia, as crianças, moldadas pela fome, devoram tudo, mesmo que, depois, sedentas da água que não possuem, se desesperem de sede. Portanto, além do sofrimento causado pela ausência de comida adequada, sofrem com a ausência de água. O Duquinha, caçula da família, vai ser a criança-símbolo do texto. Como símbolo da fome infantil, vai configurar a imagem do Brasil

menino. Aquele que morre todos os dias um pouco, seja de sede ou de fome. Aquele que não tem lugar. O expatriado de sua própria terra. Na caminhada:

Os meninos choramingavam, pedindo de comer. E Chico Bento pensava: Por que, em menino, a inquietação, o calor, o cansaço, sempre aparecem com o nome de fome? - Mãe, eu queria comer... me dá um taquinho de rapadura! (QUEIROZ, 1992, p. 42)

É notória a preocupação de Rachel de Queiroz com a fome infantil, visto que é um fenômeno que se manifesta de forma mais avassaladora na criança. A inquietação do pai demonstra seu sofrimento por não poder saciar a fome daquele que depende de seu auxílio. Nesse sentido, o dever de pai, de administrar e suprir as necessidades básicas dos filhos, fica impossibilitado pela ausência total de recursos. Quando a fome absoluta se aproxima, há dois tipos de sofrimento: primeiro, o das crianças, que não compreendem o processo de penúria alimentar do retirante; segundo, o dos pais, que sofrem com a fome e com a dor dos filhos, sabendo que não há nada a ser feito, a não ser esperar por providências divinas: “Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas. - Mãezinha, cadê a janta? - Cala a boca, menino! Já vem! - Vem lá o quê...!” (QUEIROZ, 1992, p. 50).

O processo de iniciação à fome é tão doloroso para a criança quanto para a mãe que, embora sabendo da ausência absoluta de suprimentos, tenta enganar a criança, na tentativa de enganar a si mesma. O romance mostra a fome como uma batalha a qual se vence um pouco todos os dias, na busca de vencer a guerra da vida. Quando os suprimentos alimentares acabam totalmente, o retirante busca formas de comercializar o alimento. Foi assim que, na ocasião, Chico Bento lembrou da rede que tinha comprado para a viagem. “Mas antes dormir no chão do que ver os meninos chorando, com a barriga roncando de fome” (QUEIROZ, 1992, p. 50). Sendo assim, trocando sua dormida por rapadura e um litro de farinha, o pai resolve, embora que momentaneamente, o problema da fome dos seus:

Contudo, o que representava aquilo para tanta gente? Horas depois, os meninos gemiam: - Mãe, tou com fome de novo... - Vai dormir, dianho!

Parece que tá espiritado! Soca um quarto de rapadura no bucho e ainda fala em fome! Vai dormir! (QUEIROZ, 1992, p. 51)

A ação do retirante não resolve o problema da família por definitivo. Nesse processo, apenas uma ação enérgica do governo poderia solucionar o problema de Chico Bento e de todos os retirantes em situação semelhante. O pouco de alimento que consegue adquirir, o retirante reparte com os seus, ficando de estômago vazio: “Levantou-se, bebeu um gole na cabaça. A água fria, batendo no estômago limpo, deu-lhe uma pancada dolorosa. E novamente estendido nailhargá, inutilmente procurou dormir” (QUEIROZ, 1992, p. 51). A imagem da água batendo no estômago vazio figura como um soco, sugerindo a agressão da fome no corpo do ser humano, levando-o à desolação por não conseguir vislumbrar uma solução que sane a dor dos seus familiares. A tortura que corrói o interior do pai é saber da existência da fome de seu filho e estar impossibilitado de saciá-la: “Vagueava à toa, diante das bodegas, à frente das casas, enganando a fome e enganando a lembrança que lhe vinha, constante e impertinente, da meninada chorando, do Duquinha gemendo: ‘Tô tum fome! dá tumê!’” (QUEIROZ, 1992, p. 51-52). Dividido entre o orgulho e a necessidade, Chico chega a pedir para alimentar os filhos.

É por ocasião da fúria da fome que um dos filhos mais velhos do casal, o Josias, cujo significado do nome, ironicamente, é “aquele que Deus salva”, morre por ingerir raízes venenosas: “De tarde, quando caminhavam com muita fome, tinham passado por uma roça abandonada, com um pau de maniva aqui, outro além, ainda enterrados no chão” (QUEIROZ, 1992, p. 55). Josias espera os pais se distanciarem na caminhada e come a raiz venenosa. A imagem do menino definhando é tragicamente paradoxal: “E a criança, com o cirro mais forte e mais rouco, ia-se acabando devagar, com a dureza e o tinido dum balão que vai espocar porque encheu demais” (QUEIROZ, 1992, p. 58). A barriga, tão cheia quanto um balão, apresenta a falsa ideia de fartura. O menino, de barriga cheia, de comida inadequada, tende a estourar como um balão, uma vez que sua morte se aproxima. Inocente dos males da ingestão da raiz no estômago, a criança, desesperada pela tortura da fome, termina por ingerir o alimento que a leva a óbito. No meio do

caminho, no esforço por encontrar uma nova terra que possam enfim estabelecer e fixar moradia, diversas crianças chegam a morrer, desnutridas, carentes de um pedaço de pão, de um gole de água. Rachel de Queiroz apresenta as crianças como os seres que mais sofrem com o flagelo da fome, lutando contra algo que não podem, sozinhas, vencer, como seus destinos:

Com uma escrita enxuta, Rachel vai sutilmente escrevendo os destinos de seus personagens, pincelando neles sua forma de ver o sofrimento que a seca vai causando em todos, mostrando que não havia distinção entre o pobre e o rico quando a seca surge, como a mulher era retratada na sociedade nordestina e como o destino dos mais inocentes, as crianças, vai sendo traçado ao longo da temível seca. (SILVA, [201?], p. 72)

Nos caminhos amargos trilhados pela família de Chico Bento, o que impera é a lei da sobrevivência. Nesse sentido, portanto, o alimento passa a ser a garantia de continuação da vida. As personagens estão em eterno conflito com o meio no qual estão inseridas, tendo em vista serem oprimidas e excluídas do seu contexto social com constantes hostilidades. Como enfatiza Leila Maria da Silva [201?], em busca de uma nova terra, os pobres retirantes saem sem destino certo, abandonando suas vidas e seus sonhos:

A seca destrói a natureza, arrasa as plantações, os campos, mata o gado de fome e assim acaba com qualquer vestígio de humanidade que possa existir, devasta o mundo de sonhos, a vontade do homem sertanejo em se tornar vitorioso na sua terra natal. Quando ela chega, vai lentamente definhando as esperanças do pobre sertanejo e que deixe para trás seus desejos, suas expectativas, tudo o que construiu, para ir atrás de uma nova oportunidade, de um pouco de fé em encontrar uma vida melhor para si e para sua família. (SILVA, [201?], p. 73)

No período de seca permanente, são as crianças que, indefesas e inertes ao mundo que as rodeia, mais sofrem, tendo em vista que seguem seus pais sem saberem o destino que as espera. O nascimento da criança nordestina é marcado, assim, pela certeza da migração em tempos de estiagem. Sua grande sina é a luta de resistir e permanecer vivo em uma sociedade em que poucos, apenas os mais fortes, sobrevivem. Mas a quem considerar forte na sociedade em que estão

inseridos: os famintos que conseguem sobreviver ou a burguesia que vive da fome do povo?

Para Leila Maria da Silva [201?], as crianças nascidas no solo nordestino estão predestinadas a sofrer as dores de seus antepassados. Sempre à espera de um auxílio dos adultos, de um prato de comida, de um pouco de piedade, elas vivem presas ao destino de seus pais, que seguem os caminhos mais torturantes em busca de uma nova vida, de uma nova expectativa. Rachel de Queiroz denuncia a negligência dos poderes públicos diante da contínua situação de seca, fome e penúria do sertanejo, tendo em vista que se recusam a se comprometerem em desenvolver uma medida assistencialista que minimize o sofrimento do nordestino ou que o solucione de vez, já que, embora a seca seja um fator climático, a falta de solução para os danos que ela implica é decorrente da falta de ações políticas. Sendo assim, a seca se torna um objeto de sustentação e manutenção das desiguais estruturas hegemônicas de poder, como afirma Souza Barros (1974).

A morte é a sentença imposta pela região e a criança é sua maior vítima. Vista como um ser fragilizado, que precisa da proteção dos adultos, a criança que consegue sobreviver à jornada é considerada um ser forte, embora sejam poucos os vitoriosos que resistam à segura ingrata do Nordeste:

Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada a fora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz. Cordulina, no entanto, queria-o vivo. Embora sofrendo, mas em pé, andando junto dela, chorando de fome, brigando com os outros... (QUEIROZ, 1992, p. 65)

A crítica de Rachel se dá em relação à situação de abandono do povo brasileiro, cuja paz seria alcançada apenas com a chegada da morte, que os livraria do sofrimento constante. A romancista denuncia que o sofrimento do povo nordestino, com os períodos de estiagem, voltaria a acontecer, pois continuariam a morrer da mesma morte, como uma sina. As cenas apresentadas no romance

evidenciam o processo ao qual o ser humano precisa se sujeitar para conseguir migalhas de alimento não para saciar, mas para enganar a fome:

Às vezes paravam num povoado, numa vila. Chico Bento, a custo, sujeitando-se às ocupações mais penosas, arranjava um cruzado, uma rapadura, algum litro de farinha. Mas isso de longe em longe. E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-brava que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos, se arrastando e gemendo. (QUEIROZ, 1992, p. 66)

O cotidiano da fome do povo nordestino é retratado em episódios nos quais os retirantes se encontram em estágio de mendicância absoluta:

E Cordulina, botando a vergonha de lado, com o Duquinha no quadril – que as privações tinham desensinado de andar, e agora mal engatinhava –, dirigia-se às casas, pedindo um leitinho para dar ao filho, um restinho de farinha ou de goma pra fazer uma papa... (QUEIROZ, 1992, p. 66)

A situação do menino retirante é de retrocesso, tendo em vista ter perdido a capacidade de andar, o que sugere o rastejar por comida, pois o mendigo não caminha, rasteja, como bicho.

A partir do capítulo dezesseis as duas histórias se cruzam. Não existe mais a história de Conceição e Vicente e Chico Bento e sua família. Agora é a história da seca e da fome no sertão nordestino. Não há mais a divisão entre Romantismo e Realismo. Juntos, temos a configuração do Modernismo nordestino.

Chegados à capital, Conceição encontra a família de Chico, agora com apenas três filhos, tendo em vista que um morreu envenenado e o mais velho, Pedro, cujo significado do nome é “origem”, embora não fique claro seu destino, provavelmente foge da companhia da fome, representada por sua família. Do menino Pedro, sabemos apenas a origem, o seco sertão nordestino, seu destino é uma incógnita, já que a personagem não é mais mencionada na narrativa.

Conceição, ao olhar para Cordulina, reconhece, em seus braços, o afilhado Manuel: “E a criança que outro tempo trazia Cordulina tão gorda, era decerto aquela que lhe pendia do colo, e que agora a trazia tão magra, tão magra que nem uma

visagem, que nem a morte, que só talvez um esqueleto fosse tão magro...” (QUEIROZ, 1992, p. 91). O sofrimento da fome se mostra evidente não apenas no interior das personagens, mas também em suas aparências e atitudes.

Quando Chico começa a trabalhar, a fome deixa de ser epidêmica para se tornar endêmica, ou seja, deixa de ser absoluta para ser parcial. Ele trazia consigo: “pão, rapadura e um pouco de café. E o alvoroço da meninada que o acolheu, e lhe arrebatou as compras, bem lhe pagou as tristes horas do dia, curvado sobre a pá, em tempo de morrer de calor e cansaço...” (QUEIROZ, 1992, p. 103). A cena paradoxal, da alegria dos filhos diante do alimento parco, é capaz de trazer alegria ao pai, mesmo em meio a tanta desesperança e cansaço.

Almejando uma vida digna, Chico planeja migrar, com sua família, para o norte do país, lugar para onde se dirigiam muitos nordestinos. Entretanto, por sugestão de Conceição, seguem para a cidade de São Paulo: “Subitamente, Conceição teve uma idéia: - Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer...” (QUEIROZ, 1992, p. 109). Trava-se a falsa ideia do nordestino que enriquece nas terras do sul.

Sendo assim, o processo migratório se origina no sertão do Ceará, passa pela capital e objetiva findar na grande metrópole: São Paulo. Chico, fascinado, na viagem para São Paulo: “Sentia como que um ímã o atraindo para aquele destino aventureiro, correndo para outras terras, sobre as costas movediças do mar...” (QUEIROZ, 1992, p. 113). Todavia, Rachel critica a partida do imigrante nordestino, simbolizado pela imagem do tráfico de negros nos navios, na época da colonização, como bichos:

lam para o desconhecido, para um barracão de emigrantes, para uma escravidão de colonos... lam para o destino, que os chamara de tão longe, das terras secas e fulvas de Quixadá, e os trouxera entre a fome e mortes, e angústias infinitas, para os conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno... (QUEIROZ, 1992, p. 114)

O texto já prenuncia a vida de Chico Bento e sua família, recebidos como escravos em outras terras. A solução para o problema da fome não está no

abandono da terra em busca de terras férteis, tendo em vista que os retirantes migram mas continuam na miséria. A questão está no sistema e sua má distribuição de renda, por isso a miséria será sempre total. Se a renda fosse mais bem distribuída entre os Estados brasileiros, não haveria necessidade de superpovoar outras regiões. A família de Chico Bento, que começara a viagem com cinco filhos, prosseguiria o trajeto apenas com os dois cujos nomes não foram mencionados, tendo em vista que o caçula, como era comum acontecer em épocas de grandes estiagens, havia sido doado à madrinha, Conceição, a seu pedido, para que não tivesse o destino das outras crianças. Ao final da narrativa, após a partida de Chico Bento e sua família:

Dona Inácia tomou o volume das mãos da neta e olhou o título: - E esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava... Conceição riu de novo: - Isso não é romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo... - De que trata? Você sabe que eu não entendo francês... Conceição, ante aquela ouvinte inesperada, tentou fazer uma síntese do tema da obra, procurando ingenuamente encaminhar a avó para suas tais idéias: - Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternos, do problema... (QUEIROZ, 1992, p. 124)

A avó é a representação da sociedade tradicional. Conceição, mulher à frente do seu tempo, preocupada com questões sociais, representa a modernidade. A personagem protagonista foge do papel conservador de mulher esposa e mãe, imposto pela comunidade conservadora e machista em que vive, transgredindo a ordem vigente da sociedade em que está inserida:

- Mãe Nácia, quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe... Senão a vida fica vazia demais... - E para que você torceu sua natureza? Por que não se casa? Conceição olhou a avó de revés, maliciosa: - Nunca achei quem valesse a pena... (QUEIROZ, 1992, p. 125)

Conceição renuncia ao ideário de casamento, imposto pelo mundo tradicional, para se dedicar ao bem-estar do povo. Ela rejeita a condição de mulher “do lar” para se tornar mulher emancipada. Para isso, compreende a necessidade de criar um

ambiente diferente, aquele no qual, nós, brasileiros, passaríamos a chamar de nosso: nosso país, nossa história, nosso futuro.

Ao refletir sobre o ambiente no qual foi introduzida, Conceição nos faz refletir sobre o projeto identitário nacional e sobre a causa social a ele ligada. Ela afirma que: “A gente precisa criar seu ambiente, para evitar o excessivo desamparo... Suas ideias, suas reformas, seu apostolado... Embora nunca os realize... nem sequer os tente... mas ao menos os projete, e mentalmente os edifique...” (QUEIROZ, 1992, p. 125). O romance deixa claro a importância do engajamento político-social na construção identitária da cultura nacional.

Conceição é a representação da nova ideia de pátria-mãe. Não mais a pátria-mãe tradicional, que apresentava seu espaço como lugar idealizado, mas a pátria-mãe da modernidade, que enxerga o espaço nacional como ele realmente é, como um lugar desprovido de encantamentos, permeado por mazelas sociais, onde o povo vive marginalizado, expatriado de suas origens. O afilhado Manuel, cujo significado é “Deus conosco”, é a representação da luta de Conceição pela causa dos desvalidos. Aos cuidados da madrinha, mãe adotiva, vencida e superada a doença da fome, o menino passa a ser o estereótipo do povo brasileiro, aquele que sofre, luta, mas consegue sobreviver, mesmo em um país que não zela pelos seus. O novo modelo de mãe e filho, que derruba o estereótipo tradicional, concede lugar a uma nova forma de ver e fazer a cultura brasileira. Olhando uma foto, o menino Duquinha reconhece a figura de Conceição, sua madrinha:

Gravemente Duquinha a fitou, num esforço de compreensão. Depois, riu-se, parecendo reconhecer alguém na figura: - *Ah! a Badinha! Óia a Badinha!* Entusiasmado, agarrava com mais força o cartão, machucava-o, esfregava nele a ponta do dedo, na alegria de sua descoberta: - *A Badinha! A Badinha.* Conceição quis reencetar a leitura: - Pois sim! Vá-se sentar. E brinque caladinho que a *Badinha* quer ler. Mergulhou os olhos no livro; as letras negras clamavam: “*E a eterna escrava vive insulada no seu próprio ambiente, sentindo sempre que carece de qualquer coisa superior e nova...*” Conceição murmurou: - O seu ambiente... Circunvagou os olhos pela sala, pelos quartos, a mesa cheia de livros, fixou-os em Duquinha que sentado no chão fazia a bruxa cavalgar a lata... - É preciso criar seu ambiente... e até no meu, brinca uma criança... Depois, encolhendo os ombros: - É tão complexo, isso de ambiente... Afinal... Mas sei lá!... (QUEIROZ, 1992, p. 126-127)

Conceição reflete sobre o ambiente, o espaço que precisa ser conquistado, embora reconheça a complexidade de sua conquista. Entre o espaço doméstico e o espaço público, escolhe o público porque entende que é nele que o privado se solidifica. Ela adota Duquinha como filho porque reconhece que existem muitos duquinhos vítimas da seca e da fome nordestinas. Ao afirmar que: “É preciso criar seu ambiente... e até no meu, brinca uma criança...”, a protagonista deixa claro que mesmo fazendo parte de uma nova concepção de mulher-mãe ela teve a capacidade de criar e amar uma criança, ou seja, ela mostra que a nova pátria-mãe pode, como ela, adotar novos filhos, se dedicar ao bem-estar do próximo, para que, assim, possamos ter, no futuro, uma nação em que o povo possa ter uma vida decente, como gente. É importante frisar que Conceição, ao adotar Duquinha como filho, não abandona sua causa maior, que é a adoção do ideal de um Brasil melhor. Além de se dedicar à criança que passa a chamar de sua, continua a dedicar-se em prol da causa do coletivo:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazarentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia. (QUEIROZ, 1992, p. 128)

Embora o afilhado fosse a representação do Brasil menino que sobrevive à fome no sertão nordestino, a protagonista entende que existem outros infantes que precisam de seu auxílio, por isso, não abandona a luta. Pelo contrário, passa a se dedicar ainda mais, tendo em vista que o afilhado traz para sua vida o incentivo que precisava para continuar. Por esse motivo, entende a necessidade da busca constante de conhecimento. Questionada pela avó por sua dedicação exaustiva aos livros, Conceição responde: “- Mãe Nácia, eu digo como a heroína de um romance que li outro dia: ‘Não sei amar com metade do coração...’” (QUEIROZ, 1992, p. 128). Rachel de Queiroz apresenta uma crítica ferrenha à sociedade tradicional, onde as famílias preocupam-se apenas com o bem-estar dos seus, esquecendo-se daqueles

que vivem ao seu redor. É nesse sentido que Conceição busca o amor. Não apenas ao “seu” filho, mas principalmente ao seu próximo.

Somente em dezembro de 1915 começa a chover e a esperança se renova no coração das personagens. Dona Inácia, representante da burguesia, volta para o sertão e Conceição vai morar com solteironas da cidade (na casa das Rodrigues). Tudo volta a ser como antes, até que outra seca volte a devastar as esperanças do povo sertanejo:

E à porta das taperas, as criancinhas que brincavam e corriam em grupos curiosos, à vista da cadeirinha, ainda tinham a marca da fome tristemente gravada nos pequeninos rostos ossudos, dum amarelo de enxofre. Carecia esperar que o feijão grelasse, enramasse, florasse, que o milho abrisse as palmas, estendesse o pendão, bonecasse, e lentamente endurecesse o caroço; e que ainda por muitos meses a mandioca aprofundasse na terra as raízes negras... Tudo isso era vagaroso, e ainda tinham que sofrer vários meses de fome. À medida que a cadeirinha avançava, Dona Inácia informava-se com o vaqueiro sobre o que sucedera pelo Logradouro. O homem só aludia a misérias e a mortes. Dos olhos embaciados da velha, as lágrimas desciam, apressadas. E ao ver a sua casa, o curral vazio, o chiqueiro da criação devastado e em silêncio, a vida morta, apesar do lençol verde que tudo cobria, Dona Inácia amargamente chorou, com a mesma desesperada aflição de quem encontra o corpo de alguém muito querido, que durante nossa ausência morreu. (QUEIROZ, 1992, p. 144-145)

O fim da seca não é, como se pode ver, o fim da fome. É apenas o prenúncio de que a fartura, embora não imediata, voltaria, apesar não saber por quanto tempo, a fazer parte da vida do povo sertanejo. A emoção sentida por dona Inácia voltando para suas terras comprova a ideia de amor à terra.

Três anos após o fim da seca, no Logradouro já revitalizado pelo tempo, Conceição percebe que todas as suas amigas, menos ela, haviam casado. Ela, novo modelo de mulher, independente e culta, filosofa sobre a questão do amor:

- Ora o amor!... Essa história de amor, absoluto e incoerente, é muito difícil de achar... eu, pelo menos nunca o vi... o que vejo, por aí, é um instinto de aproximação muito obscuro e tímido, a que a gente obedece conforme as conveniências... Aliás, não falo por mim... que eu, nem esse instinto... Tenho a certeza de que nasci para viver só... (QUEIROZ, 1992, p. 148)

Criticando o casamento por conveniência, a união tradicional, a moça deixa claro seu posicionamento diante do amor. Não encontramos, no final do romance, o clássico final feliz do Romantismo, dentro do qual, sendo Conceição a heroína, ela se casaria com, possivelmente, Vicente e juntos teriam um filho que seria o símbolo do amor do casal. Pelo contrário, a proposta de Rachel é dar continuidade ao projeto de denúncia da fome, de preocupação com o dado social, iniciado por José do Patrocínio, no Realismo brasileiro. Questionada sobre o projeto de viver sozinha, Conceição parece, por momentos, duvidar de sua condição de maternidade:

Em caminho, pensava na citação do rapaz: “Vae solis!” Pedante! Mas Lourdinha parecia tão feliz com a filhinha... Afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é acalantar uma criança no peito... E sentia no seu coração o vácuo da maternidade despreenchida... “Vae solis!” Bolas! Seria sempre estéril, inútil, só... Seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolongaria noutra pequenina alma... Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade... Ai dos sós... Mas ao chegar em frente à calçada da prima, onde a avó a esperava, Duquinha afastou-se das saias de Dona Inácia, e correu-lhe ao encontro: - Madrinha! Madrinha! Me dê dois tões para eu comprar um navio de papel! À vista do menino, adoçou-se a amargura no coração da moça. Passou-lhe suavemente a mão pela cabeça; e pensou nas suas longas noites de vigília, quando Duquinha, moribundo, arquejava, e ela lhe servia de mãe. Recordou seus cuidados infinitos, sua dedicação, seu carinho... E, consolada, murmurou: - Afinal, também posso dizer que criei um filho... (QUEIROZ, 1992, p. 149-150)

O fato de não ter gerado Duquinha em seu ventre não significava que não era sua mãe, tanto quanto as outras que geraram seus filhos. O fato de o Brasil não ter gerado, desde seu nascimento, uma literatura voltada para o problema do povo não significava dizer que não poderia passar a fazê-la posteriormente. O estranho namoro de Vicente e Conceição demonstra, de acordo com Maurício Melo Júnior [201?], que toda resistência da protagonista se dá pelo medo das amarras dos matrimônios da época. Ela reconhece possuir instinto maternal, contudo opta pela liberdade de pensar e agir, exterminando, com isso, a possível ponta de sentimentalidade do livro. O reconhecimento do menino e a presença viva em sua vida, entretanto, fazem a protagonista ter a certeza de que é possível uma vida diferente da tradicionalmente consolidada. Que é possível fazer uma literatura diferente da já enraizada na cultura do país.

Embora a história se dê em dois planos estruturais, temos a fome vista por três ângulos ideológicos: o olhar de Vicente, latifundiário (que não se mostra preocupado com a fome humana e sim com a fome do seu gado), cuja fome humana é observada à distância, sem que sofra com ela; o olhar de Chico Bento, personagem que sente e sofre, junto com sua família, as agruras da privação alimentar; e o olhar de Conceição que, embora não sofra desse mal, experimenta da dor do outro como se sua fosse. Participa, divide, sofre, auxilia a causa do desvalido.

Três anos após o final da seca de 1915, ninguém mais fala em fome na região. A família de Chico Bento, que no vigésimo capítulo parte para o sul, não volta a ser mencionada na narrativa. Esquecida a seca, deixam de ser lembrados seus filhos, o povo brasileiro sofrido.

CAPÍTULO III

OS RAMOS DA FOME NAS VIDAS SECAS DOS MENINOS DE GRACILIANO: O NÃO-LUGAR DO RETIRANTE NORDESTINO

Por onde andei? Que misteriosa plaga?
Muito longe talvez, ou muito perto:
Um litoral em névoas encoberto
E um perfil de paisagem que se apaga.

Ribeiro Couto

O romancista Graciliano Ramos (1892-1953) nasceu na cidade de Quebrangulo, Alagoas. Teve seu quarto romance, *Vidas secas*, publicado em 1938, como sua obra de maior destaque, tendo em vista se voltar para os dramas sociais e geográficos de sua região, configurando a seca e a fome nordestinas como elementos significativos para a afirmação de uma literatura internacionalmente reconhecida.

Seu texto, embora trate de problemas sociais do Nordeste, apresenta uma visão crítica das relações humanas, o que o torna de interesse universal. Conforme Affonso Romano de Sant'Ana (1973), as personagens, em *Vidas secas*, são apenas

figurantes silenciadas pela fome, esta tida como personagem protagonista. No mundo infantil de Graciliano Ramos, a criança é um ser silenciado pelo adulto e pelo espaço opressor na intenção de representar o povo devorado pelo meio social.

Assis Brasil (1969) deixa claro que Graciliano Ramos se destacaria entre os romancistas de sua época por, além de apresentar um tratamento literário elevado, mostrar as personagens por dentro. “Naquela fase em que as exterioridades paisagísticas e pitorescas eram a normatividade. Ele troca a natureza paisagística pela natureza humana” (BRASIL, 1969, p. 17). Em Graciliano Ramos, é dado à criança, e a todos os marginalizados, o direito da fala, mesmo que esta esteja representada através do silêncio. Desse modo, conforme Wander Miranda:

A narrativa de Graciliano Ramos abre espaço para que o silêncio do marginal, do pobre, do retirante, do preso, do menino humilhado apareça. Com isso, ele realiza um ato político, por não ser paternalista, por não falar no lugar do outro, e, ao mesmo tempo, um ato artístico de grande expressividade, por abrir um novo caminho para a representação do que não é representável, do que não tem ou, até aquele momento, não tinha, linguagem. E o que não tem linguagem é o silêncio do oprimido: o retirante de *Vidas secas* [...]. (MIRANDA, 2006, p. 140)

Vidas secas relata a condição subumana de sobrevivência nas terras sertanejas do Nordeste em tempos de seca e fome, onde as crianças acabam se tornando adultos em miniatura, condicionados pelas durezas da vida no seco chão do sertão. Em comparação com os outros romances citados, comentados e analisados no decorrer deste trabalho, o romance de Graciliano Ramos é, sem dúvida, o que tem um espaço maior e mais significativo reservado às personagens infantis, principalmente nos capítulos “O Menino Maior” e “O Menino Menor”, designados, exclusivamente, para a figuração do não-lugar do infante em tempos de estiagem contínua.

A narrativa é composta por treze capítulos, que a escritora Clara Ramos (1992), filha do romancista Graciliano Ramos, prefere chamar de painéis isolados, mas solidários no conjunto. Curiosamente, o romance *O Quinze*, analisado no capítulo anterior, possui o dobro de capítulos, embora o texto de Graciliano o supere em qualidade estética. Apesar de escrito, conforme Clara Ramos (1992), no segundo

semestre de 1937, no pequeno quarto da pensão do Catete, o texto é publicado apenas no ano seguinte. É considerado a obra-prima do autor, pertencente a um gênero intermediário entre o romance e o conto. Constituído por cenas e episódios isolados, alguns quadros foram publicados, separadamente, como contos. Juntos, adquirem, contudo, um outro sentido. Nessa perspectiva, conforme Wilson Martins:

Vidas secas seria, normalmente, um livro de paisagem. É o drama das secas, mais uma vez no romance. Seria um fenômeno meteorológico, condicionando a vida dos personagens, a sua psicologia e os seus atos. Mas ainda uma vez a paisagem, se não pode dizer que foi omitida, não adquire a preponderância que o fenômeno na vida real inegavelmente possui. Ao contrário da composição cerrada dos seus outros romances, o Sr. Graciliano Ramos adotou neste a composição em quadros, e cada um desses quadros é um estudo psicológico. (MARTINS, 1978, p. 41)

O que une os capítulos é a luta pela vida humana, visto que as personagens, exibidas de forma separada, se apresentam como figurantes das vidas secas e esfomeadas, frequentemente esquecidas no sertão nordestino ou em qualquer lugar. Conforme Adonias Filho (1973), para Graciliano Ramos, o que importa não é a seca e a fome em sua possibilidade descritiva, mas a consequência delas no coração das criaturas. Contrariando o regionalismo clássico, o autor trabalha as personagens interiormente. “A seca espreita e força o nomadismo. E será possível afirmar que dessa fusão da personagem com a terra – o homem com o cenário – sai o drama que transmite ao livro a descarga nervosa” (ADONIAS FILHO, 1973, p. 79). A paisagem aparece, no romance, predominante apenas no primeiro e último capítulos. Nos demais, o que vemos é a representação da condição humana em meio à seca e à fome no Nordeste.

A estética da fome, eixo central deste trabalho, é mola propulsora para a formação das personagens de *Vidas secas*. Embora Luís Camargo (2001) afirme que, no romance, [...] “o ambiente em que circulam os personagens não é o da seca – com exceção óbvia do capítulo inicial. Por incrível que possa parecer, a maior parte do enredo se passa em tempos de fartura” (CAMARGO, 2001, p. 872), nossa análise vai enfatizar que é justamente a fome, em proporções diferenciadas, elemento

indicador da formação da personalidade das personagens, como sugere Josué de Castro (1984).

Apesar de a maior parte dos artigos e livros que analisam o romance *Vidas secas* se debruçar sobre sua estrutura e linguagem, delegando a temática da fome a um plano secundário, nosso objetivo é mostrar que a fome, mais especificamente a fome infantil, é o fio condutor da proposta romanesca do Movimento Modernista nordestino como um todo.

O romance narra a história de uma família de retirantes no sertão nordestino: Fabiano, sinhá Vitória, dois filhos, cujos nomes não são mencionados, e a cachorra Baleia. A família está em busca de um lugar onde possa fugir da seca e da fome, visto que, quando as forças, as reservas alimentares e a esperança do sertanejo esgotam, segundo Josué de Castro (1984), os retirantes iniciam a jornada, porque sem água e alimentos o êxodo precisa começar. As personagens são apresentadas, desde as primeiras páginas, em retirada, cansados e famintos. Após um dia inteiro de caminhada. A cena é resumidamente apresentada assim:

[...] sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folhas na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. (RAMOS, 2000, p. 9)

Cansado, o menino mais velho começa a chorar e senta-se no chão. Como o lugar do destino não é sequer vislumbrado pela família, o pai, em resposta à atitude da criança, exige que se levante, gritando: “– Anda, condenado do diabo [...]”. Mas a criança não se anima para levantar-se, mesmo Fabiano fustigando-o com a sua bainha da faca de ponta. Abordando a relação do ser com o mundo e como esse mundo se torna injusto ao homem do povo, Graciliano toca no problema da alma humana:

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como algo necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente

esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. (RAMOS, 2000, p. 10)

A criança, embora não seja a culpada pelas desgraças que assolam a família de Fabiano, é alguém em quem a personagem pode descarregar sua raiva. Rolando Morel Pinto (1962) observa que, na queda do filho, Fabiano se aproxima para agredi-lo porque:

Essa neurastenia, que não era natural, vinha inconscientemente da falta de alimentação, das longas caminhadas na soalheira ardente, das noites mal dormidas à beira dos caminhos. Não podia entender a atitude do menino, que devia acostumar-se àquela situação, pois ela já vinha de longe; do tempo do pai de Fabiano. Por que o menino teimava em ficar sentado na terra chorando? (PINTO, 1962, p. 95)

Realmente, Fabiano, um homem forte e bruto, criado no sertão e acostumado a enfrentar os períodos de longas estiagens no Nordeste, não podia compreender por que motivo seu filho, criança nascida e criada no sertão, como ele, pudesse sucumbir em caminhada. A criança, todavia, devido sua fragilidade, teimava em se tornar um obstáculo para a marcha coletiva:

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinhá Vitória estirou o beíço indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados ao estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. Sinhá Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis. (RAMOS, 2000, p. 10)

Notemos a mudança de atitude e sentimentos de Fabiano. Primeiro, Fabiano, vaqueiro, se enfurece porque o menino não é forte e resistente à caminhada, à seca e à fome. Pensa em abandonar a criança e deixá-la ser devorada pelos urubus. A mãe desaprova a atitude do pai, que examina a criança e percebe sua fragilidade:

“fria como um defunto”. Então, Fabiano, pai, se compadece e carrega a criança nas costas. Aqui, temos a criança retirante impotente diante do universo da fome. São os primeiros passos da criança no Nordeste.

Ainda na véspera da viagem, eram seis viventes, mas “a fome apertara demais os retirantes e [como] por ali não existia sinal de comida [...]” (RAMOS, 2000, p. 11) resolveram matar o papagaio para alimentarem-se por aquele dia. Agora eram apenas cinco: Fabiano, sinhá Vitória, o menino menor, o menino maior e Baleia. Perdidos no deserto sertanejo, Fabiano e sua família:

lam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinhá Vitória beijava o focinho de baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo. (RAMOS, 2000, p.14)

Observamos a alegria da família com a caça da cachorra. O menino via como um sonho a visão do alimento, visto que a realidade era a fome absoluta. A mãe, na tentativa de agradecimento ao animal, beija-o, se alimentando dos restos de sangue deixados no focinho do bicho. O homem, como qualquer outro animal faminto, apresenta uma conduta mental, emocional e racional nunca antes esperada. Seu comportamento se modifica como o de outros seres vivos atingidos nesta mesma zona de flagelo da fome. Embora a caça fosse “mesquinha”, saciaria a fome e, portanto, adiaria a morte do grupo, tendo em vista que, caso não encontrassem comida, a morte seria a sentença. Esse primeiro capítulo do romance, denominado por Graciliano Ramos de “Mudança”, apresenta a mais dura realidade da fome exibida no decorrer do livro, que aparece como expressão das agressões à infância no Nordeste brasileiro.

Quando Luís Camargo (2001) afirma que a maior parte do enredo de *Vidas secas* se passa em tempos de fartura, acredita-se que ele desconhece os conceitos de fome enfatizados por Josué de Castro (1984): fome coletiva epidêmica e fome coletiva endêmica. A primeira, provocada por catástrofes ecológicas, compreendida como a fome global, e a segunda, conhecida como subalimentação, seria a fome parcial, ou fome oculta, causada pela falta permanente de determinados alimentos

nutritivos nos regimes nutricionais, sendo a mais frequente. Sendo assim, vamos ter, no decorrer de todo o romance, a fome como eixo, ora a fome total, ora a forma parcial. Desse modo, no primeiro capítulo teremos a representação da fome epidêmica e, nos demais capítulos, embora não encontremos fartura, vamos nos deparar com a fome endêmica, aquela que não mata o corpo, mas corrói a alma humana. Para Josué de Castro (1984), como exposto anteriormente, existem duas maneiras de morrer de fome: não comer nada e definhar de maneira vertiginosa, ou comer inadequadamente e entrar em um regime de carências específicas, capaz de provocar um estado que pode também conduzir à morte. Nesse sentido, as duas fomes se desenvolvem no romance. A chegada a uma fazenda abandonada faz Fabiano sonhar com o futuro, trazendo ao vaqueiro a esperança pela sobrevivência e por uma vida melhor para sua família:

la chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro de cabras, sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde. (RAMOS, 2000, p. 15)

Por mais que a vida no sertão em tempos de estiagem fosse dura e de sacrifício, Graciliano Ramos mostra que o sertanejo não perde a capacidade de sonhar, de ter esperanças e de acreditar em tempos de fartura. Na verdade, o que parece dar forças ao homem do povo é justamente essa capacidade de, mesmo diante da dor, projetar esperanças e enxergar no futuro um mundo melhor, onde eles possam ter uma vida mais humana. O segundo capítulo, intitulado “Fabiano”, construído praticamente a partir de reflexões advindas de uma pergunta feita pelo filho mais velho ao pai Fabiano, nos faz refletir sobre o comportamento do homem sertanejo:

Uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar? Repeliu-o, vexado: – Esses capetas

têm ideias... Não completou o pensamento, mas achou que aquilo estava errado. Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço, interrogando-o debalde. Chamou os filhos, falou de coisas imediatas, procurou interessá-los. Bateu palmas: – Ecô! ecô! (RAMOS, 2000, p.20)

Preocupado com o comportamento questionador do filho e como esse poderia prejudicar a gente humilde do campo, a quem não era permitido o direito de falar, Fabiano chama a atenção do filho e quando o leitor imagina que ele vai se expressar, solta uma expressão gutural, levando-nos a crer que é justamente o que tem a ensinar ao filho. Ou seja, mostra que o silêncio, o não questionar e o não questionar-se é a única solução de sobrevivência para o oprimido nas terras do sertão, onde o direito à fala é dado apenas aos que detêm o poder.

A lembrança de Fabiano menino é a imagem de seus filhos agora. O que o pai queria era que os filhos comessem a reproduzir os gestos hereditários de sua família. O pai de Fabiano era vaqueiro, Fabiano seguia a mesma linha e queria que os filhos fizessem o mesmo: crescessem homens fortes, como ele e sua família. Assim, quando a seca e a fome chegassem, precisariam ser fortes, igualmente ao pai.

Fabiano, almejando a propagação de sua espécie, desejava que os meninos silenciassem, como ele havia feito no passado, pois reconhece que todos os seus questionamentos, como os dos filhos, foram em vão. É notória, em todo o romance, a presença do diálogo estabelecido entre duas forças – a física e a intelectual. Fabiano possui a primeira, mas teme que seus filhos desenvolvam a segunda. Fabiano, inicialmente, tenta culpar a esposa pelo “despropósito” dos questionamentos do filho, mas, entendendo que as ocupações domésticas não permitiam que a mãe pudesse educar os filhos como ele desejava, perdoa a esposa:

Agora queria entender-se com sinhá Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente ela não era culpada. Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. E eles estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha. (RAMOS, 2000, p. 21)

A Fabiano nunca havia sido dado o direito de saber, de questionar. Como os filhos, quando criança, era um questionador, mas o meio social o impedia de pensar, de falar e de se expressar. O romance vai mostrar que a trajetória de Fabiano já foi a de seus ancestrais e será também a de seus filhos. Ao contrário do adulto, silencioso, as crianças são questionadoras. Será o duro mundo do sertão nordestino, com suas secas e fome, que transformará o menino questionador em animal silenciado, humilhado e esmagado pelo meio social, tendo em vista que a fome coletiva, apresentada no romance, é um fenômeno social. De acordo com João Pereira Pinto:

Fabiano [...] carece de poder de linguagem. Encarcerado no mundo da seca e sem a menor condição de romper com o ciclo, habita o ambiente do latifúndio rural e não consegue se contrapor à estrutura sociopolítico-econômica por falta de compreensão do funcionamento dessa mesma estrutura. Daí, não tem poder de transformar o que está a sua volta. Na sua extraordinária simplicidade, não é propriamente o sujeito de sua vida [...]. (PINTO, 2001, p. 134)

Ao avizinhar-se da fazenda, Fabiano e sua família estavam mortos de fome, chegando a comer raízes. “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de macunã” (RAMOS, 2000, p. 18). Até que vem a chuva e faz a família do vaqueiro passar a se alimentar de produtos escassos mas adequados à raça humana. O objetivo de Fabiano de criar seus filhos homens fortes para sofrerem e vencerem as adversidades da seca, da fome e da vida era para que eles, assim como ele, vivessem “[...] muitos anos, [porque ele, Fabiano] viveria um século. Mas se morresse de fome ou nas pontas de um touro, deixaria filhos robustos, que gerariam outros filhos” (RAMOS, 2000, p. 24). Esses seriam tão robustos quanto Fabiano, porque o sertão, com a seca e a fome – fosse ela endêmica ou epidêmica – só aceitaria homens fortes como Fabiano, seus antepassados e seus descendentes:

Tudo seco em redor. [...] Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem

teriam o fim de Seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhes serviria tanto livro, tanto jornal? Morreria por causa do estômago doente e das pernas fracas. (RAMOS, 2000, p. 24)

É evidente a diferença de perspectiva de sinhá Vitória e de Fabiano. Enquanto o pai deseja formar seus filhos homens fortes para o trabalho duro e as adversidades do sertão nordestino, a mãe tem o desejo de fazê-los homens de letras. Fabiano adverte sobre a ineficácia da leitura no sertão nordestino. Seu Tomás era preparado para viver no mundo intelectual, mundo das letras e das gentilezas. Ele era o oposto de Fabiano, considerado um bruto. Mas o sertão precisava de homens como Fabiano. Seu Tomás não resistira à dura realidade do chão nordestino em tempos de seca e morrera. Fabiano e sua família, apesar de não terem sido presenteados pela vida com a força intelectual, apesar de não saberem se expressar como Seu Tomás, são aqueles que conseguem sobreviver à fome do mundo seco em que estão inseridos, porque entenderam que o caminho pelo qual deveriam seguir era o do trabalho pesado, do silêncio absoluto e da sujeição à humilhação e ao descaso social.

Embora Seu Tomás representasse a força intelectual, sua fraqueza física o condicionou à morte em tempos difíceis. Do contrário, a família de Fabiano representa a força física e a deficiência intelectual. No mundo do Nordeste, onde a busca pela sobrevivência fala mais alto, o retirante, pobre trabalhador acuado, é obrigado a entender que o lugar no qual habita e trabalha lhe é dado por “favor” e que, portanto, precisa obedecer e executar as ordens do patrão para que tenha direito a esse lugar que, na verdade, não é seu:

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da bolandeira é que devia ter lido isso. Livres daqueles perigos, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles. (RAMOS, 2000, p. 25)

O narrador demonstra as duas extremidades da vida humana: os que podiam falar e os que deviam ouvir. Os que tinham poder e os que deviam obediência. As

experiências pelas quais havia passado Fabiano ao longo de sua vida podiam comprovar que aquele menino questionador que fora no passado tinha de ter morrido para dar lugar ao homem forte no qual havia se transformado. Ele sabia que era essa sua sina, que tinha sido a do seu pai e que deveria ser a mesma dos seus filhos. Eles, então, pareciam pertencer a um ciclo de forças atávicas do qual não conseguiam se desvencilhar por mais que intentassem romper. Como não é possível ser feliz no momento presente, a todo tempo Fabiano e os seus projetam suas alegrias em tempos futuros distantes, para enganar a dureza do presente.

Os capítulos dedicados às crianças são intitulados “O menino mais novo” e “O menino mais velho”, tendo em vista que as crianças, sem nome, são estereótipos do vaqueiro nordestino. Serão como Fabiano, quando crescerem. Apenas apresentados como meninos, têm sua identidade predeterminada pelo meio. Serão vaqueiros, bichos como Fabiano.

Enquanto Fabiano admirava o saber de Seu Tomás e de sinhá Vitória, o menino menor admirava a força de Fabiano. No capítulo “O menino mais novo”, há o desejo do filho de ser igual ao pai: homem grande, forte. “Naquele momento Fabiano lhe causava grande admiração. Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo.” (RAMOS, 2000, p. 47). Na verdade, o menino não tinha muitos referenciais nos quais pudesse se posicionar, portanto, o pai se torna seu referencial maior. Conforme Vilma Arêas:

A figura épica do sertanejo, por exemplo, existe, sim, mas ela concretamente só se realiza como reflexo em miniatura – na imitação do menino mais novo. É através de sua admiração infantil que a figura de Fabiano pode retomar as dimensões da tradição, mantendo, ao mesmo tempo, seu passo banzeiro, pesado, “direitinho um urubu”. (ARÊAS, 1995, p. 195)

Embora essa admiração infantil pelo pai exista, a criança nordestina entende o mundo ao seu redor como o lugar seco, duro, sem amor e incompreensível, tendo em vista o comportamento dos seres com os quais convive:

O menino, [...] foi puxar o vestido da mãe, desejando comunicar-se com ela. Sinhá Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo. Retirou-se zangado, encostou num esteio de alpendre, achando o mundo todo ruim e insensato. (RAMOS, 2000, p. 48)

As cenas de agressão são constantes no romance. Josué de Castro (1984) mostra que a fome age também sobre a conduta e a moral do homem, enfatizando que é a calamidade que mais desagrega profundamente a personalidade humana. Por esse motivo, os pais são, ordinariamente, severos e, conseqüentemente, as crianças tendem a copiar o comportamento dos adultos, tornando-se seres agressivos, secos, insensíveis e desumanos.

Quando o menino menor se projeta no pai, tencionando montar um bode, na tentativa de representar uma cena em que o pai monta a égua alazã, figura como uma das imagens mais poéticas do romance. Ao arquitetar o projeto, a criança: “Arredou-se. Fez tenção de entender-se com alguém, mas ignora o que pretendia dizer. A égua alazã e o bode misturavam-se, ele e o pai misturavam-se também” (RAMOS, 2000, p. 49). A projeção é tão forte na mente da criança que ela chega a misturar as imagens, não conseguindo distinguir-se do pai e não fazendo distinção entre a égua do pai e seu bode. Precisa tirar a prova de que podia realizar as façanhas do pai: “Trepado na ribanceira, o coração aos baques, o menino mais novo esperava que o bode chegasse ao bebedouro. Certamente aquilo era arriscado, mas parecia-lhe que ali em cima tinha crescido e podia virar Fabiano” (RAMOS, 2000, p. 50). Virar Fabiano era, para a criança, se transformar no vaqueiro forte do sertão, a quem, na visão infantil, ninguém podia atingir.

Na fantasia infantil, o menino descobre nas nuvens figuras pelas quais cria admiração. Olhando para as nuvens, enxerga a égua e Fabiano. E são justamente esses viventes inanimados que dão à criança a sensação de proteção quando decide montar no bode, na tentativa de mostrar à família e a si mesma que poderia ser igual ao pai. As imagens poéticas produzidas no texto quebram a rudeza da vida no menino do sertão, dando um toque de beleza ao burlesco: “Examinou as pernas finas, a camisinha encardida. Enxergara viventes no céu, considerava-se protegido,

convencia-se de que forças misteriosas iam ampará-lo. Boiaria no ar, como um periquito” (RAMOS, 2000, p. 50-51).

Ao perceber que a façanha de montar o animal não dá certo, a criança, na tentativa de encontrar um culpado para o problema, acusa as nuvens que formavam a figura de Fabiano e que haviam se dissipado. Para ela, havia a ausência da figura protetora, que deveria estar presente no momento de apropriação da tarefa do novo menino-homem. A construção da linguagem e das imagens fornecidas dá ao romance *Vidas secas* um *status* de obra-prima. Mesmo sentindo-se humilhado por não ter conseguido, tal qual o pai, a façanha de montar no bicho bravo e domá-lo, a criança não desiste do projeto, pois ambiciona ser grande, forte e importante, como Fabiano:

Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando. Saltaria no lombo de um cavalo brabo e voaria na catinga como pé-de-vento, levantando poeira. Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e chapéu de couro com barbicacho. O menino mais velho e Baleia ficariam admirados. (RAMOS, 2000, p. 51-52)

O desejo do menino menor é crescer e se tornar um Fabiano da vida. Paradoxalmente, Fabiano não é, na sociedade em que está inserido, figura importante. Pelo contrário, reconhece sua fraqueza no momento em que entende que não é capaz de enfrentar o soldado amarelo e o patrão, quando estes o agridem. No mundo infantil, porém, as situações tomam proporções maiores. A fome é maior, a dor é maior. No mundo inferiorizado de Fabiano ele se reconhecia como um bicho. No mundo ampliado da criança, o pai era um grande homem.

Conforme Rolando Morel Pinto (1962), a caracterização moral das personagens é mais acentuada que a física: “ignorância, boa fé, capacidade de sofrimento e resignação, pertinácia, simplicidade, conformação, desconfiança simplória, frugalidade [...]” (PINTO, 1962, p. 135). Nesse sentido, o texto evidencia que o menino menor precisava ser forte, mesmo que, para isso, precisasse ser ignorante, sofrido, conformado, como Fabiano.

O enredo do romance, cíclico, sugere que os filhos voltariam a viver as mesmas dores do pai. Voltariam a ser humilhados pelas autoridades, como o governo, o soldado amarelo e o patrão. Há, ao longo de todo o texto, um paradoxo entre os poderes braçal e intelectual. De um lado, Fabiano e sua família, representando o povo nordestino; do outro, o soldado amarelo e o patrão, representando o governo. Fabiano aceita a derrota porque se reconhece como povo, desprovido dessa força maior. Não a força bruta, a qual possui o sertanejo, mas a força persuasiva, da linguagem, que possui o governo: a linguagem do poder, que derrota a força bruta.

A história narrada, embora não se passe toda em tempos de seca, mostra que a lembrança da seca e, portanto, da fome ronda a vida dos retirantes. Mesmo em tempos de “fartura” relativa, a vida é sempre miserável no sertão, visto que não há dinheiro para as necessidades básicas como o querosene, a chita de sinhá Vitória, sua cama, roupa para as crianças e alimentação adequada.

Enquanto o menino mais novo busca referencial no pai, na tentativa de vir a ser um homem grande e forte como Fabiano e, portanto, admirado por todos, o menino maior, almejando também admiração, procura enriquecer seu vocabulário. Para isso, busca, com a ajuda da mãe, o significado da palavra “inferno”. O movimento dialético entre a força braçal e a intelectual que permeia toda a narrativa se corporifica nos desejos dos meninos: o filho menor almeja a primeira força e o maior, a segunda.

No capítulo intitulado “O menino mais velho”, temos a relação entre o menino e sua mãe, diferentemente do que acontece no capítulo anterior, onde encontramos a relação entre pai e filho. No primeiro, encontramos uma posição de admiração. No segundo, de conflito. Em ambos os capítulos, encontramos uma relação truncada, grosseira entre os membros da família. O episódio desse capítulo se resume ao questionamento do menino maior sobre o contato da mãe com o inferno, palavra estranha pronunciada por sinhá Terta rezadeira. Como sua mãe “se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote” (RAMOS, 2000, p. 54), o menino passou a analisar o comportamento dos adultos para com as crianças e achá-lo injusto. José

Carlos Garbuglio (1987), referindo-se ao conjunto da obra de Graciliano Ramos, afirma que:

[...] o mundo do adulto e o da criança avançam paralelamente e constituem realidades compartimentadas, consagradas pelo uso e sem questionamentos mais firmes sobre sua natureza e função. Assim, desde cedo as saídas se fecham, porque o ponto de partida é o (pre)conceito de que criança é bicho e precisa apenas de alimento, quando existe, e de pancada, quase sempre, para baixar o topete e conhecer o lugar que lhe está reservado. Visto com naturalidade e sem maiores constrangimentos, o procedimento se converte em norma. A curiosidade infantil, o anseio das descobertas não entram em consideração. Pelo contrário, como incomodam e abalam certezas, tirando a segurança do adulto, é necessário evitá-los ou, o que é mais frequente, escondê-los. Nesse clima as relações somente se poderiam instalar sob a égide da desconfiança e do distanciamento, do princípio de que criança e adulto não cabem no mesmo espaço, onde as agressões se multiplicam. (GARBUGLIO, 1987, p. 367)

O comportamento dos adultos figurava, para as crianças, mas, principalmente, para a cachorra Baleia, personificada na narrativa como membro da família, que as coisas não iam bem. A descrição do próprio ambiente sugere que a seca e a fome se aproximavam, por isso, a reação dos adultos, diante do sofrimento que estava por vir, era de aspereza ainda maior do que comumente se via. Baleia entendia, muito mais do que as crianças, que os “pontapés estavam previstos [...]”. Naquele dia a voz estridente de sinhá Vitória e o cascudo no menino mais velho arrancaram Baleia da moderna e deram-lhe a suspeita de que as coisas não iam bem” (RAMOS, 2000, p. 55). Segundo Álvaro Lins:

No mundo infantil do Sr. Graciliano Ramos a injustiça se erguia no horror dessa divisão: de um lado, crianças submissas e maltratadas, do outro lado, adultos, cruéis e despóticos. Pais, mães, mestres, todos os adultos pareciam dotados da missão particular de oprimir as crianças. (LINS, 1975, p. 139)

Maltrato pela pergunta dirigida à mãe, o menino, triste e infeliz, chora o dissabor da resposta alcançada. A mãe, apresentando o inferno como lugar ruim, com espetos e fogueiras, faz a criança, questionadora, refletir sobre o lugar. Todavia, desprovida de referencial maior, tendo em vista seu conhecimento de mundo se

restringir às terras do sertão nordestino, a criança, ingênua, compara o inferno aos lugares bons pelos quais está acostumada a transitar:

Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro – mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda. Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas e capões do mato, impenetráveis bancos de macambira – e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente. Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. Existiam sem dúvida em toda parte forças maléficas, mas essas forças eram sempre vencidas. (RAMOS, 2000, p. 56-59)

Embora reconheça a existência de outro mundo fora do seco sertão nordestino, a criança desconhece os tipos de pessoas que nele habitam, ainda que o narrador sugira que sejam pessoas duras como pedras e sem coração, como as plantas. Porém, o narrador deixa clara a necessidade da relação entre esses dois mundos e a esperança no coração do sertanejo de que as forças do mal haviam de ser sempre vencidas:

Nem sempre a relação entre as criaturas haviam sido amáveis. Antigamente os homens tinham fugido à toa, cansados e famintos. Sinhá Vitória, com o filho mais novo escanchado no quarto, equilibrava o baú de folha na cabeça; Fabiano levava no ombro a espingarda de pederneira; Baleia mostrava as costelas através do pelo escasso. Ele, o menino mais velho, caíra no chão que torrava os pés. Escurecera de repente, os xiquexiques e os mandacarús haviam desaparecido. Mal sentia as pancadas que Fabiano lhe dava com a bainha de faca de ponta. Naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinha existido. No jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne seca e pedaços de tocinho. A sede não atormentava as pessoas, e à tarde, aberta a porteira, o gado miúdo corria para o bebedouro. (RAMOS, 2000, p. 59)

Na tentativa de encontrar o significado da palavra “inferno”, a criança associa os tempos, passado e presente, e compreende que o inferno está relacionado diretamente ao seu passado (início da jornada), em que a caminhada, o cansaço, o sol, a sede e a fome corroíam a vida dos retirantes. Em contrapartida, a vida que levavam no presente, afora algumas poucas agressões, parecia, aos olhos infantis,

apagar as mazelas do passado. A presença de água e carne seca, fruto do trabalho pesado do vaqueiro nordestino, era tida como fartura para aqueles que eram acostumados a passar por fome e sede absolutas. Na verdade, a criança não compreende que os recursos alimentares dos quais a família dispõe são deficitários e, principalmente, decorrentes da estrutura econômico-social na qual suas vidas se estruturam.

A relação entre os tempos (passado, presente e futuro) é uma constante no romance. Enquanto o menino mais velho faz associações entre passado e presente, seus pais relacionam passado e futuro. O menino menor, em contrapartida, associa presente e futuro, de modo que os três tempos estão presentes na narrativa. É importante observar que as crianças, para compreenderem seu presente, ora o associam ao passado ora ao futuro, diferentemente dos pais que, preocupados apenas com o futuro, porque é nele que estarão imersos seus filhos, o relacionam com o passado ao qual não desejam regressar, embora suas experiências os levem a crer que voltaria a acontecer, tendo em vista o movimento cíclico natural da seca e a indiferença dos poderes públicos com as mazelas sociais advindas dos tempos de estiagem prolongada. A preocupação com o futuro dos filhos representa a preocupação com o futuro do povo brasileiro. Conforme Wander Melo Miranda (2004), ainda sobre a descoberta do significado da palavra “inferno”:

O nomadismo forçado ressalta, pois, a falta de lugar geográfico, social e político de Fabiano, da mulher e dos filhos; não-lugar cujo nome – “inferno” – o menino mais velho a duras penas consegue decifrar. O ato de nomeação do concreto pela metáfora iluminadora reitera a violência da socialização da criança sertaneja e, por extensão, o processo de incomunicação e errância a que estão submetidas as personagens. (MIRANDA, 2004, p. 45-46)

Pensando que a mãe talvez tivesse dito a verdade sobre o lugar, a criança chega à conclusão de que o inferno “devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelha e pancadas com bainha de faca” (RAMOS, 2000, p. 61). Graciliano Ramos trabalha a construção de seu texto de modo a nos fazer refletir sobre os maus-tratos sofridos pela criança

sertaneja. O não-lugar geográfico, político, social, histórico e cultural no qual a criança é lançada a faz reconhecer seu “lar” como a verdadeira representação do inferno. As personagens, para Rolando Morel Pinto (1962), são apresentadas conforme a importância humana e social que possuem dentro da tradição patriarcal da família nordestina:

Os dois meninos, tão insignificantes no panorama familiar que nem merecem nome próprio, representam dois momentos diversos da evolução psicológica: a primeira fase do deslumbramento pela profissão dos “grandes” e a descoberta do mistério que se oculta atrás de algumas palavras proibidas. Fora dessas revelações, eles são apenas número no rol dos personagens, bocas a alimentar, sobrecarga para os pais, se forem vistos sob o ângulo, deformado pelo sofrimento, da visão de Fabiano. (PINTO, 1962, p. 136)

Não compreendemos os meninos como seres insignificantes no panorama familiar de *Vidas secas*. Pelo contrário, consideramos que são os elementos-chave de toda a narrativa. Por eles, os pais lutam pela sobrevivência no sertão nordestino, visto que representam a esperança de um futuro diferente de todos os sertanejos que já passaram pela história da fome. É a eles que Fabiano deseja passar os ensinamentos adquiridos com os seus pais. Portanto, não podem ser consideradas sobrecarga para Fabiano mas, sim, representam a continuidade de sua espécie. Na verdade, no romance, Graciliano Ramos critica o passado e a “evolução” histórica da fome, mostrando que Fabiano, seus pais e seus filhos passaram e voltariam a passar pelas mesmas desventuras da seca, caso algo na história não fosse feito para que ela se modificasse. De acordo com Alfredo Bosi (2003), os capítulos “O menino mais novo” e “O menino mais velho” são “passagens que narram a frustração da criança perante o universo do adulto nas condições precisas [de fome] da vida sertaneja” (BOSI, 2003, p. 26).

No capítulo “Festa”, em tempos de relativa fartura, quando Fabiano e sua família vão à festa de natal na cidade, os meninos, desacostumados com a reunião de pessoas em espaço público, observavam a movimentação com atenção:

Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a aguentar cascudos e puxões de orelhas. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como sinhá Vitória, mas os pequenos retraíam-se, encostavam-se às paredes, meio encandeados, os ouvidos cheios de rumores estranhos. [...] No mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e sinhá Vitória muito reduzidos [...]. (RAMOS, 2000, p. 74)

Há, na passagem citada, a descoberta do mundo. Diante de tamanha novidade, como o aglomerado de pessoas, barulho e casas próximas, o referencial familiar passa a ser questionado. Os espaços são questionados quando a cidade se apresenta diferente de tudo o que são acostumados a ver na fazenda. Diante disso, assustam-se com o desconhecido, mesmo assim, o ato de questionar, inerente a toda criança, é podado pelo adulto que a ignora. Diante da nova experiência de mundo, alargada pelo espaço citadino e suas características, a criança sertaneja passa a ver seus pais como seres menores, o que sugere que, no mundo reduzido da fazenda, eles possuem um valor, mas, no mundo alargado da cidade, são apenas números.

No que se refere à relação comercial, Fabiano, homem honesto e trabalhador, era desprovido da capacidade intelectual de fazer os cálculos mais elementares. As contas do patrão eram sempre incompatíveis com as do empregado, comprovando a lei que impera no sertão, onde os mais fortes, aqueles que detêm o poder, conseguem tirar vantagem daqueles a quem foram negados todos os direitos: o povo brasileiro:

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim, senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca receber carta de alforria? (RAMOS, 2000, p. 93)

Graciliano usa, no decorrer de toda a narrativa, os termos “branco” e “negro” para se referir ao dono da fazenda e a Fabiano, respectivamente, mostrando que a questão da escravidão no Brasil nunca havia deixado de existir, sendo camuflada em outras situações. Sendo assim, o romancista denuncia a instauração do regime escravocrata no sertão, deixando transparecer que, em tempos de seca e fome, ele passa a se agravar. Fabiano era escravo do trabalho, da seca, da fome e da miséria pela qual passava ele e todos os povos de sua região. Condicionado à situação de escravo, desde o nascimento, nunca havia sido tratado como gente, tendo em vista que o texto revela que havia sido sempre assim. Portanto, aquele seria também o destino dos seus filhos. Embora Fabiano reconheça a injustiça, ele compreende que não pode lutar contra ela. Ele é o homem do povo que conhece seus direitos, mas sabe que jamais poderá reivindicá-los. De acordo com Neroaldo Pontes de Azevedo:

Para onde se vira, Fabiano se vê roubado pelo patrão, que lhe cobra juros, pelo fiscal, que lhe cobra impostos. Ante a teia de leis, ele cede e obedece. Mas percebe – e a voz narrativa o reforça, que é impossível escapar a esse emaranhado, a esse labirinto. (AZEVEDO, 1992, p. 168)

Por esse motivo, Graciliano Ramos se apropria do silêncio do povo, para fazê-lo falar através da literatura, sobre a situação das gentes nordestinas maltratadas pelas desigualdades sociais do país. Comparado aos maliciosos moradores da cidade e todas as suas leis, Fabiano, homem simples do sertão, se torna o inocente de quem se pode tirar todas as vantagens.

No capítulo intitulado “Baleia”, em contraposição ao inferno exposto pelo menino maior, nas cenas dos delírios da cachorra, o céu se configura como o lugar onde há comida em abundância. Todavia, esse mundo colorido de gordos preás só pode ser vivido no plano da fantasia do animal. No capítulo “O mundo coberto de penas” temos, novamente, a presença da fome absoluta. Todo o capítulo é construído a partir de uma expressão enigmática pronunciada por sinhá Vitória e vivenciada por todos os retirantes da seca nordestina: “As aves queriam matar o gado”.

A aparente fartura de aves, que, mortas, serviriam para saciar a fome de Fabiano e sua família por muito tempo não passa de uma miragem. A frase de sinhá Vitória inquieta Fabiano que, buscando compreendê-la, termina por decifrar seu significado, comprovando, mais uma vez, que, mesmo furtado do direito de pensar e se expressar, o homem do sertão, representado por sinhá Vitória (a quem o pronome de tratamento irônico designa não a patroa mas a escrava que é) e Fabiano (aquele que está ligado à terra, mas que, ironicamente, não consegue se firmar em lugar algum), são capazes de se expressar, pensar, refletir, necessitando, para isso, de um exercício diário.

As aves, em abundância, realmente, matariam o gado, pois, bebendo toda a água do bebedouro, o gado morreria de sede e a família de Fabiano, sem água, comida e gado para cuidar, ficaria desempregada e precisaria, mais uma vez, partir em retirada. A presença das arribações fazia Fabiano experimentar, adiantadamente, a fome e, conseqüentemente, a real possibilidade de morte: “Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo” (RAMOS, 2000, p. 113). As aves matariam o gado e devorariam, com isso, toda a esperança de Fabiano continuar a viver nas terras sertanejas. Assim, o sertanejo, sozinho, sem auxílio de espécie alguma, acaba sendo devorado pelo meio social. Esse é o capítulo com maior carga de poeticidade do romance. Inclusive a própria ambiguidade do título, “O mundo coberto de penas”, nos remete à situação de penúria do espaço onde vive toda a família.

No último capítulo, denominado “Fuga”, temos uma volta ao começo da narrativa, demonstrando o movimento cíclico pelo qual passa a vida dos retirantes. Enquanto tínhamos, no primeiro capítulo, uma “Mudança”, ou seja, deslocamento de lugar, temos, no último capítulo, uma “Fuga”, sugerindo que o deslocamento de agora se dava pelo processo de expulsão imediata de suas terras de origem. Por esse motivo, são obrigados a sair das terras que não são suas para vagar, sem rumo, em direção à cidade, para um lugar ao qual também não pertencem, somente para ratificar que não há lugar, na história do Brasil, que acolha o povo que nele trabalha. A história social brasileira, portanto, não avança, conforme Silviano Santiago (1987), uma vez que a narrativa é iniciada com a chegada dos retirantes e

encerrada com a partida deles. Esse nomadismo forçado nada mais é que a falta de lugar geográfico, de lugar social, de lugar político do povo brasileiro.

A fome expulsa Fabiano e sua família do sertão nordestino. Essa situação, acontecida no início do romance e repetida no final, tornará a se repetir em todas as secas. Assim, os meninos, no futuro, farão a mesma trajetória que Fabiano e seus antepassados, mostrando o movimento cíclico da seca e, portanto, da fome, no sertão nordestino, espécie de sina da qual os nordestinos não conseguem escapar. Ou seja, suas vidas continuarão a ser secas, seja porque não possuem alimentos, seja porque não há esperança de mudança na estrutura social de forma que se resolvam os problemas decorrentes da seca e da fome de maneira definitiva.

Para Helmut Feldmann (1967), nesse romance, a paisagem está presente apenas em pinceladas escassas. Interessa mais a Graciliano o comportamento psicológico das personagens diante do fenômeno da fome. Rolando Morel Pinto (1962) concorda com a visão de Feldmann, uma vez que comprova ser o sofrimento mais evidente que as causas dele. As ações, segundo o autor, convergem para a caracterização moral das personagens. De acordo com Tânia Regina de Souza:

Vidas secas impõe-se na trajetória literária de Graciliano Ramos como um divisor de águas na forma de composição da narrativa. Não somente isso; há que se observar aqui uma inversão radical na concepção das personagens. Agora elas não produzem vítimas, nem se tornam vítimas de seus próprios atos e obsessões. São, sim, vítimas dos fenômenos da natureza e, em certa medida, do caráter humano. (SOUZA, 2001, p. 88)

O que diferencia o homem do animal no mundo real é a capacidade de pensar e se expressar. *Em Vidas secas*, a subtração da fala das personagens acontece objetivando enfatizar o processo de reificação pelo qual é obrigado a passar o homem do povo. Essa assertiva é reiterada quando os meninos são criados sem nome e à cachorra é designado um nome próprio e um lugar de prestígio na família, como membro. Sendo rebaixadas à categoria de bichos do sertão, como admitia o próprio Fabiano, as personagens de Graciliano se inserem em uma situação histórico-político-social inferiorizada pelo poder estatal, como enfatiza Alceu Amoroso

Lima (1984), uma vez que é um problema que existe desde a colonização, liderado pelo poder para suprimir e silenciar a população.

Fabiano, homem do sertão de quem são retirados todos os direitos, principalmente os de protesto, está ligado a terra não só pela necessidade de trabalho e sustento, e sim preso pela dívida que obtém com o patrão pelo trabalho em suas terras. Sendo assim, a mesma terra que gera Fabiano deveria servir para alimentar o sertanejo e os seus. Entretanto, ora ela os prende ora os oprime e os expulsa. E é esse trabalhador oprimido que faz crescerem as terras e os lucros do patrão, deixando Fabiano preso à fome, à pobreza, ao patrão e a si mesmo, tendo em vista que, mesmo reconhecendo todas as injustiças pelas quais passou e passa, tem consciência de que, não possuindo vocabulário para sua defesa, continuará a sofrer as mesmas dores em outras gerações, porque do sertanejo não foi retirado apenas o direito de comer, mas também o direito de verbalizar que sente fome.

Fabiano sempre soube quem era, de onde veio e para onde iria. Sabia ser homem do sertão. Contudo, fugindo da seca, perderia sua identidade. No início da “fuga”, mesmo havendo comida, sabiam que era preciso ser fortes para chegarem ao final da caminhada. Seus pais tinham conseguido, Fabiano também. Assim esperava que acontecesse com os meninos, após a fuga em direção à cidade. Observando os meninos, sinhá Vitória se questiona sobre o que estariam pensando:

Fabiano estranhou a pergunta e rosnou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. Mas sinhá Vitória renovou a pergunta – e a certeza do marido abalou-se. Ela devia ter razão. Tinha sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem. (RAMOS, 2000, p. 122)

Ao afirmar que menino é bicho miúdo e, portanto, não pensa, discutem-se duas questões recorrentes na narrativa. A primeira é que o menino sertanejo é visto como um adulto em miniatura, como afirma Philippe Ariès (1988). Portanto, a ele não é concedido nenhum tipo de regalia, ou seja, são tratados como bichos, como os adultos. Segundo, sendo bichos, são desprovidos da necessidade de refletir e questionar, assim como Fabiano. Todo o romance gira em torno da preocupação dos

pais com o futuro dos filhos, ou seja, a preocupação de Graciliano Ramos com o futuro de nossa literatura e, por conseguinte, o futuro de nossa nação.

Affonso Romano de Sant'Ana (1973) defende que o romance *Vidas secas* se compõe de dois conjuntos: a família de Fabiano e a sociedade que os hostiliza. Entre esses dois grupos, segundo o autor, não existe um sistema de trocas, e sim um mecanismo de opressão e bloqueio. O romance, na verdade, problematiza a identidade brasileira. As personagens são desterradas, exiladas em seu próprio país. Nesse sentido, o romance:

[...] lança uma zona de sombra sobre os contornos da imagem dominante de pátria e seu significado; desfaz a ideia de pátria-mãe, comum no imaginário histórico nacional, muito utilizado, à época, nos livros escolares, pelo reforço da noção de pátria-madrasta, nome impronunciável ou proibido da mãe má. Como intui o menino mais velho, não só a mãe é má, também é má a terra – tudo é inferno. (MIRANDA, 2006, p. 157)

No final da narrativa se estabelece um diálogo entre Fabiano e sinhá Vitória: Para onde iriam? Para o sul, para a cidade grande. Ali começava a viagem sem regresso. Não experimentariam mais a seca do Nordeste, mas perderiam suas identidades e experimentariam as vidas secas daqueles que, expatriados de suas terras, são tratados como seres marginais, desprovidos de cultura, pão e chão. A história da família de Fabiano exhibe o ciclo da fome no sertão nordestino, pois o narrador deixa claro que o sertão continuaria a expulsar outras famílias do lugar. Sendo assim, o texto mostra que a solução não é a saída do trabalhador e sim medidas de apoio ao povo nordestino em tempos de estiagem. Para onde eles migrariam, do outro lado do monte, se escondia um mundo desconhecido de Fabiano e seus familiares. Isso causava-lhes medo:

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles. [...] Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era e nem onde era. Repetiu docilmente as palavras de sinhá Vitória, as palavras que sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis,

acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos. (RAMOS, 2000, p. 125-126)

De acordo com Luiz Eduardo Andrade (2009), a seca proíbe a vida e demarca ao mesmo tempo os espaços culturais. O uso da seca no romance serve para mostrar que a natureza nem sempre permite tudo, ao contrário, ela barra a passagem. Nesse sentido, é difícil para os retirantes saírem do sertão. Mesmo quando saem, o narrador anuncia que sofrerão a partir dali outras agressões. Desse modo, vamos perceber que a natureza não é apenas pano de fundo e sim elemento significativo na construção da narrativa. Segundo o estudioso, é justamente a paisagem que une os capítulos e se torna o fio condutor a perpassar todo o enredo.

Mesmo em meio a tantas adversidades, o povo se permite sonhar com um futuro menos doloroso porque este se encontrava em outras terras, tendo em vista que o presente e o passado haviam apenas se mostrado como tempos inóspitos. Sendo assim, diferentemente da nostalgia proclamada pelo Romantismo, em *Vidas secas* vamos ter uma esperança no futuro, como se apenas nele fosse possível produzir um Brasil diferente, onde o problema do povo fosse preocupação comum, onde elementos básicos como alimentação e moradia fossem prioridades nos projetos sociais e onde o povo tivesse lugar de destaque, como acontece no cenário do Movimento Modernista Nordestino, em que a massa, silenciada pelo sistema, tem voz e lugar.

Em *Vidas secas*, a fome epidêmica, presente apenas no fim e no início da narrativa, tortura as lembranças das personagens e seus projetos futuros durante todo o percurso do romance. Assim como se percebe o embrutecimento de Fabiano, o embrutecimento infantil é algo que vai se delineando em toda a narrativa. Graciliano Ramos critica a sociedade, apontando uma possível saída para o drama das gerações futuras de Fabiano: a eterna partida, tendo em vista que projetos políticos, sociais e econômicos poderiam reverter a situação de miséria de muitas famílias.

A seca era sempre rememorada com temor porque o sertanejo sabia que ela voltaria a maltratar a vida dos pobres, fossem eles brutos, como Fabiano e sua família, ou intelectuais, como Seu Tomás. Apenas a oligarquia, representada pelo patrão de Fabiano, e o Estado, representado pelo Soldado Amarelo, sentiriam efeitos colaterais contrários, oriundos da dor e sofrimento do pobre. Nesse sentido, *Vidas secas* denuncia a vida no sertão, usando, para isso, de originalidade na estrutura e linguagem, uma vez que, mesmo abordando, como romancistas anteriores, a temática da fome do retirante nordestino, consegue sobrepor-se no plano da linguagem e da forma, construindo o romance mais bem acabado do Modernismo do Nordeste.

CAPÍTULO IV

FOME DE BRASILIDADE: A SAGA DO RETIRANTE INFANTIL COMO SÍMBOLO DO ENGAJAMENTO DO MODERNISMO NORDESTINO

Que metro serve
Para medir-nos?
Que forma é nossa
e que conteúdo?

Carlos Drummond de Andrade

Na tentativa de (re)construir uma historiografia da fome na ficção brasileira, mostrando o engajamento social do Modernismo do Nordeste, foi preciso revisar, em sua história, que romances abordaram essa temática ao longo do tempo e foram determinantes para a construção e consolidação do ideário de brasilidade. Nessa perspectiva, selecionamos os romances nos quais o tema da fome advinha do processo migratório do retirante nordestino em tempos de seca prolongada. Desse modo, foram selecionados, como se constatará, romances de José do Patrocínio,

Rodolfo Teófilo, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado, do Naturalismo ao Modernismo do Nordeste, portanto.

Parte dos enredos dos romances citados se repete, como evidenciaremos, o que sugere um trabalho em conjunto, empenhado na formação de um sistema. Esse aspecto vai apontar que a fome é, dentro do período citado, um elemento que liga os escritores em um mesmo compromisso ideológico, social e político, de denunciar a miserabilidade de grandes massas humanas no interior de um país visto como próspero. Nesse sentido, a ideia colonizadora de que o Brasil é a terra de fartura, em que “se plantando tudo dá”, é desconstruída pela ideia de fomes periódicas que, embora vividas por gentes diferentes, são, na verdade, a representação da mesma fome, aquela produzida pelo descaso daqueles que, no poder, administram a vida social e econômica da população e, mesmo com os recursos advindos do trabalho honesto desse povo, não só permitem como contribuem para que a fome cresça, se instaure e se perpetue na vida das massas humanas, objetivando fazer com que o rico fique cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre.

Em *Vida e morte no sertão*: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX, publicado em 2001, o professor Marco Villa apresenta a saga dos retirantes à procura de salvação, fugindo da destruição trazida pelas grandes secas nordestinas. O referido autor discorre sobre a longa e dramática história das secas no Nordeste brasileiro, ilustrando sua narrativa com cenas reais de cada época e com cenas de romances de nossa literatura. Como ele enfatiza, o primeiro registro da ocorrência de seca e fome, em documentos oficiais portugueses, data de 1552, três anos após a chegada do primeiro governador-geral, Tomé de Souza. Nesse registro, o Padre Antonio Pires relata a ausência de chuva no Estado de Pernambuco.

Marco Villa (2001) evidencia que: “É muito provável que uma das razões da movimentação espacial dos indígenas antes da chegada dos portugueses esteja relacionada com períodos de estiagens e seca e com a disputa pelas terras com abundância de água” (VILLA, 2001, p. 17). Podemos observar, nessa perspectiva, que o processo migratório, decorrente da estiagem em terras brasileiras, é um fenômeno encontrado desde o início da colonização. Durante todo o século XVI, o domínio português restringiu-se a uma estreita faixa litorânea e pouco se interessou

pela conquista do interior, do seco sertão nordestino. Afinal, não havia notícias de nenhuma riqueza na região que tivesse valor para o comércio colonial.

Somente em meados do século XVII, especialmente durante o período da ocupação holandesa, teve início, de forma mais enfática, a ocupação da região, por meio da pecuária. No decorrer desse século houve seis grandes secas: 1603, 1605-1607, 1614, 1645, 1652 e 1692, que afetaram principalmente a Paraíba, o Rio Grande do Norte e o Ceará.

No século XVIII ocorreram sete grandes secas: 1710-1711, 1721, 1723-1727, 1736-1737, 1745-1746, 1777-1778, 1791-1793. Nesse século, os efeitos foram muito mais devastadores que os efeitos das secas anteriores, visto que a população terminou por ocupar grande parte do sertão nordestino para atividade de pecuária. Foi entre 1791-1793 que aconteceu a maior seca do século, atingindo Ceará, Bahia, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba. Todavia, de acordo com Marco Villa:

As sucessivas secas enfraqueceram o processo de ocupação do sertão. Os anos de bons invernos acabaram permitindo um renascimento agropastoril, o crescimento das cidades, o aumento do comércio e certa prosperidade econômica. Diversas vezes, nos períodos mais intensos de uma seca, comunidades indígenas foram obrigadas a se vender para os conquistadores em troca simplesmente de comida. (VILLA, 2001, p. 21)

No que se refere à fome, segundo Waldemar Pereira Filho (2010), só passou a surgir, enquanto apropriação artística, na literatura, a partir do século XIX, conforme pode ser comprovado na citação a seguir:

Apesar de algo natural e extremamente real na vida humana e, portanto, passível da apropriação que a Arte em geral faz de temas tão “comuns”, a fome só passa a aparecer sistematicamente na Literatura a partir do cientificismo naturalista, no final do século XIX. Antes disso, há notícia de algumas novelas medievais, normalmente de caráter fabuloso, bem como de alguns textos do século XVII e XVIII. Tudo muito esparso e sem a força necessária para criar ecos. É só no final do XIX que o tema ganha relevo, sendo trabalhado por autores como Tchekov, Zola e outros. (PEREIRA FILHO, 2010, p. 1176)

Após a Independência do Brasil, novamente o sertão é afetado por uma grande seca, a de 1824-1825. No período, ocorreram os movimentos independentistas e a Confederação do Equador, além de várias epidemias, principalmente de varíola. No Período Regencial, pela primeira vez, o poder central aprovou verba para enfrentar as consequências de uma seca. Em 1833, o ministro do Império autorizou a abertura de fontes artesianas no Ceará, na Paraíba e em Pernambuco. Segundo Marco Villa (2000), um ano depois, pela primeira vez, o governo provincial criou condições para que a população pudesse resistir aos efeitos do terrível flagelo. Foram incentivadas as construções de açudes, cacimbas e a perfuração de poços. Em 1877 ocorre outra grande seca que atinge todo o sertão nordestino. A partir de então, na literatura brasileira, a fome passaria a ser tematizada como força literária, visto que, conforme Marco Villa (2001), após a seca de 1877-1879, o Nordeste passa a ser identificado como região-problema.

Nesse sentido, em 1879, conforme já comentado no primeiro capítulo, o carioca José do Patrocínio, precursor do Regionalismo brasileiro, lança o romance *Os Retirantes*, cujo objetivo é denunciar as mazelas sociais que assolavam nosso país. Descrevendo a fome como um fenômeno que atinge a todos, pobres e ricos, homens e mulheres, adultos e crianças, o romancista revela que, embora o fenômeno pareça estar ligado diretamente à seca no mundo do Nordeste, o fator preponderante dessa tragédia diz respeito à má distribuição de renda e descaso das forças públicas que poderiam, se assim desejassem, construir projetos de assistência ao povo mal alimentado, mas que, pelo contrário, oferecem esmolas para matar a população aos poucos e tê-la, assim, sob seu controle. A morte é oferecida pelo governo, conforme o romance, ora através da fome epidêmica, quando os poderes públicos abandonam por completo o pobre retirante e sua família, ora através da fome endêmica, quando oferecem migalhas para que morram lentamente, na tentativa eficaz de fazê-los seus reféns.

Os nordestinos retirantes, ao dirigirem-se para os centros urbanos, em busca de auxílio e sem assistência por parte do Estado, passam a ter a mendicância como parte da história do povo brasileiro. Abandonada a terra natal, por causa da seca, a emigração para outros climas, outros costumes, outra educação faz com que o

nordestino, deslocado de seu lugar de origem, perca sua identidade de sertanejo. No final da narrativa, as personagens retirantes, que saem do interior do sertão do Ceará, chegam à capital, diluídos pela fome, mas, principalmente, pelo desrespeito e pela indiferença com os menos favorecidos.

O final da jornada é a chegada à capital, ou seja, é a chegada a um lugar diferente do original mas que guarda as mesmas mazelas. O lugar que, embora ostente poder, apresenta a fome em camadas proporcionalmente maiores que as conhecidas. A criança, nesse contexto, é desenhada como o ser mais sensível, visto que a fome, doença que mais mata no tempo de penúria alimentar, como evidencia Patrocínio, se instala e abate primeiramente os seres mais fragilizados, aqueles que, indefesos, não sabem como lutar. Na verdade, a criança representa a camada mais frágil da população, aquela que necessita de auxílio, porém é ignorada, por isso a morte é iminente. A doença que mata o menino retirante é a fome que, como pode ser verificado, contagia a população e se propaga. Na jornada, o herói nordestino, sofrido, não chega a regressar à terra natal.

Embora não mencionado por Marco Villa (2001), como exposto anteriormente, em 1890, onze anos depois da publicação de *Os retirantes*, de Patrocínio, o baiano Rodolfo Teófilo lança o romance *A fome*, que também narra as tragédias cotidianas dos retirantes que emigravam para a capital cearense em busca de auxílio governamental. O enredo, como resenhado no primeiro capítulo deste trabalho, apresenta a história do êxodo da família de Manuel de Freitas, um fazendeiro pródigo, de descendência abastada, que, na seca nordestina, se junta aos demais sertanejos retirantes. O que Teófilo quer evidenciar, assim como Patrocínio, é que, no período de seca, não há diferença de classes, pois a fome atinge a todos. Ao sair do sertão do Ceará, em busca de sobrevivência na capital próspera, o protagonista, juntamente com sua família, fica decepcionado com o resultado encontrado: fome em demasia. Além de enfrentarem a fome no percurso, encontram-na, também, na chegada.

Assim como o de Patrocínio, o enredo apresentado por Teófilo diz respeito à saída do sertão à capital. Todavia, no primeiro temos a apresentação dos infortúnios do êxodo, culminando com a chegada à capital, onde a narrativa termina, e, no

segundo, temos o êxodo, a chegada à capital e o regresso do retirante, mostrando a derrota do povo brasileiro que, percebendo-se enganado, regressa para sua terra natal, mesmo sem comida, sem filhos e sem perspectiva de uma vida digna. A capital do Ceará, símbolo da “terra prometida”, representa, portanto, o não-lugar do retirante nordestino, devido às decisões políticas e a (des)organização da sociedade cearense e brasileira.

Além do elevado índice de mortalidade infantil denunciado no romance, temos a crítica à forma como são recolhidos e sepultados os representantes do futuro da nação. A criança, dependente absoluta do adulto, tem como etapa final da seca do Nordeste, a morte como sina. E o adulto, atado às amarras das injustiças vivenciadas, se sente inútil quando não consegue, mesmo diante de todos os seus esforços, proteger e salvar a vida dos seus dependentes, tendo em vista serem eles mesmos dependentes de forças alheias às suas.

Todos os filhos de Freitas, representações da criança e do futuro brasileiro, morrem da doença da fome. Suas mortes são apenas mencionadas pelo narrador, no final da narrativa, como um acontecimento passado, através de uma única frase, quando estão regressando para suas terras: “os meninos morreram todos!”. O regresso é o (re)começo de tudo, sabendo que voltarão a passar pelo mesmo fenômeno, agora com a ausência de água e comida e, também, dos filhos queridos, os quais caracterizavam o sentido da luta pela sobrevivência. A luta de Freitas, portanto, é em vão, pois todas as dificuldades sofridas na jornada não foram suficientes para que conseguisse salvar a vida dos seus filhos. Por esse motivo, o sertão termina criando um homem seco, brutalizado pela vida que lhe é oferecida, como tempos mais tarde irá representar, na figura de Fabiano, o romancista Graciliano Ramos.

Nessa perspectiva, os romances do final do século XIX, ao abordarem a temática da fome do retirante nordestino, mostrando as mazelas sociais presentes no interior e na capital, deixaram marcas temáticas de grande valia, que puderam ser seguidas por romancistas de fases posteriores. No que se refere ao contexto literário do século XX, percebe-se que as personagens das obras, que passam pela experiência famélica, nos revelam, assim como as apresentadas na literatura do

século anterior, experiências e atitudes jamais imaginadas pelo homem. A fome, elemento aparentemente biológico e individual, se configura, nos romances estudados, como caracterizadora de fatores socioeconômicos e, por conseguinte, de ordem coletiva, uma vez que representa a relação do homem com seu meio.

A literatura que trabalha a temática da fome no Movimento Modernista do Nordeste, no século XX, foi muito influenciada pelos escritos de José do Patrocínio e Rodolfo Teófilo, no final do século XIX, mas, também, por Euclides da Cunha (1866-1909), no início do século XX, através da publicação de *Os Sertões* (1902), ensaio de sociologia e reportagem de guerra que teve evidente admiração da crítica em geral, tendo em vista a compreensão do escritor pelas lutas do povo contra a natureza inóspita e seus protestos contra o desprezo com que eram tratados os pobres pelo governo federal. O ensaio aborda o drama da fome no Nordeste. Dividido em três partes, “A Terra”, “O Homem” e “A Luta”, interessa-nos principalmente a primeira, em que apresenta uma descrição detalhada de todas as características do lugar, a terra, o clima, as secas e a fome. A segunda parte mostra o habitante do lugar, sua relação com o meio, sua gênese etnológica, seu comportamento, crenças e costumes. A terceira e última parte é uma descrição das quatro expedições a Canudos, criando o retrato real da fome, da peste, da miséria, da violência e da insanidade da guerra. Na primeira parte, temos a descrição da chegada da seca no sertão do Ceará e a forma como o sertanejo, aos poucos, reconhece que a retirada se aproxima:

De repente, uma variante trágica. Aproxima-se a seca. O sertanejo adivinha e graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo. Entretanto não foge logo, abandonando a terra a pouco e pouco invadida pelo limbo candente que irradia do Ceará. Buckle, em página notável, assinala a anomalia de se não afeiçoar nunca, o homem, às calamidades naturais que o rodeiam. Nenhum povo tem mais pavor aos terremotos que o peruano; e no Peru as crianças ao nascerem têm o berço embalado pelas vibrações da terra. Mas o nosso sertanejo faz exceção à regra. A seca não o apavora. É um complemento à sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos. Enfrenta-a, estóico. Apesar das dolorosas tradições que conhece através de um sem número de terríveis episódios, alimenta a todo o transe esperanças de uma resistência impossível. (CUNHA, 1984, p. 58)

Euclides da Cunha retratou o ambiente local, mostrando a verdadeira identidade do povo brasileiro: o homem que sofre por ser expulso de suas próprias

terras. Além desse escritor, outros romancistas, de acordo com Luiz Eduardo Andrade (2009), no projeto literário brasileiro, de uma forma geral, buscaram uma construção e afirmação para nossa identidade nacional. Desse modo, o Modernismo Nordestino passa a investir na natureza autenticamente brasileira como marca da construção de seus enredos. Sendo assim, a paisagem apresentada é a seca do Nordeste, onde o espaço narrativo é determinante na construção da personagem e muitas vezes torna-se a própria representação do povo brasileiro, que, árido como a natureza, vive em condições subumanas e animais por causa da seca.

Para compreendermos como se deu o Modernismo nordestino e seu engajamento sócio-político na cultura brasileira, se faz necessário discutir o percurso do Regionalismo e as denominações que este foi adquirindo ao longo da historiografia literária. Para Afrânio Coutinho:

Mais estritamente, para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local. Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. - como elementos que afetam a vida humana na região; e, em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este é o sentido de regionalismo autêntico. (COUTINHO, 1997, p. 235)

Desse modo, o regionalismo literário consiste em apresentar o espírito humano, em seus diversos aspectos, em correlação com o seu ambiente imediato, “em retratar o homem, a linguagem, a paisagem e as riquezas culturais de uma região particular, consideradas em relação às reações do indivíduo, herdeiro de certas peculiaridades de raça e tradição” (COUTINHO, 1997, p. 235).

Gilberto Mendonça Teles critica o arsenal de classificações atribuídas ao que chama de “Romance de 30 do Nordeste”, enfatizando que “cada crítico, para não repetir o anterior, se empenha em forjar denominações originais, criando sinônimos inexpressivos e as mais das vezes desnecessários” (TELES, 1983, p. 45). Essas expressões, como podem ser vistas a seguir, obedecem, conforme expõe, a referenciais geográficos, temporais, estilísticos ou temáticos:

a) *Geográfica* (Norte/Nordeste): turma do Nordeste, grupo nordestino, ciclo do Nordeste, ciclo do romance nordestino, ficção nordestina, romance nordestino, romance social do Nordeste, **modernismo nordestino**, novelística nordestina, linha Norte-Nordeste, o chamado romance nordestino, romancistas novos do Norte, artistas do Norte, bloco nordestino, ciclo romanesco nordestino, escritor do Norte e do Nordeste, romancista do Nordeste, prosa nordestina, romancistas do Norte, movimento do Nordeste, novelistas do Nordeste, grupo de romancistas do Nordeste, literatura do Nordeste, romance regionalista do Nordeste e narrativas nordestinas, prosa de ficção nordestina; b) *Cronológica* (romance de 30): década do romance nordestino, ficção de 30, ciclo de 30, romance de 30, o romance brasileiro de 30; c) *Literária* (regionalismo, modernismo, realismo, neo-realismo, naturalismo): largo regionalismo literário, ciclo nordestino do romance modernista, neo-realismo, neo-naturalismo, neo-modernismo, pós-modernismo, neo-regionalismo, regionalismo brasileiro, romance social regional, romance de tensão crítica, neo-naturalismo regional, romance regionalista, romance moderno, literatura engajada; d) *Temática*: literatura das secas, ciclo da cana-de-açúcar, do cacau, romance de testemunho. (TELES, 1983, p. 45, grifos nossos)

Muitos dos termos acima englobam, ao mesmo tempo, o social e o literário, o geográfico e o cronológico, de forma que o estudioso, para sair desse emaranhado terminológico, tem de escolher o termo que se lhe apresente com maior rigor e coerência (TELES, 1990). Como nosso objetivo é estudar os romancistas nordestinos que abordam a temática da fome no sertão nordestino, optamos pela denominação “Modernismo nordestino”, uma vez que corresponde ao período e espaço geográfico aos quais nos dispusemos a analisar.

Tomando-se a cronologia como uma primeira coordenada, devemos anotar que a década de 30 é bastante importante na história da cultura brasileira, devido aos eventos proeminentes que, ao longo de tal década, foram surgindo e que causaram expressivas transformações na cultura de nosso país. No cenário literário, Gilberto Mendonça Teles estabelece o período de 1928, quando se publicou *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, e o de 1946, com a publicação de *Seara Vermelha*, de Jorge Amado, como aquele a que podemos, de fato, aplicar a denominação de “romances de 30”, a fim de evitar alargar demasiadamente tal denominação de forma que ela passe a englobar até romances da atualidade. Se alguns dos autores dessa época continuaram produzindo depois de 1946,

certamente, outros foram os rumos, estilísticos e temáticos, que eles emprestaram a suas obras. Entretanto, no período entre 1928 e 1946, o que temos é “a existência de uma geração de escritores ideologicamente semelhantes e voltados para os problemas político-sociais de seus Estados, no caso todos nordestinos [...]” (TELES, 1990, p. 9).

Agora, valendo-se de uma segunda coordenada, a espacial, deparamo-nos com “atitudes ufanistas, começadas com o nativismo do século XVII e sustentada pelo indianismo e pelo sertanismo do século XIX, adquirindo depois, com o Realismo, algumas conotações de crítica social e de denúncia [...]” (TELES, 1990, p. 9). Assim, notamos, mediante a busca por “afirmação da nossa unidade política, linguística e religiosa”, uma oposição entre uma literatura do Norte e uma literatura do Sul, dicotomia, essa, apontada inicialmente por Franklin Távora, José de Alencar e outros intelectuais nordestinos. Em síntese bastante elucidativa, Gilberto Mendonça Teles (1990) afirma que, no Romance de 30:

O perfil interior das personagens nordestinas, o tempo, o espaço, enfim, as situações dramáticas de um Brasil que sobrevivia entre coronéis de engenhos e bandos de cangaceiros, tudo isso encontraria o seu lugar social e literário nas páginas dos romances que tornavam a encontrar a sua dupla função de documento estético e denunciador das estruturas injustas da sociedade. (TELES, 1990, p. 15)

Nesse sentido, o estudioso defende que o romance escrito no Modernismo do Nordeste mais que documentário, como criticam alguns, se apresenta como registro estético e ideológico de denúncia das mazelas sociais de um país oprimido pelo manditismo local. Graciliano Ramos, em abril de 1937, antes, portanto, da publicação de *Vidas secas* (1938), lança uma crônica, intitulada “Norte e Sul”, em que defende a literatura produzida no Nordeste e discorda da distinção estabelecida entre romance do Norte e do Sul. Segundo o escritor, o que existia eram formas diferentes de produzir literatura brasileira, mas que a literatura escrita no Nordeste era criticada porque falava da miséria, situação que incomodava as outras classes, que prefeririam pintar o Brasil com outras cores. Contudo, ele deixa claro que a literatura “[...] tornar-se-á inofensiva e cor-de-rosa, não provocará o mau humor de ninguém,

não perturbará a digestão dos que podem comer [...]” (RAMOS, 1980, p. 136), se não abordar os problemas da realidade, da seca, da fome e da miséria do povo brasileiro. Nesse sentido, defende o romance do Nordeste porque este denuncia as mazelas sociais de sua época, deixando que os escritores locais abordassem problemas que eram, também, universais.

Os textos que atendem pelo designativo de romances do Modernismo nordestino compõem um sistema narrativo marcado pela união presente nos três planos que os caracterizam: o plano do conteúdo, o plano da expressão e o plano retórico. Com relação ao plano do conteúdo, podemos dizer que ele se caracteriza pela presença dos seguintes temas: “limitação do ambiente, os ciclos da seca, do cangaço, o misticismo, a cana-de-açúcar, o cacau, a decadência do coronelismo latifundiário e, podemos acrescentar, o tom memorialístico e semi-urbano de alguns romances” (TELES, 1990, p. 15-16). O plano da expressão está, ainda, a exigir estudos mais profundos, mas, dizem que “a linguagem desses romances se mantém dentro de um coloquialismo equilibrado entre o falar regional e a norma do registro escrito” (TELES, 1990, p. 16). Por fim, o plano retórico revela que as técnicas de narrar da maior parte dos romances insere-se dentro da tradição narrativa que marcou todo o século XIX, ou seja, apresentam um narrador, quase sempre em terceira pessoa, que, em determinados momentos, perde a onisciência, narrando verossimilmente o que a personagem está fazendo.

Sendo assim, os escritores desenvolvem um trabalho engajado na denúncia dessa realidade opressora. Para isso, utilizam a linguagem artística para sensibilizar seus leitores. Nesse sentido, Antonio Candido considera que só a partir mais ou menos de 1930 as tendências regionalistas, já sublimadas e como transfiguradas pelo realismo social, atingiram o nível das obras significativas, deixando claro que, para ele, o romance do Nordeste foi o precursor da consciência de subdesenvolvimento nacional.

Ao se referir aos escritores do Regionalismo, Candido (1989) afirma que o que os caracteriza é a superação do otimismo patriótico e a adoção de um tipo de pessimismo diferente do que ocorria na ficção naturalista. Enquanto o Naturalismo focalizava o homem pobre como “elemento refratário” ao progresso, o Regionalismo

desvenda a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes, mostrando a degradação do homem como uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual.

Nessa perspectiva, Gilberto Mendonça Teles (1990) afirma que temas como a migração, o cangaço, o messianismo, o coronelismo formam a paisagem e os conflitos humanos do Nordeste brasileiro e, de certa forma, retomam as experiências do romance realista do fim do século XIX, mas sem o apego ao cientificismo e à impessoalidade do Realismo oitocentista. Ao invés de um realismo científico e impessoal, temos obras marcadas por uma “visão crítica das relações sociais”. Nessa perspectiva, o Modernismo nordestino trabalha a destruição da imagem de prosperidade que foi criada no Brasil.

Nesse viés, José Lins do Rego (1957) apresenta *A Bagaceira*, obra publicada em 1928, do paraibano José Américo de Almeida (1887-1980), como o primeiro grande romance do Nordeste, iniciando a vertente literária denominada, por alguns, de Modernismo de Trinta, para nós, Modernismo do Nordeste. Conforme registra José Lins do Rego:

[...] há originalidade de um estilo, a forte presença de um ambiente, o trágico dos destinos que cruzam em atitudes que se projetam com o relevo de vida autêntica. Ali está o Nordeste no vigor expressivo das imagens, nos arrancos dos gestos que ligam o homem à natureza. A vida e a morte são matérias-primas do autor. É o homem vivo que não quer morrer; não é somente uma atitude, é a própria condição humana agitada pelo pavor, pela desordem, pela ânsia de sobreviver. O estilo tem tudo da terra, nos seus contrastes: a mágica fartura, a rigidez das pedras, o frescor das matas cheirosas, a máscara lúgubre dos cariris cobertos de vegetação de vida sacra, a barriga cheia e a fome devastadora. O romance brasileiro moderno começou com “*A Bagaceira*.” (REGO, 1957, p. 25)

A Bagaceira trata das questões do êxodo rural, dos horrores gerados pela fome e da visão brutal e autoritária do senhor de engenho como representante da velha oligarquia. O tempo, no enredo, se passa entre 1898 e 1915, os dois períodos de seca. Tangidos como bichos pela fome implacável que assolava o Nordeste, Valentim Pereira, sua filha Soledade e o afilhado dele, Pirunga, abandonam a zona rural no sertão, em busca de acolhida no brejo. Encontram, assim, o engenho

Marzagão, de propriedade de Dagoberto Marçau, cujo único filho, Lúcio, em visita ao pai, conhece a retirante Soledade, por quem se apaixona. Dagoberto seduz e engravida Soledade, que, no final da seca, deixa o engenho e regressa para a fazenda do Bondó, no sertão. O dono do engenho é assassinado por Pirunga, afilhado de Valentim Pereira, para honrar a imagem do padrinho. Por razão da morte do pai, Lúcio herda o engenho Marzagão. Como pode ser percebido, as cenas apresentadas no romance são a visão dramática de um mundo opressivo nascido sempre com a chegada da seca:

O ano de 1915 reproduzia os quadros lastimosos da seca. Eram os mesmos azares do êxodo. A mesma debandada patética. Lares desmantelados; os sertanejos desarraigados do seu sedentarismo. Passavam os retirantes desossados, ocos de fome, cabisbaixos como quem vai contando os passos. (ALMEIDA, 1988, p. 113)

A fome, causada pela falta de chuva e de assistência por parte dos poderes públicos, leva o sertanejo honesto e trabalhador a virar mendigo em êxodo nas terras do Nordeste. Dezesete anos depois da chegada de Soledade na fazenda de Dagoberto Marçau, por outro período de seca, a retirante, já com a beleza destruída pelo tempo, vai ao encontro de Lúcio no engenho, para lhe entregar o filho, fruto do seu “amor-traição” com Dagoberto:

Apresentou-se na casa-grande sem falar. E, sem nada perguntar, aguardava a resposta. Intrigado com o silêncio, o senhor de engenho [Lúcio] indagou: - Que deseja, mulher? - Eu por mim nada quero, mas este menino está morrendo de fome... - Pois vá dá de comer ao seu filho! Não precisa vir a mim. - Ele tem seu sangue... Cada vez mais enleado, Lúcio não se acusava de um desses contatos fortuitos, de beijos avulsos que frutificam, do único pecado que deixa o remorso vivo. E não conteve a repulsa: - Mulher embusteira, se queres que eu te mate a fome... - O senhor faz isso porque não é seu filho!... - Pois, se não é meu filho, que quer que lhe faça? - Quero que dê o que é dele... Esmola eu pediria aos estranhos... [...] Ele chamou o rapazinho a si e tomou-lhe o rosto entre as mãos. Beijou-lhe a testa suja e requeimada. Depois apresentou-o à esposa: - Este é meu irmão. Mostrou ainda Soledade: Essa é... minha prima. E, a custo, com um grande esforço sobre si: - É a mãe de meu irmão... (ALMEIDA, 1988, p. 113)

O menino, gerado na seca anterior, só é apresentado na seca de 1915. O filho de Soledade, fruto da terra e da traição, é a própria representação da carência não apenas alimentar mas da própria carência moral pela qual passam as personagens atingidas pela fome no Nordeste, em tempos de seca, tendo em vista ser filho de Soledade, retirante que, no período de estiagem absoluta, se torna alvo fácil daqueles que detêm o poder na região. A criança é filha da vergonha da fome em meio às secas nordestinas.

O retorno de Soledade, agora com o filho, representa o estado cíclico da seca e da fome na região. O retirante, que tem seu lugar suprimido, precisa estar em nomadismo constante, na busca de um lugar que possa suprir as necessidades primeiras do indivíduo. O filho de Soledade encontra o seu espaço, sendo acolhido na fazenda de Lúcio. Mas os outros retirantes nordestinos e seus filhos continuariam a passar fome, à procura de um lugar indefinido. A jornada do menino representa a da mãe, do povo retirante que passou e voltará a passar pelas mesmas desventuras da seca e da fome na região nordestina. O relato de José Américo abre o ciclo do romance do Nordeste, entre outras razões, por sua força de denúncia dos horrores trazidos pela seca e fome por que passam as gentes brasileiras.

Até o século XIX tínhamos, no Romantismo, a busca de uma identidade nacional supervalorizando o ambiente. No século XX, no Modernismo nordestino, vamos ter a busca de uma identidade nacional também a partir do espaço, todavia esse espaço não mais é sinônimo de beleza e fartura. Nesse sentido, o espaço é agressor, na medida em que expulsa o sertanejo de sua própria terra. Acontece o abandono do sentimento nacionalista da literatura do século XIX e aquilo que dava orgulho ao brasileiro – a natureza –, no século XX, no Modernismo nordestino, hostiliza sua vida. Conforme Neroaldo Pontes de Azevedo:

O Nordeste, por sua vez, a par de tomar conhecimento do que vinha ocorrendo em São Paulo, presenciara, em toda a década de 20, uma retomada da preocupação com o regionalismo. Reclamava-se, com insistência, a presença – ou a volta – dos valores tradicionais da região, como fonte inspiradora para a arte. Inserindo-se numa tradição de produção regionalista, que retomava à época do Romantismo, no mesmo ano de 1928, José Américo de Almeida publica, na Paraíba, *A Bagaceira*, romance que não se limita a repetir a denúncia em torno das consequências da seca

sobre a população nordestina, mas que aponta, embora ainda de forma frágil, a perversidade da estrutura sócio-econômica vigente na época. (AZEVEDO, 1992, p. 11-12)

Conforme expõe Lafetá (1974), entretanto, o Modernismo é um movimento que atingiu sua fase áurea de maturidade e equilíbrio nos anos 30, visto que nos deu algumas das obras mais realizadas e alguns dos escritores mais importantes da literatura brasileira. Na prosa de ficção, para o autor, se destacam José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado, sendo Graciliano considerado o ponto alto do romance social.

O próprio Graciliano, escritor e político, escreve sobre a literatura produzida em seu tempo. Para ele, uma literatura diferente, inovadora, que transgride as regras, mas que fala dos problemas do povo brasileiro e, por isso, representa nossa cultura. O escritor mostra que havia um grupo, conhecido como “a turma de Maceió”, composto por Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, dentre outros, engajados na missão de denunciar as causas políticas e sociais das mazelas humanas. Os romances produzidos no Nordeste:

São obras que querem mostrar o Nordeste como a vítima preferencial do desenvolvimento da sociedade capitalista no país. Querem revelar sua verdade social, mostrar o avesso de uma realidade adocicada pelos discursos de quem a dominava. Querem expor suas misérias e contradições; colocar a vida dos nordestinos nas mãos de seus leitores, perturbar suas consciências, produzir uma experiência de Nordeste para quem não o conhecia e fazê-los viver a miséria alheia. São obras que querem ser um reclamo, um brado de alerta, às vezes beirando até o panfleto. São quadros fiéis das angústias que afligiam aquela região e, por extensão, a nação, deixando clara a responsabilidade desta para com aquelas populações. (SILVA, [201?], p. 72)

Graciliano Ramos, na crônica “Romances”, defende que precisávamos produzir uma literatura que representasse o povo brasileiro, com seus traços de brasilidade. Por isso, deixa claro que não podíamos “apresentar ao mundo a escrava Isaura, o moço louro e Peri. Está claro que isso antigamente serviu para o consumo interno” (RAMOS, 1890, p. 145). Contudo, o escritor reconhece que essa literatura

não representa a nossa nação. Era necessária a chegada do povo, do pobre, do marginalizado, como Chico Bento, Cordulina e seus filhos; e de Fabiano, sinhá Vitória e seus meninos, para que a literatura brasileira pudesse alcançar o *status* de literatura de prestígio, porque realmente nossa, uma vez que consegue, de fato, representar o povo brasileiro e sua cultura. Desse modo, José Lins do Rego enfoca que:

Depois de 1930 o Nordeste tomou um lugar certo na literatura brasileira. Voltou a ser, como nos tempos de Gonçalves Dias e José de Alencar, um foco de irradiação. É que puseram os nordestinos para funcionar uma máquina de criação que se alimentava de realidades concretas. A vida que eles traziam para os seus livros, para sublimá-la, não era uma mentira ou uma convenção. A realidade doía nos personagens de José Américo de Almeida, de Graciliano Ramos, de Rachel de Queirós, de Amando Fontes. (REGO, 1957, p. 28)

Nesse sentido, Maurício Melo Júnior [191?], embora tenha conhecimento de que *A Bagaceira*, de José Américo, tenha sido escrita antes de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e, portanto, considerado o texto precursor do Movimento Modernista nordestino, considera, contrariando a crítica literária oficial, o romance de Rachel como o texto inaugural do período, tendo em vista ter ele, em sua linguagem, aspectos que se aproximam, diferentemente do texto de José Américo, da proposta do novo movimento:

É praticamente impossível fugir do paralelo entre **O quinze** e **A bagaceira**, até porque é nesta linha que se mostra a força inaugural do primeiro. E o destaque primário se dá com relação à linguagem. Embora José Américo seja enfático na defesa de uma “língua nacional” e se utilize da intensa criatividade dessa forma de expressão – desde a primeira edição seu livro vem acompanhado de um necessário e útil glossário –, no todo, há um rebuscamento, uma grandiloquência em sua retórica. Enquanto isso Rachel trabalha no chão, no terra-a-terra. Tem um discurso formal e até retórico, mas conserva a espontaneidade da fala coloquial. Um pouco mais que isso, preserva em seu texto a segura característica dos sertões construindo frases curtas, breves, precisas. (MELO JÚNIOR, [191?]⁵)

⁵ Seca doçura. In: *Gazeta do Povo*. Paraná, [201?]. Disponível em: <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/seca-docura/>. Acesso em: 23 de setembro de 2013.

Nesse sentido, em 1930, dois anos após a publicação de *A Bagaceira*, romance considerado, pela maioria da crítica, como percussor do Modernismo do Nordeste, a escritora cearense, Rachel de Queiroz, publica seu primeiro romance, *O Quinze*, que remete à seca de 1915 e a alguns aspectos da vida do interior do Ceará durante um dos períodos mais dramáticos que o povo brasileiro atravessou. Embora Cristiane Schlecht (2010) considere Rachel uma romancista menor:

[...] é preciso considerar que a autora não se firma como romancista, faltando a seus romances uma visão de mundo e uma organização dos elementos ficcionais que transformassem seus escritos em obras de arte. Ao invés disso, a autora conquistou seu lugar na literatura brasileira como jornalista de talento e, principalmente, como exímia cronista, manejando a língua portuguesa falada no Brasil e o cotidiano da vida nacional. (SCHLECHT, 2010, p. 21)

Conforme Verônica Lage (2010), entretanto, quando Rachel de Queiroz publica *O Quinze*, em 1930, havia um forte preconceito contra a escrita feminina, que era ignorada do meio literário. A força e o engajamento da escrita de Rachel vêm denunciar o descaso em relação ao Nordeste e seu povo sofrido. Graciliano Ramos, por sua vez, na crônica “Caminho das pedras”, publicada em *Linhas tortas* (1980), elogia a escrita de *O Quinze*, primeiro romance de Rachel, escrito com apenas vinte anos de idade:

O Quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: - Não há ninguém com este nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. Depois conheci *João Miguel* e conheci Raquel de Queirós, mas ficou-me durante muito tempo a idéia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever *João Miguel* e *O Quinze* não me parecia natural. (RAMOS, 1980, p. 137)

Sendo assim, *O Quinze*, conforme defende Graciliano Ramos (1980), ratifica Adonias Filho (1973, p. 85) e defendemos neste trabalho, ultrapassa “o simples

romance de costumes porque aciona a matéria social em todas as consequências”, superando o livro de José Américo de Almeida, *A Bagaceira*, não apenas por seu enredo, mas, principalmente, por sua linguagem e estrutura.

Em *O Quinze*, temos, mais uma vez, personagens retirantes, saindo do sertão nordestino em busca de sobrevivência na capital, na esperança de encontrar meios até a chegada do inverno. Rachel de Queiroz, assim como José Américo, numa perspectiva diferente da dos escritores do final do século XX, mostra que, embora a seca chegue para todos, a fome chega apenas para os pobres, uma vez que a forma de enxergar e viver a seca está relacionada à classe social em que cada indivíduo pertence. *O Quinze* visa representar um momento de transição na literatura brasileira, apresentando a passagem do amor à terra ao amor ao ser humano, ou seja, a passagem do ideário do Romantismo para o ideário do Modernismo nordestino.

No que se refere à temática da fome, é notória a preocupação de Rachel de Queiroz com os retirantes infantis, sobre quem a fome se manifesta de forma mais avassaladora, pois são eles que, indefesos e inertes ao mundo famélico que os rodeia, mais sofrem, tendo em vista que, desde cedo, sua sina será a luta de resistir e permanecer vivo em uma sociedade em que poucos, apenas os mais fortes, sobrevivem. Nesse sentido, as crianças retirantes passam a ter subvidas e, não obstante fortes como bichos, se tornam fracas, como seres humanos, visto que a elas não é dado o direito de ser e viver como gente.

Nas poucas vezes que à criança é dado o direito de falar, isso se manifesta em forma de pedido de comida, necessidade primeira do ser humano. O sofrimento da fome se mostra evidente não apenas para as crianças, mas, também, para seus pais que, diante da situação, se sentem incapacitados por não poderem suprir suas necessidades mais elementares. Eles têm consciência de que seus filhos, aqueles que tiverem a felicidade de sobreviver, farão, em outras secas, a mesma viagem, com as mesmas perdas e decepções.

Assim como nos demais romances, os retirantes, representados pela família de Chico Bento, viajam do sertão nordestino em busca de sobrevivência na capital, todavia, a esse grupo de indigentes Rachel de Queiroz formulou um final diferente.

Chico e sua família seguem para a cidade de São Paulo, adotando a falsa ideia do nordestino que enriquece nas terras do sul, visto que a criação de um lugar utópico seria a forma mais aprazível de entender e enfrentar o mundo.

Diferentemente do que ocorre no romance de Teófilo, onde os retirantes regressam, sem os cinco filhos, para suas origens, no romance de Rachel a família de Chico Bento, que já se encontrava na capital, começa uma nova jornada, agora para o sul, de onde, aparentemente, não regressam.

A obra de Rachel, embora seja uma autora renomada, é pouco conhecida e trabalhada pela crítica, voltada principalmente para *O Quinze*, diferentemente do que acontece com alagoano Graciliano Ramos, que tem uma das maiores fortunas críticas da historiografia literária brasileira, fazendo com que o romance nordestino chegue ao seu auge, em 1938, com a publicação do romance *Vidas secas*. Este, ao configurar a fome infantil nordestina como elemento significativo, se volta para os dramas sociais e geográficos de sua região, construindo um projeto de literatura nacional mais ousado. Adonias Filho (1973) enfatiza que até o lançamento do livro de estreia de Graciliano Ramos, Caetés:

[...] torna-se possível dividir o romance do Nordeste em dois ciclos perfeitamente caracterizados: o ciclo pré-modernista e o ciclo pós-modernista. No primeiro, o espaço da cena é ocupado pela ação episódica, em plano secundário os elementos sociais (Domingos Olímpio, Franklin Távora, Lindolfo Rocha). No segundo, os elementos sociais suprem a ação episódica traduzindo rigorosamente o documentário (José Américo de Almeida). Não houve regionalmente o romance modernista. A colocação, como se vê, foi a *priori* e a *posteriori*. Mas, ao fechar-se o segundo ciclo, Graciliano Ramos abre a terceira fase: acrescenta ao documentário, sem anular a irradiação social, a inquirição psicológica. (Adonias Filho, 1973, p. 76)

De acordo com Bosi (1975, p. 451): a “reificação do homem é tão intensa em *Vidas secas* que se chega ao ponto de não haver diferença entre os objetos e as pessoas”. Fazendo isso, a narrativa rompe com uma tradição na literatura brasileira em que o homem sempre dominou ou apreciou a natureza. Agora, a natureza, sofrida, não serve mais como cenário de idealização, pelo contrário, ela é o elemento que expulsa o nativo de suas terras. Essa realidade entre paisagem (e suas

consequências) e a conduta humana faz de Graciliano Ramos e do Modernismo nordestino um divisor de águas na história da literatura brasileira. *Vidas secas* apresenta a hostilidade imposta pelo mundo. No romance, a natureza esmaga o homem e, por isso, suas experiências são dolorosas:

Ora, o drama de *Vidas secas* é justamente esse entrosamento da dor humana na tortura da paisagem. Fabiano ainda não atingiu o estágio de civilização em que o homem se liberta mais ou menos dos elementos. Sofre em cheio o seu peso, sacudido entre a fome e a relativa fartura; a curva da sua existência segue docilmente os caprichos hidrográficos que lhe dão a vida ou a morte. (CANDIDO, 2006, p. 66)

Para Graciliano Ramos (1962), outros fatores, além da seca, contribuíram para emigração do sertanejo, como: indústria precária, a exploração do trabalhador rural e a carência de administração responsável. O romancista analisa como a fome se estabelece na vida da personagem não através do olhar onisciente do narrador, mas do olhar do próprio retirante, mostrando o quanto seu romance é emancipatório em relação aos demais, visto que é a primeira vez, na história do romance do Nordeste, que são dados ao retirante o direito de falar e se expressar, embora, para isso, faça uso do discurso indireto livre, sugerindo uma dupla impressão sobre a voz que narra, a do narrador e a das personagens. Sendo assim, ora o texto mostra o retirante como alguém silenciado pelo meio, ora o retirante como o homem a quem a literatura, através de Graciliano Ramos, dá voz e vez.

Como exposto anteriormente, o enredo do romance é cíclico, visto que os filhos voltariam a viver as mesmas experiências dolorosas do pai. Voltariam a ser humilhados pelas autoridades, como o governo, o Soldado Amarelo e o patrão. O retirante é submetido ao exílio linguístico, que funciona como um elemento de não-humanidade, por isso as personagens almejam o domínio da linguagem como fato libertador de sua condição semianimaesca.

O que diferencia o homem do animal, no mundo real, é a capacidade de pensar e se expressar. Em *Vidas secas*, a subtração da fala das personagens acontece objetivando enfatizar o processo de reificação pelo qual é obrigado a passar o homem do povo. Essa assertiva é reiterada quando os meninos são criados

sem nome e à cachorra é designado um nome próprio e um lugar de prestígio na família, como membro. Sendo abatidas à categoria de bichos do sertão, como admitia o próprio Fabiano, as personagens de Graciliano se inserem em uma situação sócio-político-cultural inferiorizada pelo poder estatal.

Negando as injustiças sociais de sua época, Graciliano cria um mundo infantil onde a criança é um ser silenciado pelo adulto e pelo espaço opressor na intenção de representar o povo devorado pelo meio. Em comparação aos demais romances comentados, *Vidas secas* é, sem dúvida, o que tem um espaço maior e mais significativo reservado às personagens infantis, onde se figura o não-lugar do infante em tempos de estiagem contínua.

Os romances de Rachel e Graciliano trabalham a oposição entre Sul desenvolvido e Nordeste pobre, enfatizando a migração para o sul como uma crítica dos romancistas à má distribuição de renda, em um mesmo país onde há regiões ricas e outras em estado de calamidade pública. O sul, criação de um lugar utópico, seria a forma mais aprazível de entender e enfrentar o mundo. Em meio a tantas adversidades, o povo precisa sonhar com um futuro menos doloroso, já que se encontra em um presente árduo e tem do passado histórias inóspitas.

As crianças de Graciliano são a representação do Brasil menino que busca se afirmar enquanto literatura, mas não encontra lugar. Há, no decorrer do romance, a tentativa da criança de falar sobre o que pensa e questiona, mas são podadas, assim como a literatura nova que está nascendo – o Modernismo nordestino – todas suas formas de expressão. Ao comparar as obras dos dois romancistas, Rachel e Graciliano, Cristiane Schlecht (2010) vai afirmar que:

Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz partem dos mesmos temas, o Nordeste brasileiro e sua gente sofredora, mas que a escritora não vai muito além dos temas, sem um trabalho correlato com a linguagem; já Graciliano, além dos temas, realiza uma adequação da linguagem literária a eles. (SCHLECHT, 2010, p. 77)

Sendo assim, a estudiosa considera que o romance de Graciliano se destaca pelo elevado nível de linguagem poética, sendo o romance que mais se distancia da visão preconceituosa do período, que via no Modernismo do Nordeste uma literatura

voltada apenas para a denúncia social, em forma de depoimento, relegando a estética a um plano secundário. Na verdade, o romance de Graciliano Ramos vai desfazer essa visão estereotipada, mostrando, através de sua linguagem, que é possível fazer uma literatura engajada com os problemas sociais de seu país e, mesmo assim, desenvolver um trabalho estético de qualidade singular.

Nesse sentido, Antonio Candido (1989) deixa claro que, em *Vidas secas*, Graciliano Ramos leva ao máximo a sua costumeira contenção verbal, elaborando uma expressão reduzida à elipse, ao monossílabo, aos sintagmas mínimos, para exprimir o sufocamento humano do vaqueiro confinado aos níveis mínimos de sobrevivência. O texto de Graciliano Ramos, dentre os romances que trabalham a temática da fome, assume uma visão mais poética da realidade.

Além dessa, há outra característica que faz de Graciliano Ramos o maior romancista do Modernismo Nordestino, que é o interesse pelo material humano e sua consciência, deixando o enredo e as descrições em um plano secundário, diferentemente do que acontece com os escritores que o antecederam, que se voltaram muito mais para a paisagem e o processo de retirada do que para a dor sentida pelos retirantes que sofriam de privação, sobretudo a alimentar.

Assim como Rachel, Graciliano vai evidenciar a fome como uma mazela que atinge somente a classe baixa, mostrando que o ideário do Modernismo nordestino se diferencia, se autentica e se expande não apenas na temática, mas na forma como esta é abordada pelos escritores de sua época, preocupados com a emancipação política, social, econômica e cultural do país. E que a classe favorecida se aproveita da miséria do desfavorecido para tirar vantagem e lucrar, o que é característico do mundo capitalista.

Em 1946, o baiano Jorge Amado (1912-2001) encerra o ciclo da fome do retirante no Modernismo Nordestino, com a publicação de *Seara vermelha*. Nesse romance, o escritor larga a zona do cacau e localiza o relato no sertão baiano, abordando a representação da luta, de retirantes nordestinos, contra a fome e pela dignidade humana, refletindo sobre a injustiça e o desamparo dos pobres explorados pelos senhores feudais do Nordeste brasileiro. Como o próprio título revela, o chão

nordestino, vermelho de sangue, expulsa e mata, de fome e sede, o povo nordestino, cansado do abandono sofrido.

Seara vermelha está, basicamente, dividido em duas partes. A primeira, intitulada “Os caminhos da fome”, descreve a penosa retirada, rumo ao sul, de uma família de lavradores pobres, expulsos da fazenda pelo novo latifundiário da região. É a saga de uma família de retirantes compulsórios, gente expulsa de terras nordestinas. A viagem é um rol de aflições, de fome e de morte, porque em tempos de seca, sem chão e sem comida, a solução é migrar para a capital, em busca de esperança. Por esse motivo, viajam a pé para o Juazeiro, de onde partiriam para as terras férteis de São Paulo.

Do grupo inicial de dez retirantes, composto por duas famílias: a de Jerônimo, constituída por ele, sua esposa Jucundina, dois filhos (Agostinho e Marta) e três netos crianças (Tonho, Noca e Ernesto); e a família de João Pedro, irmão de Jerônimo, constituída por ele, sua esposa Dinah e a filha do casal (Gertrudes), apenas quatro chegariam a uma fazenda de café em São Paulo, onde se daria o destino final. Na caminhada pela inóspita caatinga, comandados pelo patriarca Jerônimo, vários vão ficando pelo caminho: uns morrem de fome, outros de doença. Poucos concluem a longa jornada até as terras míticas:

E através da caatinga, cortando-a de todos os lados, viaja uma inumerável multidão de camponeses. São homens jogados fora da terra pelo latifúndio e pela seca, expulsos de suas casas, sem trabalhos nas fazendas, que descem em busca de São Paulo, Eldorado daquelas imaginações. [...] É uma viagem que há muito começou e ninguém sabe quando vai terminar porque todos os anos os colonos que perderam a terra, os trabalhadores explorados, as vítimas da seca e dos coronéis, juntam seus trapos, seus filhos e suas últimas forças e iniciam a jornada. (AMADO, 1951, p. 43)

Jorge Amado, como retoma, anos depois, João Cabral de Melo Neto, em *Morte e vida severina*, vai criticar, em seu romance, a partida do morador da zona rural, do sertão à capital, e sua desilusão ao descobrir que em todo território se morre da mesma “morte severina”, de fome um pouco por dia. O diferencial do romance de Jorge Amado é que ele exhibe, além das mazelas da partida, o regresso do homem nordestino, fracassado também em terras distantes, como crítica ao mito

do sul como lugar ideal, desconstruindo a ideia de prosperidade do sul, para o nordestino pobre:

Só os imigrantes são os mesmos, os nomes podem mudar, são idênticos rostos, a mesma fome, o mesmo fatalismo, a mesma decisão no caminhar. Atravessando a caatinga, sobre as pedras, os espinhos, as cobras, os lagartos, para frente, indo para São Paulo onde dizem que existe terra de graça e dinheiro farto, voltando de São Paulo onde não existe terra nem dinheiro. (AMADO, 1951, p. 44)

O romance de Jorge Amado, em todo o seu percurso, vai criticar essa ideologia do sul como lugar promissor, mostrando que os que de lá conseguem retornar, regressam espezinhados da certeza do fracasso, que mostra que o povo pobre é marginalizado também em outro espaço.

Na viagem, com alimentação escassa, são as crianças as que mais sofrem a privação diária. Ernesto, criança de apenas seis meses, comia mingau ralo de farinha de mandioca porque não havia outra alimentação que a pudesse substituir. Era o que tinham para oferecer à criança no início da jornada. Ao demais, “além da carne-seca, tudo que havia era um pirão de farinha. No resto da água posta a ferver, Jucundina colocou um pedaço de rapadura que era para o café” (AMADO, 1951, p. 54).

O retirante mirim é figurado no romance também pela menina Noca, aliás, única menina representada no universo masculino infantil do romance do Modernismo do Nordeste, que, na caminhada, fere o pé e adoece. Os dias de caminhada, com sede, fome e febre levam a criança à beira da morte:

Então andaram para a rede e Jerônimo sustentou Jucundina que soluçava. O corpo de Noca estava de costas, no estertor da morte ela se virara. Marta a retirou da rede e colocou no chão. Era um fiapo de gente, os ossos quase rasgando a pele de tão magra. Tonho chegou, sentou ao lado da irmãzinha morta, pôs-se a chorar. [...] Noca estava morrendo, convulsa na rede batendo os pés e as mãos, parecia um pequeno animal. (AMADO, 1951, p. 44; 68)

A imagem da criança morta exprime as ausências sofridas pelo retirante no seco sertão nordestino. Desprovida de alimentação, de água, de recurso, mas, principalmente, de socorros públicos, a menina definha e morre sem que a ela seja

prestado nenhum um tipo de socorro. A menina risonha, que antes corria e brincava com a gata Maroca, agora é apresentada como figura esquelética. Em tempos de escassez de água e comida, na luta pela sobrevivência, até as lágrimas precisam ser economizadas:

Não houve muito tempo para a memória de Noca. Só tiveram o resto da noite para rezar e chorar por ela. Velaram o pequeno cadáver numa sentinela entremeada de conversas tristes, casos acontecidos com aquela gente, cada qual contando suas desventuras, histórias de secas, de terras tomadas, de lutas com coronéis poderosos, de crianças morrendo, de doenças e remédios do mato. (AMADO, 1951, p. 69)

Jorge Amado retoma, assim, na conversa de suas personagens, assuntos recorrentes no romance do Nordeste. Caminharam mais de um mês para chegarem ao destino: Juazeiro. “A comida faltara de todo e eles perdiam uma parte do dia para buscar o que comer. Um tatu, de quando em vez uma paca, um preá. Mas na caatinga era difícil caçar. Tinham que gastar horas no rastro do bicho e a viagem arrastava-se” (AMADO, 1951, p. 78). As crianças cada vez mais magras e fracas, como o pequeno, só o “coro e o osso”.

A fome endêmica, apresentada na caminhada, como sugere Josué de Castro (1984), vai matando aos poucos a família do retirante. Entendida como a face mais cruel da pobreza, a fome é a trágica realidade brasileira. Nessa perspectiva, o romance do Nordeste vai retratar uma história de gente magra, atormentada, calada, pelo estômago que grita.

No trajeto, o filho Agostinho decide fazer parada em uma fazenda, onde se instala para trabalhar. Sua prima, Gertrudes, com quem se casa, o acompanha. Os outros seguem em busca da “terra prometida”. Outra retirante, cunhada de Jerônimo, Dinah, morre pelo meio do caminho. O desespero da caminhada, a morte dos parentes, a doença e a fome levam a não acreditarem que chegariam vivos ao destino sonhado, onde o pesadelo da fome seria apenas uma lembrança na vida dos sobreviventes:

Aos poucos iam se compenetrando de que não chegaria nenhum ao fim da viagem, a nenhum seria dado ver a fartura que existia por São Paulo. Mas marchavam para diante que pior seria voltar. E voltar para onde se já não tinham terra, nem casas, nem mandiocal nem milharal? (AMADO, 1951, p. 84)

O espaço do homem do povo é mais uma vez questionado no romance de Jorge Amado. A prosa modernista alargava a sua área de interesse ao incluir preocupações novas de ordem política, social, econômica, humana e espiritual. O autor foi ao encontro do povo, havendo uma busca do homem brasileiro. Os escritores, como Jorge Amado, consolidaram, em suas obras, questões sociais bastante graves: a desigualdade social, a vida cruel dos retirantes.

Nos romances, a desagregação da família acontece mesmo antes do início da seca e da caminhada, quando os filhos de Jucundina (João, José e Nenén), cada um a seu tempo e modo, começam a fuga do sertão da Bahia. A mãe, a cada nova cena da caminhada rumo ao sul, recorda os filhos que há anos haviam partido: “Durante todo esse caminho que já haviam feito, ela muito se recordava dos três meninos” (AMADO, 1951, p. 70). Todas as recordações se dão em momentos de desgraça. A mãe, assim, tomada pela saudade dos filhos, ora entende que o melhor foi terem fugido da vida dura do sertão nordestino, ora lembra e deseja o regresso dos três:

Os anos tinham passado e nenhum dos três rapazes voltara. Essa era outra secreta esperança da velha Jucundina. Vê-los regressar para que ajudassem Jerônimo no trabalho da terra. E, apesar de que haviam partido em datas diversas, cada um por sua vez, cada um por um caminho, cada um para um destino, imaginava – eram poucos e pequenos quadros, formados no decorrer do tempo, que se sucediam inalteráveis na sua imaginação – que regressariam juntos, juntos atravessariam a cancela e juntos lhe pediriam a bênção. (AMADO, 1951, p. 13-14)

Na partida para a tão sonhada terra prometida, Marta, filha de Jerônimo, não embarca no navio, na viagem de Juazeiro a Pirapora, lugar de onde pegariam o trem com destino a São Paulo, porque, para conseguir o visto para embarque do pai, se prostitui em terras baianas, onde, renegada pelo patriarca, é obrigada a permanecer.

No percurso, muitas crianças morrem de diarreia, devido ao consumo exagerado de peixe e seu caldo oleoso, dentre elas, o menino Ernesto:

[...] não foi o primeiro a morrer. Outros morreram antes e até adultos ficaram nas águas do rio com disenteria [como o menino Ernesto]. Após a seca e a racionada comida da caatinga, charque assado e pirão de farinha, após a economia de Juazeiro, os tostões contados – a comida de bordo, peixe abundante e gorduroso, parecia um sonho. Era à vontade. Homens comiam dois e três pratos de pirarucu, lambiam os beiços, esticavam-se na madeira do navio de barriga para cima, calentando o sol como as jiboias no sertão depois de devorarem um bezerro ou um cabrito. (AMADO, 1951, p. 114)

A ironia do texto é que a criança morre porque come. E é justamente esse o motivo da surpresa e tristeza da avó, que esperava que o neto falecesse na caminhada, de sede e de fome, mas nunca de excesso de comida. A família, assim, fica reduzida a quatro membros: Jerônimo, Jucundina, João Pedro e Tonho.

A segunda parte do livro, intitulada “As estradas da esperança”, conta, justamente, em capítulos subsequentes, a história dos três filhos de Jerônimo, já adultos, embora tenham saído de casa antes mesmo do grande êxodo. O primeiro, João, vira soldado de polícia; o segundo, José, se torna o temido cangaceiro Zé Trevoada; e terceiro, Nenén, engaja-se na luta revolucionária. Nessa parte, o romance se encaminha para outras temáticas como cangaço e política, mostrando que já faz parte de um momento de transição para outra fase do Modernismo.

O motivo da partida do primeiro filho (João) foi um desentendimento com o pai devido ao desejo de casar com a filha de um compadre vizinho. O pai, achando o filho muito novo para a responsabilidade, o reprime. Mas o rapaz revida:

O rapaz respondeu que não tinha satisfação a dar, era muito dono da sua vida, trabalho não lhe faltava se quisesse ir embora. Jerônimo se enraiveceu, tomou de uma tábua, correu em cima de João. [...] Jerônimo não ouvia nada. Perdera a cabeça e rebentou a tábua nas costas de João. O rapaz não reagiu. (AMADO, 1951, p. 75)

João, assim, é o primeiro filho que decide partir de casa. O segundo filho a fugir é José, que abandona sua família para se unir ao bando de jagunços de Lucas Arvoredo, que veio saquear a fazenda onde morava:

Fugira de casa no dia em que o bando atacou a fazenda e nunca mais voltaram a ter notícias concretas sobre ele. Um nome novo, porém, surgiu no bando de Lucas, a polícia falava de um jagunço apelidado de Zé Trevoada de pontaria certa, e coragem a toda prova. Conhecidos diziam que Zé Trevoada era o mesmo José, filho de Jerônimo e Jucundina. Bem que podia ser, José sempre fora esquisito, arredio, gostando de se afundar nos matos para caçar, falando em ir embora. (AMADO, 1951, p. 50)

E o terceiro, Juvêncio (cujo apelido era Nenén), “desapareceu uma noite, sem motivo, sem deixar recado” (AMADO, 1951, p. 75). Nessa parte, Jorge Amado descreve as trajetórias dos três filhos do casal de retirantes, que tinham partido de casa antes dos pais, fugindo das mazelas da vida do sertão baiano. Os três filhos representam a tríplice resposta que pode ser dada à crueldade dos poderosos: João procura as respostas messiânicas para seus questionamentos, José vinga-se pela via do cangaço e Juvêncio (Nenén), que serve na fronteira com a Colômbia, vai parar no presídio, de onde, depois da anistia, retoma os passos de sua vida militante, se tornando o grande herói do romance, aderindo às lutas sociais.

A narrativa termina em São Paulo, com um capítulo dedicado a “Tonho”, única criança sobrevivente da seca e da fome dos retirantes: “Como uma planta ressecada pelo sol que floresce e se alteia com as chuvas de inverno, assim ele cresceu no campo paulista” (AMADO, 1951, p. 272). Esse capítulo mostra a visão do menino-homem diante da história de sua família, representação do povo nordestino.

Três anos depois de chegarem à fazenda de café em São Paulo, onde a família passa a trabalhar como assalariados, Jerônimo morre, vítima de tuberculose, doença contraída na caminhada, restando apenas três viventes (João Pedro, Jucundina e Tonho, menino que simboliza o futuro do retirante). Com notícias da prisão de Neném e da morte de João, a mãe esboça o desejo de visitar o filho, preso como comunista. É o único filho que consegue reencontrar. O contato de Tonho com o tio faz o menino ingressar no Partido Comunista, para “lutar contra o sofrimento e a fome” (AMADO, 1951, p. 278). Esse contato com o comunismo sugere uma nova etapa a ser seguida, mostrando um menino diferente, crítico, idealista, que entra na luta por um Brasil que traga destinos diferentes do vivido por seus familiares.

No final do romance, há o regresso de Neném, sozinho, à sua terra natal, onde, ideologicamente modificado, visa implantar o ideal comunista. Desse modo, percebemos que o romance de Jorge Amado, assim como os outros romances dos escritores que o antecederam, está engajado na denúncia social dos problemas do seu lugar, mas, principalmente, engajado na luta política, social e ideológica por um país melhor, onde o povo tenha um lugar para viver e chamar de seu.

O breve panorama da fome na literatura brasileira, de suas origens até o meados do século XX, apresentado neste capítulo, nos faz perceber que a literatura brasileira pode ser (re)construída a partir da fome do retirante infantil e do (não)lugar do nordestino no cenário nacional. Esse seria um dos discursos de brasilidade que ajudaria na consolidação do ideário nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

BRASIL: O MENINO FAMINTO DE LITERATURA NACIONAL

Aqui caíram as asas
Dos anjos. Rudes caminhos
Adornam covas pequenas
De urtiga branca e de espinhos;
Mais perto cheguei meus passos,
Mais e demais, de mansinho:
As almas do chão revoaram:
Um bando de passarinhos.

Joaquim Cardozo

Como pode ser visto neste trabalho, a fome não é uma temática que chega com o Modernismo nordestino. Ela sempre aconteceu na história da literatura universal. Na historiografia brasileira, ela começa a surgir como força literária a partir dos romances de José do Patrocínio e Rodolfo Teófilo, mas amadurece e se consolida no Modernismo do Nordeste, principalmente com Rachel de Queiroz e

Graciliano Ramos, escritores que demarcaram, definitivamente, o lugar da literatura brasileira no cenário mundial. Nesse sentido, intitulada **Infâncias secas: o flagelo da fome no Modernismo do Nordeste**, esta tese buscou analisar a representação da história da seca e da fome da criança sertaneja em êxodo, com sua família, no mundo seco do Nordeste e o (não)lugar a que foi destinada a gente sofrida que nasce no solo brasileiro. Essas infâncias secas, dispostas no título, sugerem a desagregação social e humana a que são submetidas nossas crianças, que têm suas infâncias sequestradas pela inoperância e o descaso do Estado brasileiro, condenando nossos meninos à privação alimentar e ao êxodo penoso e forçado.

No primeiro capítulo, **Entre o real e o ficcional: o flagelo da fome na literatura brasileira**, ao discutirmos sobre os aspectos sociológicos da fome no Nordeste brasileiro, observamos que, segundo Josué de Castro (1984), as causas originais da subalimentação endêmica em nosso país advêm da influência dos fatores socioeconômicos sobre os biológicos. Nesse sentido, procuramos evidenciar o posicionamento de Josué de Castro sobre a fome social e como esse fenômeno foi representado na literatura brasileira do final do século XIX. Nesse período, a fome é exposta como uma catástrofe que chega igualmente para todos, ricos e pobres, sendo exibida na literatura brasileira ainda aos moldes do Regionalismo romântico dentro do qual a burguesia rural desfruta do protagonismo nas narrativas.

Embora o enredo dos romances destacados aqui tenha pontos comuns, como a saída de retirantes nordestinos de suas terras, cada romancista inova à sua maneira. José do Patrocínio, em *Os retirantes* (1879), apresenta o processo de retirada dos nordestinos, do sertão à capital do Ceará, expulsos pela seca e fome epidêmica, mostrando a morte como única saída para o problema biológico. Seus protagonistas, representantes da burguesia rural, são apresentados como seres oprimidos pela catástrofe climática. Patrocínio vai denunciar, em seu romance, não apenas a fome e suas sequelas na vida do homem, mas, também, como em tempos de calamidade o clero, representante do poder político, econômico e social, se aproveita da fraqueza do ser humano para alcançar seus objetivos.

O romance *Fome* (1890), de Rodolfo Teófilo, publicado onze anos depois, também vai mostrar a saga de uma família de retirantes, vitimada pela fome no

sertão do Ceará em tempo de seca. O diferencial do romance de Teófilo é que os retirantes, após o final da seca, regressam para seus lares, onde são latifundiários. Sendo assim, reassumem seus papéis de donos de terras, mesmo que elas não possam ser repassadas para seus herdeiros porque estes foram dizimados pela grande catástrofe biológica e social. Esses dois romancistas do final do século XIX mostraram a seca e a fome como crise que atinge a todos. Todavia, finda a calamidade da seca, as personagens sobreviventes regressam aos seus lares e reassumem seus lugares político-sociais e econômicos conquistados hereditariamente.

Esses romances foram fundamentais para a (re)construção da historiografia da fome brasileira porque revelaram que a temática da fome em nosso país é preocupação dos escritores desde o final do século XIX, além de terem servido como fonte de influência para os romancistas que os sucederam. Nesse sentido foi se delineando a historiografia da literatura de nosso país.

No segundo capítulo, **Os pequenos famintos de Rachel de Queiroz na grande seca d'O Quinze: a busca de um lugar no cenário nacional**, ao analisarmos o romance *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, classificamos como obra de ruptura entre o Regionalismo romântico e o Regionalismo moderno, uma vez que sua preocupação se volta exclusivamente para o dado social. Apresentando uma literatura madura, os modernistas nordestinos, como Rachel, na tentativa de representar o país, redirecionam seu olhar literário para os problemas da atualidade, instaurando uma marca nacional ao ampliarem suas preocupações com o destino do homem e do seu estar-no-mundo.

Sendo assim, apresentando o retirante infantil como representante do povo brasileiro, Rachel de Queiroz, além de evidenciar sua preocupação com os pequenos, busca um lugar para o pobre marginalizado nas discussões sócio-políticas e ideológicas do cenário nacional. Ao acionar a imagem do Brasil que sofre pela falta parcial e total de comida, a romancista traz um dado novo para a representação da fome em nosso país. Ela passa a mostrar que, em um país cuja renda é mal distribuída, como o nosso, é o povo o único a sofrer com as catástrofes climáticas

como a seca. Nesse sentido, seu texto é de protesto e denúncia ficcional, na medida em que abre espaço para mostrar o sofrimento dos marginalizados.

Em **Os ramos da fome nas *Vidas secas* dos meninos de Graciliano: o não-lugar do retirante nordestino**, verificamos que Graciliano Ramos vai nos fazer perceber que a desgraça da fome é descobrir que ela se faz presente em todos os lugares. Todavia, é apenas para a classe desfavorecida, marginalizada e esquecida que ela se apresenta com agressividade avassaladora. O que se pode observar foi que a carência alimentar apresenta ramos que se perpetuam de geração a geração, porque a fome é um fenômeno cíclico que silencia e manipula as massas humanas. Nesse sentido, *Vidas secas* (1938) reflete sobre o não-lugar a que é imposto viver o povo pobre em nosso país. Esse espaço, lugar-nenhum a que é submetido o retirante nordestino, fica evidenciado na circularidade com que o texto é apresentado: os outros meninos voltariam a passar pela mesma fome dos pais e seus avós, pois o sertão continuaria a expulsar o povo nordestino de suas terras.

No último capítulo, **Fome de brasilidade: a saga do retirante infantil como símbolo do engajamento do Modernismo Nordestino**, ao apresentarmos um breve panorama da fome na literatura brasileira, de suas origens até o meados do século XX, traçamos uma historiografia sobre a fome do retirante infantil e o (não)lugar do nordestino como temática de consolidação do ideário de brasilidade. A dialética entre o lugar e o não lugar do retirante, como o eixo de sustentabilidade deste trabalho, buscou criticar o lugar que ao povo brasileiro foi negado, para, em seguida, mostrar que esse lugar foi devolvido, pelos escritores do Modernismo do Nordeste, na medida em que desenvolveram um trabalho engajado com a denúncia dos problemas sócio-políticos de uma nação, formando, como defende Antonio Candido (2007), a “verdadeira literatura” brasileira. Além da denúncia da fome do povo brasileiro, há, no projeto modernista, um questionamento sobre a ausência de aspectos de brasilidade em nossa literatura, que começa a ser saciada pelo ideário modernista.

A fome seria um dos traços de brasilidade impedido de vir à tona por causa da vergonha, do silêncio que fez o assunto virar *tabu*. O discurso do romance do Modernismo do Nordeste, entretanto, engajado em quebrar esse *tabu*, trouxe à tona

o problema, visando conscientizar o público sobre a situação econômica do país, além de contribuir para a transformação de nossa cultura.

No ideário modernista, há a consciência de um país novo, visto que a renovação estética nasceu no Nordeste. Embora seja um movimento regional, o Modernismo nordestino teve um caráter verdadeiramente nacional. Seu projeto ideológico, preocupado com o dado local, apresentou a experiência identitária do retirante infantil nordestino e o seu não-lugar no mundo. Apresentando seu interesse pelo dado nacional, pela investigação da realidade brasileira e principalmente das condições sociais do país, foi considerado um dos movimentos mais ricos de nossa literatura, uma vez que se empenhou em representar a crise do espaço e a organização social injusta do país. Sua função, mais do que estética, é fazer conhecer o Brasil e sua cultura, onde entram em cena o pobre, o esquecido, o espezinhado.

Os escritores do Modernismo do Nordeste que, no século XX, entre 1928 e 1946, sucederam os escritos de Patrocínio e Teófilo, trouxeram o povo para o centro das discussões literárias, enfatizando que a fome atinge todas as classes, mas de forma diferenciada, visto que é apenas a classe desfavorecida economicamente que sofre na pele as fomes endêmica e epidêmica. Em *A Bagaceira* (1928), verificamos que José Américo de Almeida destacou a família de retirantes nordestinos sobrepujados pelo descaso das ações estatais. Desiludido e diluído pela fome absoluta, o povo nordestino, em tempos de seca, passa a perambular pelas terras nordestinas, em busca de comida, água e vida, encontrando, todavia, desrespeito e a certeza de que, embora nascidos no mesmo chão, não têm a mesma sorte daqueles que acumulam as riquezas do país. A fome infantil, em José Américo, é a representação da violência a que são submetidos os marginalizados no Brasil.

São, contudo, as obras *O Quinze* (1930) e *Vidas secas* (1938), de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, respectivamente, que se apresentam como exemplos privilegiados da tematização da fome, em particular da fome infantil, visto que redirecionaram, num trajeto de subversão, o olhar literário sobre o Brasil, denunciando, ficcionalmente, a tragicidade da fome em terras brasileiras e o espaço a que foi negado o povo nordestino.

Jorge Amado, embora reconhecido e aplaudido, tanto no Brasil quanto no exterior, pode ser visto como uma vítima da supressão canônica em nossa memória literária, comprovada por sua parca presença nos estudos acadêmicos, a exemplo do romance *Seara vermelha* (1946), que fecha o ciclo da fome e do Modernismo do Nordeste. Analisando e criticando a fome menina em terras sertanejas, o romancista mostra como a negação do espaço ao oprimido se torna determinante para a construção de suas identidades. No romance, os três filhos do protagonista representam a tríplice resposta que pode ser dada à crueldade dos poderosos para com os marginalizados: um vinga-se pela via do cangaço, outro procura as respostas messiânicas para as suas dores e o último se torna militante, aderindo às lutas sociais de sua gente.

É verdade que o ponto alto do romance modernista nordestino se dá com Graciliano Ramos, tendo em vista que mais que falar do meio, da natureza, da seca e da fome ele se propõe a falar do homem, das vidas ressequidas dos sertanejos que precisam emigrar porque a eles não foi oferecida condição de permanecer nos seus lugares de origem. O que diferencia Graciliano Ramos dos demais escritores de sua época é seu poder de concisão. Enquanto escritores como Rachel de Queiroz e Jorge Amado, por exemplo, escorregam no excesso de palavras, expressões e críticas à situação da seca e da fome, Graciliano permite que o leitor analise o problema e cogite possíveis respostas, levando o receptor a criticar o problema social esteticamente tratado.

Com a escrita dos romances do Modernismo nordestino, principalmente com o romance de Graciliano Ramos, passamos a ter uma literatura nacional de prestígio, em que o povo é colocado no centro da discussão e são enfatizados seus verdadeiros problemas, como a fome, a miséria, o descaso das forças públicas, tudo consequência do avanço tecnológico e das forças maléficas do capitalismo, preocupado com o acúmulo do poder nas mãos da classe socialmente favorecida.

Os espaços escolhidos pelos romancistas nordestinos são, portanto, aqueles marginalizados, diferentemente do que ocorre no Romantismo, no qual temos o Brasil como lugar de idealização. Nesse sentido, a temática da fome derruba o mito

do Brasil conhecido como terra de fartura, como se verifica na *Carta de Caminha*, escrita na época da colonização brasileira:

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados [...]. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. (CAMINHA, 1963⁶)

A migração para a “terra prometida”, lugar para onde procura fugir o povo nordestino na historiografia da fome brasileira, representa a busca pelo espaço ideal, no qual as comunidades humanas possam se estabelecer de forma definitiva, sem enfrentar problemas de calamidade alimentar. Todavia, ao problematizar o espaço geográfico, político, sócio-histórico e cultural do povo nordestino, o Modernismo abre espaço para o grito dos excluídos, permitindo que suas vozes, silenciadas pelas mordidas dos poderes públicos, apresentem sua indignação em relação à situação dos representantes do nosso país.

Os escritores modernistas do Nordeste, ao redirecionarem o olhar literário sobre o país, enfatizando suas mazelas e degradações de privações humanas, instauram ideologicamente um realismo social e uma marca apreciativa do romance nacional. Nesse intercâmbio, coube à escrita nordestina a façanha de revelar as linhas do atraso e do anacronismo que desconfiguravam o semblante da nação:

[...] o caso do Brasil é talvez peculiar, pois aqui o regionalismo inicial, que principia com o Romantismo, antes dos outros países, nunca produziu obras consideradas de primeiro plano [...] De tal modo que só a partir mais ou menos de 1930, numa segunda fase que estamos tentando caracterizar, as tendências regionalistas, já sublimadas e como transfiguradas pelo realismo social, atingiram o nível das obras significativas, quando em outros países, sobretudo Argentina, Uruguai, Chile, já estavam sendo postas de lado [...] O que vemos agora, sob este aspecto, é uma florada novelística, marcada pelo refinamento técnico, graças ao qual as regiões se transfiguram e os seus contornos humanos se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se desencarnarem e adquirirem universalidade (CANDIDO, 1989, p. 161).

⁶ *Carta a El Rei D. Manuel*. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2013.

Nessa distinção, como enfatiza Antonio Candido (1989), se processa a superação da velha concepção estético-ideológica do Brasil, afigurado como *país novo*, ou *país do futuro*, substituída pela noção de *país subdesenvolvido*. Numa linguagem contundente e corrosiva, os modernistas do Nordeste explicitaram, através da tragédia da fome, a relação entre a arte brasileira e a sua sociedade. Essa relação dialética comprova como o texto literário passa a refletir, no todo social, a maneira como a própria sociedade está montada e organizada.

Os romancistas do Modernismo do Nordeste se mostraram, portanto, engajados em oferecer diversos modos de expressão da fome na literatura brasileira, em especial a fome do retirante infantil, o que sugere uma busca da sensibilização do leitor, que passa a enxergar o menino brasileiro não mais como adulto em miniatura, mas como um ser frágil, como futuro do país e, portanto, digno de um olhar mais acurado.

As reflexões sobre a experiência da fome no universo da palavra literária mostraram o quanto os romances que abordaram essa temática foram significativos para a construção e a afirmação do ideário de brasilidade, visto que a tragédia famélica como uma vergonha nacional foi capaz de construir uma literatura que exhibe a região Nordeste como representante de nossa nação, em que a população, mal alimentada, é mostrada como representação de um Brasil faminto de autoconhecimento, de personalidade e de justiça. Nesse sentido, a reconstrução de uma identidade formulada a partir do nacional, no nosso caso, o retirante menino, cria a imagem não-idealizada de um país faminto de si mesmo, faminto de autoconstrução, calcada no mundo real do brasileiro porque apresenta sua vida social, política, econômica em suas diversas esferas.

Em relação aos estudos literários no Brasil, notadamente aqueles que representam o flagelo da fome durante o êxodo das famílias nordestinas, esse trabalho se mostrou significativo, uma vez que procurou quebrar o *tabu* do silêncio que envolvia a temática da fome no país. Além disso, propagamos, com o nosso estudo, que essa temática, consolidada no Modernismo do Nordeste, foi decisiva,

tanto quanto os temas da seca e do cangaço, temas, esses, já privilegiados nessa fase, para a afirmação do projeto de identidade da literatura brasileira.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. O pio da coruja e as cercas de Paulo Honório. In: MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JUNIOR, Benjamin. (Orgs.). *Personae*: grandes personagens da literatura brasileira. São Paulo: SENAC, 2001.

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos*: cidadão e artista. Brasília: UnB, 1999.

ABRAMOVAY, Ricardo. *O que é fome*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ADONIAS FILHO. *O romance brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.

_____. Volta a Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano. *Insônia*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979. (posfácio).

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. 18. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

ALMEIDA, José Américo. *A Bagaceira*. 25. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

AMADO, Jorge. *Seara vermelha*. São Paulo: Martins, 1951.

_____. Mestre Graça. In: RAMOS, Graciliano. *Viagem*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979. (prefácio).

AMORIM, José Edilson de. *Era uma vez no Nordeste*. 1. ed. Campina Grande: EDUFCEG, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Perguntas em forma de cavalo-marinho. In: _____. *Poesia e prosa*: organização do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ANDRADE, Luiz Eduardo da Silva. A natureza monstruosa em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. In: *Mafuá*: Revista de literatura em meio digital. Ano 7, nº 11. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2009.

ANDRADE, Mário de. Improviso do mal da América. In: _____. *Melhores poemas*: seleção de Gilda de Mello e Souza. 7. ed. São Paulo: Global, 2003.

ARANHA, Graça. *Canaã*: romance. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

ARAUJO FILHO, Hildeberto Barbosa de. O regionalismo e o escrito contemporâneo. In: *Revista Correio das Artes*. João Pessoa, 02 set. 2010.

ARÊAS, Vilma. Convenção e expressão em Graciliano Ramos e Clarice Lispector. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.) *Graciliano revisitado*. Natal: UFRN/CCHLA, Editora Universitária, 1995.

ARIÈS, Philippe. *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*. Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio D'Água, 1988.

ARRIGUCCI JR. Davi. O sertão em surdina. In: *Folha de São Paulo*: Jornal de resenhas. São Paulo. 12 de maio de 2001. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1205200101.htm>. Acesso em: 18 de setembro de 2013.

ATHAYDE, Tristão de. Os ramos de Graciliano. In: RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977. (posfácio).

AUERBACH, Eric. A meia marrom. In: _____ *Mimesis*: a representação da realidade na literatura ocidental. Trad. Suzi F. Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ÁVILA, Affonso. Do Barroco ao Modernismo: o desenvolvimento cíclico do projeto literário brasileiro. In: *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva: 1975

AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *100 anos de Graciliano Ramos*. João Pessoa: Idéia, 1992.

BIGNOOTTO, Cilza Carla. *Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato*: convergências e divergências. São Paulo: Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 1999. (Dissertação de Mestrado).

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. Céu, inferno. In: _____ *Céu, inferno*: ensaios de crítica literária e ideologia. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

_____. A interpretação da obra literária. In: _____ *Céu, inferno*: ensaios de crítica literária e ideologia. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Simões, 1969.

BRAYNER, Sonia (Org.). *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978 (Col. Fortuna Crítica, vol. 2).

BRITO, Luciana. A fome: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XIX. In: *Revista Estação Literária*. Londrina, v. 10B, 2013.

_____. A fome: uma atmosfera de abandono e sofrimento. In: *Baleia na Rede: estudos em arte e sociedade*. UNESP, v. 09, 2012.

BUENO, Luís. Divisão e unidade do romance de 30. In: WERKEMA, Andréa Sirihal et. al. *Literatura brasileira: 1930*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

CALLADO, Antonio. Formação da literatura brasileira: um monólogo interior. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria. *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de. Graciliano Ramos: o romance do outro: *Vidas secas*. In: *Uma história do romance de 30*. Campinas, SP: [s.n.], 2001. (Tese de Doutorado)

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo, 1963. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2013.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *REMATE DE MALES* – Revista do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP – Departamento de Teoria Literária. São Paulo, 1999.

_____. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo/Rio: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. Depoimento de Antonio Candido. In: *Simpósio Graciliano Ramos 75 anos*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=p3r-dY-0Ows>. Acesso em: 31 de março de 2013.

CARDOZO, Joaquim. Cemitério da infância. In: _____. *Poesia completa e prosa*: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Recife: Massangana, 2007.

CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979. (posfácio).

CARVALHO, Neuza Ceciliato de. Fantasia e emancipação em três tempos. In: CECCANTINI, João Luís C. T. (org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil*: memória de Gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2004.

CARVALHO, Antonio Moraes de. *Graciliano*: Ramos excluídos. João Pessoa: UFPB, 2005. (Tese de Doutorado).

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CASTRO, Anna Maria de. Prefácio. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986.

CHAVES, Nelson Ferriera de Castro. *Fome, criança e vida*. Recife: Massangana, 1982.

CHIAPPINI, Ligia. Os equívocos da crítica à Formação. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria. *Dentro do texto, dentro da vida*: ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CONRADO, Regina Fátima de Almeida. *O mandacaru e a flor*: autobiografia, infância e os modos de ser Graciliano. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*: era de transição. 4. ed. v. 4. São Paulo: Global, 1997.

COUTO, Ribeiro. Travessia. In: _____. *Melhores poemas*: seleção de José Almino. São Paulo: Global, 2002.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos*: estruturas e valores de um modo de narrar. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Três, 1984.

DACANAL, José Hildebrando. *O Romance de 30*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

- DANTAS, Audálio. *A infância de Graciliano Ramos*. São Paulo: Instituto Callis, 2005.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das crianças no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- DINIS, Nilson Fernandes. *Perto do coração criança: uma leitura da infância nos textos de Clarice Lispector*. Campinas: UEC, 2001. (Tese de Doutorado).
- ECO, Humberto. *Interpretação e superinterpretação*. Trad. MF. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FARIA, Octavio. Graciliano Ramos e o sentido do humano. In: RAMOS, Graciliano. *Infância*. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995. (posfácio).
- FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra*. Fortaleza: Universidade do Ceará, 1967.
- FELINTO, Marilene. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FRAGA, Myriam. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Moderna, 2007.
- GARBUGLIO, José Carlos. Graciliano Ramos: a tradição do isolamento. In: BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; FACIOLI, Valentim (Orgs.). *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987.
- GINZBURG, Jaime. A violência na literatura brasileira: notas sobre Machado de Assis, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. In: _____. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: FAPESP, 2012.
- _____. Graciliano Ramos: infância e violência. In: *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: FAPESP, 2012.
- GOMES, Heloisa Toller. Menino de engenho: a memória das perdas. In: João Cezar de Castro Rocha (Org.). *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003, v. 1.
- GRECO, Riccardo. Literatura e fome: representação da velha luta entre opulência e miséria. In: *Baleia na Rede*: Revista online do Grupo de Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura. Vol. 1, n 4, 2007. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/1400/1225>. Acesso em: 31 de outubro de 2013.
- HAMSUN Knut. *Fome*. Trad. Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Geração Editorial, 2009.

ITERRA. Josué de Castro: semeador de idéias. In: *Cadernos do ITERRA*. Ano II, nº 7, dezembro de 2000.

KOHAN, Walter Omar. *Infância: entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KIFFER, Ana. A fome contra a miséria. In: TELES, Gilberto Mendonça; DINIZ, Júlio César Valladão (Orgs.). *Diálogos ibero-americanos*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2005.

_____. Profecias poéticas. In: MARTINS, Karla Patrícia Holanda (Org.). *Profetas da chuva*. Fortaleza: Tempo Dimagem, 2006.

_____. Graciliano Ramos e Josué de Castro: um debate acerca da fome no Brasil. In: *Via Atlântica*. v. 13. São Paulo: USP, 2008.

_____. Sobre a representação da fome. In: OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik (Orgs.). *Literatura e realidade(s): uma abordagem*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

_____. Fome e revolução: Josué de Castro e Glauber Rocha. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.). *Literatura e revolução*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

_____. *Literatura e fome: um paradoxo*. Setembro de 2011. Disponível em: <http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/literatura-e-fome-um-paradoxo/>. Acesso em: 28 de setembro de 2011.

_____. Meu corpo a vossa fome. In: *Revista Periferia*. vol. III, nº 1. Rio de Janeiro, [201?].

LAFETÁ, João Luiz. O mundo à revelia. In: RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

_____. Os pressupostos básicos. In: *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

_____. O Modernismo 70 anos depois. In: MEIBY, José Carlos Sebe Bom; ARAGÃO, Maria Lúcia (Org.). *América, ficção e utopias*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. *Graciliano Ramos: um herói negativo*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qdSpgBwwM38>. Acesso em: 15 de agosto de 2012.

LAGE, Verônica Lucy Coutinho. Rachel de Queiroz: um instrumento religioso da população marginalizada ou um meio de uma sociedade patriarcal? In: *Revista verbo de Minas: centenário de Raquel de Queiroz*. Juiz de Fora, v. 10, n. 18, jul./dez. 2010.

LEMOS, Taísa Vilese de. *Graciliano Ramos – A infância pelas mãos do escritor: um ensaio sobre a subjetividade na psicologia sócio-histórica*. Juiz de Fora: UFJF/Musa Editora, 2002.

LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio à décima edição. In: CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

LIMA, Luiz Costa. A reificação de Paulo Honório. In: *Por que literatura?* Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. Concepção de história literária na Formação. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria. *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Graciliano Ramos e o Romance Nordestino. In: PORTELLA, Eduardo et. al. *O Romance de 30 no Nordeste*. Fortaleza: PROED, 1983.

LIMA, Valdemar de Souza. *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980.

LINS, Álvaro de. Valores e misérias das vidas secas. In: *Vidas secas*. 34. ed. Rio/São Paulo: Record/Martins, 1975. (posfácio).

LINS, Osman. O mundo recusado, o mundo aceito e o mundo enfrentado. In: RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. 17. ed. São Paulo: Record, 1979. (posfácio).

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Trad. Alfredo Margarido. Lisboa: Presença, 1963.

MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

MALARD, Letícia. *Ensaio de literatura brasileira: ideologia e realidade em Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

_____. Como e por que aconteceu *Vidas secas*. In: WERKEMA, Andréa Sirihal et. al. *Literatura brasileira: 1930*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

MANÇANO, Bernardo e WALTER, Carlos. *Josué de Castro: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

MARTINS, Wilson. Graciliano Ramos, o Cristo e o grande inquisidor. In: BRAYNER, Sonia (Org.). *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. Graciliano Ramos. In: *A ideia modernista*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

MATA, Anderson Luís da. *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea*. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. (Dissertação de Mestrado).

MELO JÚNIOR, Maurício. Seca doçura. In: *Gazeta do Povo*. Paraná, [201?]. Disponível em: <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/seca-docura/>. Acesso em: 23 de setembro de 2013.

MELO NETO, João Cabral de. Congresso no Polígono das Secas. In: _____. *Obra completa*: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MENDONÇA, Wilma Martins de. *Memórias do cárcere*: cativo manifesto, cativo simulado. João Pessoa: UFPB, 1993. (Dissertação de Mestrado).

MERCADANTE, Paulo. A morte de Baleia. In: *Graciliano Ramos: o manifesto do trágico*. São Paulo: Topbooks, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MIRANDA NETO, Manoel José de. *Os lucros da fome: o mito da escassez de alimentos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1985.

_____. *Dominação pela fome: economia política do abastecimento*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004.

_____. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

_____. A arte política de Graciliano Ramos. In: CASTRO, Marcílio França (Org.). *Ficções do Brasil: conferências sobre literatura e identidade nacional*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2006.

MONTELLO, Josué. Revisão do Romance Nordestino de 30. In: PORTELLA, Eduardo et. al. *O Romance de 30 no Nordeste*. Fortaleza: PROED, 1983.

MONTENEGRO, Abelardo. *O romance cearense*. Fortaleza: Tipografia Royal, 1953.

MONTENEGRO, Pedro Paulo. Introdução: O Romance de 30 no Nordeste. In: PORTELLA, Eduardo et. al. *O Romance de 30 no Nordeste*. Fortaleza: PROED, 1983.

MORAES, Dênis. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

MOTTA, Sérgio Vicente. Graciliano Ramos: a reinvenção do real (os sete círculos do inferno: a construção de *Vidas secas*). In: *O engenho da narrativa e sua árvore genealógica: das origens a Graciliano e Guimarães Rosa*. São Paulo: UNESP, 2006.

NEVES, Frederico de Castro. A miséria na Literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. In: *Tempo: Revista do Departamento de História da UFF*, v. 22, 2007.

NITRINI, Sandra. Antonio Candido: um comparatista dialético. In: *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EDUSP, 2000.

OLIVEIRA, Antônio Eduardo de. Reflexos de *Os contos de Canterbury* e de *O coração das trevas* em *Vidas secas*. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.) *Graciliano revisitado*. Natal: UFRN/CCHLA, Editora Universitária, 1995.

OLIVEIRA, Luciano. *O bruxo e o rabugento: ensaios sobre Machado de Assis e Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2010.

PATROCÍNIO, José do. *Os retirantes*. São Paulo: Editora Três, 1973. (vol. I e II)

PEREIRA FILHO, Waldemar Rodrigues. A fome: ânsia ou carência: uma leitura das obras de Rodolfo Teófilo e Knut Hamsun. In: *Anais do Seminário de Teses em andamento – SETA*. Campinas-SP: IEL/Unicamp, 2010. v. 4. (Tese em andamento)

PINTO, Rolando Morel. *Graciliano Ramos: autor e ator*. São Paulo: Duas Cidades, 1962.

PINTO, João Pereira. *A liberdade em Graciliano Ramos*. Contagem: Santa Clara, 2001.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.

RAMALHO, Christina Bielinski. A terra prometida. In: *Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. (Tese de Doutorado)

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 79. ed. São Paulo: Record, 2000.

_____. *Linhas tortas*. 8. ed. São Paulo: Record, 1980.

RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Col. Retratos do Brasil, v. 134).

_____. *Cadeia*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1992.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano*: retrato fragmentado. São Paulo: Siciliano, 1992.

REGO, José Lins do. *Presença do Nordeste na literatura*. Rio de Janeiro: MEC, 1957.

RESENDE, Vânia Maria. A presença do menino na narrativa brasileira moderna. In: *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

RICARDO, Cassiano. Ciente. In: _____. *Melhores poemas*: seleção de Luiza Franco Moreira. São Paulo: Global, 2003.

RUEDAS DE LA SERNA, Jorge (Org.). *História e literatura*: homenagem a Antonio Candido. Campinas: UNICAMP, Fundação Memorial da América Latina; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

SALLA, Thiago Mio (Org.). Carta de Graciliano Ramos às crianças. In: *Garranchos*: textos inéditos de Graciliano Ramos. São Paulo: Record, 2012.

SANT'ANNA. Affonso Romano. Vidas secas. In: *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1973.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *A face oculta de Graciliano Ramos*: os 80 anos de um inquérito literário. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1992.

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*: uma ficção de Silviano Santiago. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. Mesa-redonda. In: *Graciliano Ramos*: antologia & estudos. BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentim; GARBUGLIO José Carlos (Orgs.). Participação especial de Antonio Candido, Franklin de Oliveira, Rui Mourão e Silviano Santiago. São Paulo: Ática, 1987. (Escritores brasileiros, 2)

SANTOS, Nelson Pereira dos. Graciliano e *Vidas secas*. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Graciliano revisitado*. Natal: UFRN/CCHLA, Editora Universitária, 1995.

SCHLECHT, Cristiane de Vasconcellos. *Olhares divergentes*: Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Campinas, SP: UNICAMP, 2010. (Dissertação de Mestrado)

SCHWARZ, Roberto. Sobre a Formação da literatura brasileira. In: *Sequências brasileiras*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Jacklaine de Almeida. *Infância, de Graciliano Ramos: uma proposta para sala de aula*. Campina Grande: UFCG, 2004. (Monografia de Especialização)

_____. *Com Graça na escola: da ficção à realidade da sala de aula*. Rio de Janeiro: CBJE, 2011.

SILVA, Leila Maria da. *Anjos perdidos na poeira do sertão: as crianças retirantes e seus destinos em O Quinze de Rachel de Queiroz*. [201?]. Disponível em: <http://www.facos.edu.br/old/galeria/118102011051210.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2013.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. Memórias do cárcere. In: RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979. (prefácio).

SOUZA BARROS. Prefácio. In: TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Leitura S/A, 1974.

SOUZA, Tânia Regina de. *A infância do velho Graciliano: memórias em letra de forma*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

TELES, Gilberto Mendonça. A Crítica e o Romance de 30 no Nordeste. In: PORTELLA, Eduardo et. al. *O Romance de 30 no Nordeste*. Fortaleza: PROED, 1983.

_____. *A crítica e o Romance de 30 do Nordeste: ensaio*. Rio de Janeiro: Atheneu Cultura, 1990.

TEÓFILO, Rodolfo. *A fome: cenas da seca no Ceará*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Leitura S/A, 1974.

VALE NETO, Isac Ferreira do. *Batalhas da memória: a escrita militante de Rodolfo Teófilo*. Ceará: UFC, 2006. (Dissertação de Mestrado)

VENTUROTTI, Fabiano. Exílio, fronteira e fome em *Vidas secas*. In: *Revista Crioula*. São Paulo, maio de 2008.

VERDI, Eunaldo. *Graciliano Ramos e a crítica literária*. Florianópolis: UFSC, 1989.

VILLA, Marco Antonio. *Vida e morte no sertão*: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2001.

VILLAR, Valter Luciano Gonçalves. A recepção crítica ao Movimento Modernista do Nordeste. In: *Os árabes e nós*: a presença árabe na literatura brasileira. João Pessoa: UFPB, 2012. (Tese de doutorado)

ZILBERMAN, Regina. Antonio Candido e o projeto de Brasil. In: *Revista brasileira de Literatura Comparada*. v. 1, n.9. São Paulo: Abralic, 2006.